GRAPHIDEIA
96
CÓPIAS

FRIEDRICH

Schiller

OS BANDOLEIROS

Edição comentada

Tradução, organização, prefácio, comentários e notas de
MARCELO BACKES

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

Coleção **L&PM** POCKET, vol. 236

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título do original alemão: *Die Räuber*
Tradução da peça baseada na Berliner Ausgabe em 10 Volumes, editada por Hans-Günther Thalheim, Aufbau-Verlag, Berlin und Weimar, 1981.

Primeira edição na Coleção **L&PM** POCKET: 2001
Esta reimpressão: agosto de 2011

Tradução: Marcelo Backes
Capa: L&PM Editores sobre detalhe da obra de Delacroix (1798-1863), A liberdade guiando o povo.
Revisão: Renato Deitos

ISBN 978-85-254-1130-3

V945b Von Schiller, Friedrich, 1759-1805
Os bandoleiros / Friedrich Von Schiller; tradução de Marcelo Backes. – Porto Alegre: L&PM, 2011.
208 p.; 18 cm. (Coleção L&PM POCKET)

1. Ficção alemã-Teatro. 2. Schiller, Friedrich Von, 1750-1805. I. Título. II. Série.

CDD 832
CDU 830-2

Catalogação elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© da tradução, L&PM Editores, 2001

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221.5380

Pedidos & Depto. comercial: vendas@lpm.com.br
Fale conosco: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br

Impresso na Gráfica e Editora Pallotti, em Santa Maria, RS, Brasil
Inverno de 2011

Sumário

Prefácio – *Marcelo Backes* 5

Os Bandoleiros 9
Primeiro ato 11
Segundo ato 54
Terceiro ato 106
Quarto ato 125
Quinto ato 167

Comentário final – *Marcelo Backes* 196
Monumento a Moor, o Bandoleiro 200
O autor ao público 203

Cronologia biobibliográfica resumida de Schiller 205

peça. E a expressão da liberdade é Karl von Moor, assim como a marca do tacão absolutista aparece registrada inteira em seu irmão, Franz. Maximilian, o pai dos dois, é a bondade – meio cega, já fraca e decadente – de uma época que agoniza. A peça é, segundo o próprio Schiller, "a pintura de uma alma grandiosa e perdida... armada com todos os dons para a excelência e, com todos os dons... perdida" – Karl von Moor.

A peça "me custou família e pátria", disse Schiller, que foi obrigado a abandonar sua cidade e os seus por causa dela. A experiência dolorida do autor só fez contribuir no primor da obra, que, se leva algumas imperfeições inescapáveis típicas da precocidade, já traz a marca do gênio. No prefácio à primeira edição d'*Os Bandoleiros*, Schiller diz que o texto era mais uma história dramática do que uma peça teatral. A peça foi montada com êxito na Alemanha um sem-número de vezes, mas nela se percebe com nitidez que na Europa o teatro é feito também para ser lido. Assim seja...

Friedrich

Schiller

OS BANDOLEIROS

Peça teatral

Quae medicamenta non sanant, *ferrum* sanat, quae ferrum non sanat, *ignit* sanat.

Hipócrates[1]

1. A tradução da epígrafe latina, que aparece apenas a partir da segunda edição, é: "O que os medicamentos não curam, o ferro cura; o que o ferro não cura, o fogo cura". Trata-se de uma sentença de Hipócrates, conhecido médico da Antiguidade e tido como pai da Medicina. Hipócrates nasceu em 460 a. C. na ilha de Kos e morreu em 377 a. C. na ilha de Larissa, na Tessália. (N.T.)

PERSONAGENS:

Maximilian, conde reinante de Moor.
Karl e
Franz, seus filhos.
Amália Von Edelreich
Spiegelberg
Schweizer
Grimm
Razmann
Schufterle
Roller
Kosinski
Schwarz[2]

todos moços libertinos, mais tarde bandidos.

Herrmann, filho bastardo de um fidalgo.
Daniel, criado do conde de Moor.
Pastor Moser
Um padre
Acompanhamento

O lugar onde transcorre a ação é a Alemanha.
A época, por volta da metade do século XVIII.
O tempo da peça é de mais ou menos dois anos.

2. Quase todos os nomes usados por Schiller na peça têm significado na língua alemã. Se **Moor,** o nome do conde e de seus filhos, significa "pântano", a maior parte dos nomes dos membros do bando também tem seu significado. Alguns deles inclusive são importantes na compreensão dos personagens. Vá lá: **Spiegelberg:** montanha de espelhos, nome claramente judaico. **Schweizer:** suíço. **Grimm:** ira. **Schufterle:** nitidamente deriva de "Schuft", que significa patife. **Roller:** trotinete (brinquedo de criança) ou canário flauta (espécie de canário). **Schwarz:** preto. (N.T.)

PRIMEIRO ATO

Primeira cena

Francônia. Sala no castelo de Moor.
Franz e o velho Moor.

Franz – Estais de fato bem, meu pai? Pareceis tão pálido.

O Velho Moor – Estou muito bem, meu filho... O que tinhas a me dizer?

Franz – O correio chegou... trazendo uma carta do nosso correspondente em Leipzig...

O Velho Moor *(ansioso)* – Notícias do meu filho Karl?

Franz – Mmmmm... Assim é. Mas eu temo... não sei... se eu... E vossa saúde? Tendes certeza de que estais bem, meu pai?

O Velho Moor – Como um peixe na água! A carta traz algo sobre o meu filho? Mas por que tu manifestas tanta preocupação? Me perguntaste duas vezes...

Franz – Se vós estais doente... Se tendes o menor receio de ficar mal, deixai-me... Quando for oportuno volto a falar a respeito... *(Em voz baixa, falando consigo mesmo.)* Esta notícia não é para um corpo alquebrado como o dele.

O Velho Moor – Meu Deus! Meu Deus! O que é que tens a me dizer?

Franz – Deixai-me de lado um pouco antes disso, a fim de que possa verter uma lágrima de piedade pelo meu irmão perdido... Eu deveria calar para sempre... pois ele é vosso

filho; quis ocultar sua ignomínia para sempre... pois ele é meu irmão...[1] Mas obedecer-vos é o primeiro de meus deveres... por isso perdoai-mo.

O Velho Moor – Oh, Karl! Karl! Se soubesses quanto martirizas o coração de teu pai com tua conduta! Se soubesses que uma boa notícia acrescentaria dez anos à minha vida... que ela me faria rejuvenescer... já que todas... ah, todas as que tenho recebido só me aproximam passo a passo da cova!

Franz *(em voz baixa e fazendo menção de sair)* – Se é assim, meu velho, adeus... Ainda hoje haveremos, todos nós, de arrancar-nos os cabelos ante o vosso féretro.

O Velho Moor – Não saia daqui! Ainda resta um pequeno passo a dar... que ele seja dado *(diz, enquanto vai sentar-se)*. Os pecados dos antepassados voltam a visitar-nos e castigar-nos na terceira ou na quarta geração...[2] Deixa que ele acabe com tudo.

Franz *(pega a carta do bolso)* – Vós conheceis nosso correspondente! Vede! Daria um dedo de minha mão direita para poder comprovar que ele é um mentiroso, um mentiroso esperto e carregado de veneno... Calma, por favor! Havereis de me perdoar pelo fato de não deixar-vos ler, vós mesmo, a carta... Ainda não deveis saber de tudo...

O Velho Moor – Tudo, tudo... meu filho. Leia-a e estarás me poupando de usar a bengala da velhice!

Franz *(lendo)* – "Leipzig, dia 1º de Maio. Não estivesse eu atado à palavra de que não te ocultaria nada do que tivesse algo a ver com a sorte de teu irmão, querido amigo, e jamais permitiria que minha inocente pena fosse

1. Note-se o uso magistral do paralelismo, bem de acordo com a esperteza sagaz de Franz von Moor. (N.T.)

2. Referência bíblica. Há, na peça, várias referências à Bíblia que ora são sérias ora paródicas, ora exatas ora livres, ora conscientes ora inconscientes. (N.T.)

cúmplice de semelhante tirania. Centenas de cartas tuas provam para mim que notícias dessa natureza despedaçam teu coração de irmão, e parece que já vejo esse infame, essa nulidade humana..." *(O velho Moor esconde seu rosto entre as mãos.)* Atenção, meu pai! Só vos lerei aquilo que é menos duro, mais leve... "essa nulidade humana arrancando milhões de lágrimas dos teus olhos..." ah, e de fato elas brotam... jorram aos borbotões por estas faces cheias de compaixão... "É como se eu já visse teu velho e digno pai mortalmente pálido..." Jesus, Maria, José! E já estais assim depois de ter ouvido tão pouco?

O Velho Moor – Adiante! Adiante!

Franz *(prosseguindo a leitura)* – "...mortalmente pálido cambalear e cair sobre a cadeira, maldizendo o dia em que o chamaram pela primeira vez de pai. Não permitiram que eu descobrisse tudo a respeito, e do pouco que sei saberás menos ainda. Teu irmão parece ter chegado ao cúmulo da ignomínia; eu, pelo menos, não conheço nada nem ninguém que o tenha superado, a não ser que o conhecimento dele seja superior ao meu neste ponto. Ontem à meia-noite, depois de ver que sua dívida chegava a quarenta mil ducados," – uma mesada e tanto, não, meu pai? – "depois de ter desonrado a filha de um rico banqueiro, depois de ter ferido de morte ao amado dela, um jovem de posição, num duelo, tomou a grande decisão de fugir às garras da justiça, junto com outros sete rapazes, que sempre o acompanharam em sua vida dissoluta"... Meu pai! Pelo amor de Deus, meu pai! Como estais?

O Velho Moor – Basta! Não prossiga, meu filho!

Franz – Eu vos pouparei, meu pai... "Enviaram cartas com a ordem de prendê-lo para todas as partes, os ofendidos clamam por justiça e sua cabeça foi posta a prêmio... o nome Moor..." Não! Meus pobres lábios não haverão jamais de

matar um pai! *(Rasga a carta.)* Não acreditai nisso, meu pai! Não acreditai sequer numa palavra!

O Velho Moor *(chora amargurado)* – O meu nome! O meu honrado nome!

Franz *(caindo em seus braços)* – Amaldiçoado, três vezes amaldiçoado Karl! Não sei como não me dei conta de que ele já era assim quando ainda era moço, e corria junto de outros arruaceiros e tipos de sua laia atrás das moças, perseguindo-as por campos e montanhas, quando fugia da igreja como o diabo da cruz e jogava ao chapéu do primeiro mendigo os centavos que arrancava a custo de vós, enquanto em casa nos ocupávamos de orações devotas e prédicas santas! Como não fui me dar conta disso quando o via preferir as aventuras de Júlio César, Alexandre Magno e outros heróis de alma escura como o breu à história do penitente Tobias?[3] Mais de cem vezes vos tornei ciente, já que meu amor a ele sempre respeitou as fronteiras da obrigação infantil, de que ele ainda haveria de nos precipitar à miséria e à ignomínia... Oh, se ele ao menos não fosse um Moor! Se meu coração não batesse tão ardentemente por ele! Esse amor ímpio, sobre o qual não logro alcançar domínio, ainda haverá de me acusar ante o trono julgador de Deus.

O Velho Moor – Oh... E os meus projetos! Meus sonhos dourados!

Franz – Eu os conheço muito bem. Era precisamente a respeito deles que eu falava há pouco. O espírito ardente que chameja no interior dele, conforme vós sempre dizíeis, esse espírito que o torna sensível a qualquer encanto da

3. Gaius Julius César (100-44 a. C.), general e imperador romano, ainda voltará a ser citado na peça. Alexandre, rei da Macedônia (356-323 a. C.). Tobias é responsável por um livro apócrifo do Antigo Testamento e levou vida santa pagando depois de ter se tornado cego no momento em que foi atingido nos olhos pelo excremento de uma andorinha. (N.T.)

grandeza e da formosura, essa franqueza que se reflete em seus olhos, essa delicadeza de sentimentos que lhe introduz no peito uma simpatia chorosa por todo o tipo de desgraça, essa coragem varonil que já em criança o tangia ao cume de carvalhos centenários, fazendo com que corresse por aí, pulando sobre valas, paliçadas e rios turbulentos, essa ambição infantil, essa tenacidade invencível e todas as outras virtudes brilhantes e dignas de respeito que se viam germinar na alma do mimado, haveriam de um dia fazer dele um amigo caloroso de verdade, um cidadão primoroso, um herói, um grande, mas bem grande homem... Era o que dizíeis... Agora vedes no que deu, meu pai! O espírito ardente desenvolveu-se, espalhou-se e produziu frutos magníficos. Vede essa franqueza, com que graça ela foi se tornando malandragem aos poucos; vede essa delicadeza, como degenera em coqueteria e se faz dócil aos encantos de qualquer Frineia![4] Vede esse espírito ardente, como queimou o óleo que deveria durar para a vida toda em apenas seis aninhos. Seu corpo morre na fortaleza da idade e aí vêm as pessoas, tão descaradas a ponto de dizer: *C'est l'amour qui a fait ça!*[5] Ah! Vede como essa cabeça atrevida e empreendedora forja e executa seus planos, ante os quais os atos heroicos de um Cartouche ou de um Howard se esfumaçam...[6] E quando os grãos suntuosos dessas qualidades crescerem e amadurecerem, então... que perfeição não se poderá esperar de uma idade tão terna e completa? Meu pai, talvez ainda vivereis o suficiente para ter a alegria de vê-lo à frente de uma tropa, que fixa

4. Conhecida hetaíra (prostituta) de Atenas (séc. IV a. C.), afamada por sua beleza. (N.T.)

5. Em francês, no original. Traduzindo: "Foi o amor que fez isso." (N.T.)

6. Louis Dominique Bourguignon, chamado Cartouche (1693-1721), famoso bandoleiro da Comarca de Paris, a respeito do qual existem várias biografias. Cartouche morreu enforcado. Howard: provavelmente Zachary Howard, bandoleiro inglês, segundo se conhece morto em 1651. (N.T.)

sua residência no silêncio solene das matas e se ocupa de aliviar pela metade a carga dos viajantes... Talvez ainda podereis, antes de partir ao túmulo, fazer uma peregrinação ao monumento[7] que ele está erigindo para si mesmo entre o céu e a terra... Talvez, meu pai, talvez... Pai, meu pai, não sois capaz de buscar outro nome à vossa volta?! Não esperai o momento em que mascates e arruaceiros apontem a dedo o retrato de vosso filho, exposto na praça pública de Leipzig...

O Velho Moor – Até tu, meu Franz, até tu?[8] Oh, meus filhos! Como estais ferindo meu coração!

Franz – Vedes que eu também sei fazer chistes, mas meu chiste fere como o escorpião... Ah sim, mas e o seco homem comum, o frio e duro Franz, ou qualquer que seja o titulozinho que me quiseram impingir aqueles que vos pintaram os contrastes entre ele e eu, quando ele estava sentado ao vosso colo ou beliscava vossas faces... O seco e duro Franz haverá de sucumbir um dia entre as quatro paredes de seu limite, mofando e fenecendo ante a fama dessa cabeça universal, que voa de um polo do mundo a outro... Ahá! Te agradeço, oh céu, de mãos entrelaçadas e comprimidas! O frio, seco e duro Franz... ah, que bom que ele não é como o outro!

O Velho Moor – Perdoa-me, meu filho! Não te zangues com um pai que se acha iludido em seus planos. O Deus que me manda tantas lágrimas através de Karl, haverá de secá-las de meus olhos através de ti, meu Franz.

Franz – Sim, meu pai, ele as secará. Vosso Franz dará sua vida para tornar a vossa mais longa. Vossa vida será o oráculo que eu haverei de consultar antes de fazer qualquer

7. Refere-se, ironicamente, ao patíbulo. Ver, ao final, a poesia escrita por Schiller intitulada "Monumento a Moor, o bandoleiro". (N.T.)

8. Referência às célebres palavras de César a seu filho Brutus depois de vê-lo entre seus assassinos. (N.T.)

coisa, o espelho através do qual contemplarei tudo o que me cerca... Não haverá obrigação, por mais sagrada que seja, que eu não esteja pronto a quebrar para o bem de vossa vida, que me é tão cara... Vós acreditais nisso?

O Velho Moor – Ainda tens grandes obrigações a cumprir, meu filho... Deus vos abençoe pelo que foste e pelo que haverás de ser para mim!

Franz – Pois bem, mas dize-me uma coisa... Se vós não tivésseis de chamar àquele filho de vosso, seríeis um homem feliz?

O Velho Moor – Silêncio, por favor, silêncio! Quando a parteira o trouxe até mim, ergui-o aos céus e gritei: Não sou um homem feliz?

Franz – Isso vós dissestes. Mas e agora, ainda credes nisto? Deveríeis ter inveja do último de vossos campônios por não ser pai de um filho desses... Havereis de penar enquanto tiverdes esse filho. Esse penar só fará crescer na presença de Karl. Esse penar haverá de levar vossa vida à cova.

O Velho Moor – Oh, ele fez de mim um velho de oitenta anos.

Franz – Pois bem, então... E se vós renunciásseis a esse filho?

O Velho Moor *(protestando)* – Franz! Franz! O que dizes?

Franz – Não é, por acaso, o vosso amor a ele que vos arranja tanto desgosto? Sem esse amor, ele nem existiria para vós. Sem esse amor culpável, esse amor maldito, ele estaria morto... ele jamais teria nascido para vós, na verdade. Não é a carne e o sangue, mas sim o coração que nos torna filhos de nossos pais.[9] Se não o amardes mais,

9. Citação livre de *Nathan, o sábio*, peça magistral de G. E. Lessing. (N.T.)

esse degenerado já não será mais vosso filho, e estaria definitivamente cortado e apartado de vossas carnes. Ele foi a menina de vossos olhos até este momento, mas, se teu olho te importuna, dizem as escrituras, deves arrancá-lo e jogá-lo fora.[10] Porque é melhor entrar caolho no reino dos céus do que com os dois olhos no inferno! Porque é melhor ir sem filhos ao céu do que entrarem juntos, pai e filho, no fogo do inferno. Assim fala a divindade!

O Velho Moor – Tu queres que eu amaldiçoe meu filho?

Franz – Não tanto! Não tanto... Não é necessário que o amaldiçoeis. O que significa vosso filho para vós? O fato de terdes lhe dado a vida, quando ele visivelmente não poupa as chances de encurtar a vossa?

O Velho Moor – Oh, isso dói demais! É o machado da justiça pesando sobre mim! Foi o Senhor quem lho ordenou!

Franz – Vede como é infantil o modo de agir que o vosso predileto incute dentro de vós. Através de vossa simpatia paterna, de vosso amor, ele vos degola e vos assassina. Ele mesmo atravessou vosso coração no intuito de dar cabo de vós. Quando vós não fordes mais, será ele o senhor de vossos bens e senhor de seus próprios impulsos. A barragem estará eliminada e a torrente de suas ambições poderá enfim jorrar livre. Ponde-vos em seu lugar! Quantas vezes ele não terá desejado ver o pai sete palmos abaixo da terra... e quantas vezes terá desejado o mesmo a seu irmão... que atravanca seu caminho de excessos de modo tão impiedoso? Mas será que isso é amor por amor? Será que isso é agradecimento filial à suavidade paterna? Se na cócega lasciva de um instante ele sacrifica dez anos de vossa vida? Se macula a fama de seus antepassados, que permaneceu intocável ao longo de sete séculos, ao

10. Referência a Mateus, Cap. 5, Vers. 29. Logo a seguir vem a explicitação do uso manipulativo da referência bíblica, empreendido por Franz. (N.T.)

colocá-la em jogo pelo prazer de um minuto? E é a esse que chamais de vosso filho? Quero respostas! É a esse que chamais de vosso filho?

O Velho Moor – É um filho ingrato, ah... Mas é o meu filho! Não deixa de ser o meu filho!

Franz – Um filho amado acima de tudo, um filho querido, cujo único e eterno afã é fazer de conta que não tem pai... Oh, se vós lograsses entendê-lo, enfim! Se a venda caísse de vossos olhos! Mas vossa indulgência não faz mais que estimulá-lo a continuar na devassidão, vossas desculpas lhe dão razão. E, na verdade, de bom gosto aceitaríeis carregar sobre a vossa cabeça a maldição que pesa sobre a dele. Sim, meu pai, sobre vós é que cairá a maldição que pesa sobre a cabeça dele.

O Velho Moor – É justo! Muito justo... É minha, a culpa é toda minha!

Franz – Quantos milhares de seres que beberam na taça da volúpia não foram corrigidos através do sofrimento! E a dor física que acompanha todos os excessos não é, por acaso, um sinal de Deus apontando o dedo? Terá o homem o direito de anular seus efeitos através de uma ternura cruel? Deverá o pai precipitar ao abismo eterno o talento corretivo que lhe foi confiado? Pensai a respeito disso, meu pai, se o abandonardes durante algum tempo à sua miséria, não haverá de voltar a fim de corrigir-se? Se, no entanto, decidir-se a continuar patife na grande escola da miséria, então... Pobre do pai que se oponha aos desígnios de uma sabedoria mais elevada através de sua ternura! E então, meu pai?

O Velho Moor – Quero lhe escrever dizendo que afasto minha mão de cima dele.

Franz – Assim estareis fazendo bem e procedendo corretamente.

O Velho Moor – Que ele jamais apareça diante de meus olhos.

Franz – Isso haverá de ter um efeito curativo maravilhoso.

O Velho Moor *(com ternura)* – Até que se corrija.

Franz – Está bem, está bem... Mas e se ele vier abrigando a larva da hipocrisia e conseguir excitar vossa piedade ao implorar pelo perdão adulando-vos para, já no dia seguinte, se rir de vossa benevolência entre os braços de suas prostitutas? Não, meu pai! Ele voltará espontaneamente quando sua própria consciência o tiver declarado limpo.

O Velho Moor – Em todo caso, quero escrever-lhe agora mesmo.

Franz – Um momento! Só mais uma palavra, meu pai! Temo que vossa indignação faça jorrar palavras demasiado duras à vossa pena, que talvez partissem o coração dele... pois, então... não acreditais que ele já tomaria por perdão o fato de ver-se digno de receber uma carta escrita por vosso punho e com a vossa letra? Não vos parece melhor, por causa disso, deixar que eu me encarregue disso?

O Velho Moor – Faze isso, meu filho... Ah! De qualquer forma escrever-lhe arrebentaria o meu coração! Escreva-lhe...

Franz *(precipitadamente)* – Estamos combinados, então?

O Velho Moor – Escreva-lhe que verti mil lágrimas de sangue por sua causa, que fiquei mil noites sem dormir... Mas não vá levá-lo ao desespero...

Franz – Não quereis deitar-vos à cama, meu pai? Isso vos abalou duramente.

O Velho Moor – Escreva-lhe que meu peito paterno... Eu repito, não vá levar meu filho ao desespero. *(Afasta-se, entristecido.)*

Franz *(rindo-se e seguindo seus passos com os olhos; depois, só)* – Consola-te,[11] meu velho, jamais haverás de apertá-lo ao peito, o caminho desta morada está trancado para ele, assim como o céu está trancado para os que estão no inferno. Ele foi arrancado de teus braços antes mesmo de cogitares a possibilidade de querê-lo assim... Eu seria um paspalho digno de pena se não fosse capaz de chegar à ideia de expulsar um filho desses do coração de meu pai, mesmo que ali estivesse atado com amarras de aço... Construí ao redor de ti, meu pai, uma teia mágica de maldições que ele jamais conseguirá transpor... Parabéns, Franz! Foi-se o filho predileto... A floresta está mais clara. Tenho de sumir imediatamente com estes papéis, seria muito fácil alguém reconhecer a minha letra... *(Ele junta os pedaços de papel que compunham a carta.)* A amargura há de acabar também com o velho em pouco tempo... E eu tenho de arrancar também do coração dela[12] a imagem de Karl, mesmo que arranque junto a metade de sua vida. *(Atravessando a sala a largas passadas, como se estivesse a medir seu tamanho.)*

Tenho todo o direito de odiar a natureza e – por minha honra! – quero fazer valer esse direito... Por que não fui o primeiro a sair do ventre de minha mãe? Por que não fui o único? Por que ela me fez carregar sozinho a carga de toda essa fealdade? Justamente eu? Meu nascimento não foi para ela mais do que um erro de caixa. Por que

11. Note-se a mudança no tratamento, da segunda pessoa do plural para a segunda do singular. Isso indica, de maneira factual, a quebra da hierarquia proposta nas invectivas de Franz, mais seu caráter traiçoeiro, uma vez que, na presença do pai, o tratava com o respeito – claro que hipócrita – da segunda pessoa do plural. (N.T.)

12. Schiller antecipa, sem referir claramente, a entrada de uma personagem, que o leitor já fica curioso por saber quem é. Da mesma maneira ele inicia a peça diretamente em meio ao conflito, sem preparar o caminho da intriga, mostrando – embora fosse extremamente jovem – domínio da técnica dramatúrgica. (N.T.)

fui justamente eu o contemplado com esse nariz lapônio? Justamente eu que recebi essa boca moura? E esses olhos de hotentote? Sim, acredito que ela reuniu num monte as características mais monstruosas de todas as raças humanas e me forjou a partir delas em seu forno íntimo. Danação! Quem lhe deu o imenso poder de dar ao outro tudo aquilo que renunciou a mim? Por que ninguém a impediu de fazê-lo antes de ele nascer? Por que ninguém a ofendeu antes de ele atingir o ser? Por que ela pôs mãos à obra de modo tão parcial?

Não! Não! Sou injusto com ela. Ela nos deu aos dois espírito de aventura, depôs-nos nus e miseráveis no porto do grande oceano da vida... Nade quem puder nadar, quem for grosseiro e desajeitado demais para tanto, que afunde! Ela não me deu nada, e se quero e faço alguma coisa de mim, é por minha conta. Todos têm direitos iguais na busca do que é grandioso e do que é mínimo. A pretensão é destruída pela pretensão, o ímpeto definha ante o ímpeto e a força morre ante a força. O direito está com quem tem o poder e os limites de nossa força são nossas leis.[13]

É certo que há pactos comunitários, fechados em grupos para estimular os pulsos da esfera terrestre. Honrado nome... pactos! E eles são, de fato, uma moeda valiosa e duradoura com a qual, sabendo compreendê-la e usá-la na hora certa, se pode jogar com maestria. Mas e a consciência?... Ah, sim, claro! Uma mendiga bastante capaz! Espantar os pardais da copa da cerejeira... Mas ainda falta uma carta bem-escrita, que leve aquele que está prestes a entrar na bancarrota à miséria total.

Com efeito, são medidas dignas de louvor aquelas que seguram os parvos na ordem do respeito e o povo sob

13. É o mesmo raciocínio, também em monólogo, de Edmundo, personagem do *Rei Lear*, de Shakespeare. O personagem shakespeariano, filho ilegítimo na peça, é, aliás, o modelo de Franz no que tange à intriga da carta. (N.T.)

o tacão das botas, a fim de que os aquinhoados vivam tanto mais confortavelmente. Sem decência, aí sim é que as medidas têm de ferroar! Tem de se fazer assim como meus campônios, que cercam suas hortas de modo bastante esperto a fim de que nenhuma lebre se refocile sobre elas. Sim, nada de lebres! Claro, o digníssimo senhor mete esporas no morzelo e galopa suavemente sobre a colheita daquele que já partiu...

Pobre lebre! É tão lamentável ter de desempenhar o papel da lebre nesse mundo... Mas o digníssimo senhor precisa de lebres!

Pois bem, por que dar importância a isso? Quem nada teme não é menos poderoso do que aquele que tudo teme. Hoje em dia é moda trazer fivelas nos calções a fim de ajustá-los segundo o gosto, deixando-os mais frouxos ou mais apertados. Sim, e nós queremos mandar fazer uma consciência exatamente segundo as normas da última moda, a fim de ajustá-la graciosamente como a quisermos. Que culpa temos, se é assim? Ide ao alfaiate! Eu ouvi falar poucas e boas de um assim chamado *amor de sangue*, que poderia muito bem esquentar a cabeça de um homem ordeiro... Ele é teu irmão!... Mas isso está completamente mal-interpretado. Sim, é verdade que ele saiu do mesmo forno que eu saí... E isso tem de ser sagrado para ti!... Percebam o caráter intrincado desse raciocínio, a conclusão engraçada que resulta desse parentesco de corpo e atua sobre a harmonia dos espíritos; como se o fato de advir da mesma pátria obrigasse os homens aos mesmos sentimentos, como se um custo igual forjasse a mesma inclinação... Mas vamos adiante... Ele é teu pai! Foi ele quem te deu a vida, tu és carne de sua carne, sangue de seu sangue. Ele tem de ser sagrado para ti... Novamente o mesmo raciocínio esperto! Eu gostaria de perguntar, *por que* ele me fez? Com certeza não foi por amor a mim,

que sequer era *eu* quando ele me fez. Ou ele me conheceu antes de me fazer? Ou será que ele me pensou antes de me fazer? Ou será que ele me desejou e por isso me fez? Ele sabia o que eu viria a ser? Isso eu nem queria descobrir, pois senão haveria de castigá-lo por ter me feito mesmo assim! Posso lhe agradecer o fato de ter me tornado um homem? Tão pouco quanto poderia queixar-me pelo fato de ter feito de mim uma mulher. Posso reconhecer um amor que não se fundou na atenção a meu *ser*? Poder-se-ia chamar de atenção ao meu ser àquilo que apenas deveria ser o pressuposto para que o mesmo ser surgisse? Mas onde está metido então o aspecto santo da coisa? Talvez no ato mesmo através do qual eu surgi... Como se ele fosse mais do que um processo animal que apenas tem o objetivo de silenciar desejos animais. Quem sabe se não está metido no resultado do ato, resultado que não é, em todo caso, mais do que uma necessidade férrea que a gente gostaria tanto de ver longe, pudesse isso acontecer livre dos custos pesados de carne e sangue. Devo, por acaso, agradecer-lhe com palavras bondosas por que me ama? Isso é uma vaidade da parte dele, o pecado original de todos os artistas, que se enamoram de suas obras, mesmo que elas sejam horríveis... Vede, pois, é esta toda a bruxaria que vós velais em névoa sagrada com o fito de abusar de nossos temores. Devo também eu deixar-me levar e envolver por isso como se fosse um criação?

Pois bem, ânimo! Com coragem à obra! Quero exterminar tudo que está à minha volta, tudo aquilo que me impede de vir a ser *Senhor*. *Senhor* eu tenho de ser. Que eu me permita fazer uso da violência para alcançá-lo só reflete a falta de amor de que fui vítima. *(Sai.)*

Segunda cena

Taverna na fronteira da Saxônia.
Karl voon Mor mergulhado num livro.
Spiegelberg bebendo à mesa.

Karl Von Moor *(pondo o livro de lado)* – Passo a ter nojo deste século forjado e lambuzado à tinta quando leio em meu Plutarco a vida de grandes homens.[14]

Spiegelberg *(coloca um copo à frente de Moor e bebe do seu)* – Tens de ler o Josephus.[15]

Moor – A chama altaneira de Prometeu[16] se esgotou, e no lugar dela se usa hoje em dia a chama produzida pela farinha do licopódio...[17] É tudo fogo teatral, incapaz de acender o tabaco de um cachimbo... E correm por aí como os ratos sobre a clava de Hércules[18] e estudam o tutano de seu cérebro especulando qual o elemento que vertiam seus testículos... Um abade francês ensinou por aí que Alexandre era medroso como uma lebre, um professor tísico encosta o vidrinho de amoníaco ao nariz a cada palavra

14. Escritor grego (50 d. C.-130 d. C.), conhecido pelas biografias de estadistas e generais romanos e gregos. Schiller tinha apreço especial pelos escritos de Plutarco, mencionado várias vezes em suas obras. (N.T.)

15. Flavius Josephus (37 d. C.-100 d. C.), historiador judaico que, entre outras obras, escreveu uma história da guerra judaica e do povo judeu. Durante a revolta dos judeus contra Roma (66 d. C.) Josephus teria se comportado de modo sumamente oportunista e inclusive traído seu próprio povo. Evidentemente Schiller estabelece uma relação entre o personagem e suas preferências. (N.T.)

16. Prometeu, segundo a lenda heroica grega, foi quem deu aos homens o fogo e é esse o porquê da citação. (N.T.)

17. Com as sementes do licopódio eram engendrados, outrora, os raios sobre o palco nas apresentações teatrais. Soprava-se com rapidez o pó em chamas das sementes e assim era produzido o efeito de um raio. (N.T.)

18. Filho de Zeus e Alcmena, tido como o mais forte e corajoso dos heróis gregos. Aparece sempre representado na clava – o atributo de sua força – e na pele do leão que abateu. (N.T.)

que sai de sua boca e profere um seminário inteiro a respeito da *força*. Rapagões, que caem desmaiados depois de terem feito um filho, elaboram critiquices às táticas de Aníbal... Mocinhos que ainda nem secaram atrás das orelhas pescam frases feitas sobre a Batalha de Cannae e choramingam a respeito das vitórias de Scipio[19] por ter de vertê-las ao alemão.

Spiegelberg – Ah, mas isso me pareceu soluçado de modo bem alexandrino.[20]

Moor – Oh, meus heróis, é belo o preço que alcançastes por vosso suor no campo de batalha, o fato de viverdes agora em ginásios e vossa imortalidade ser arrastada adiante com dificuldades nas tiras poéticas de um livro. Prêmio valioso pelo sangue que derramastes o fato de servires de embrulho à broa de mel de um merceeiro de Nurembergue... Ou, quando tendes mais sorte, serdes atados a pernas de pau ou puxados através de fios de arame por um escritor de tragédias francês. Rá, rá, rá!

Spiegelberg *(bebe)* – Eu te peço, leia Josephus.

Moor – Arre! Pago com asco os feitos deste frouxo século de castrados, que não fez mais que ruminar as glórias de antanho e arruinar com seus comentários, estropear com suas peças trágicas os heróis da antiguidade.

Spiegelberg – Chá, mano, chá![21]

19. Na batalha de Cannae, em 216 a. C., Aníbal (246-183 a. C.), general cartaginês, venceu os romanos. Refere-se à exposição desta batalha no relato do historiador romano Livius (59 a. C.-17 d. C.). Scipio é Publius Cornelius Scipio Africanus (235-183 a. C.), estadista e general romano que venceu Aníbal no ano 202 antes da era cristã na 2ª Guerra Púnica. (N.T.)

20. Alexandrinos são os versos dodecassílabos nos quais eram escritas as tragédias francesas. Entre os críticos, o verso é tido como duro e seco, inadequado para exprimir sentimentos ou paixões. Spiegelberg quer, provavelmente, referir-se ao *pathos* trágico de Moor. (N.T.)

21. Provavelmente uma referência irônica à abstinência de álcool entre os judeus. (N.T.)

Moor – Eles estragam sua natureza saudável através de convenções, faltas de gosto, não têm coração suficiente para aguentar um copo porque são obrigados a tomar medicamentos para mantê-lo inteiro, lambem e cortejam o engraxate a fim de que ele os represente ante Sua Excelência, o Senhor, e fazem mal ao pobre pícaro, ao qual não temem... Se endeusam mutuamente por causa de um almoço, ao mesmo tempo em que mostram vontade de se envenenar por causa de um colchão, que lhes atrapalha um pouco o sono durante a noite. Condenam o saduceu,[22] que não se apresenta com frequência satisfatória à igreja e calculam seus juros judeus em frente ao altar.... Caem sobre os joelhos, a fim de poder espalhar melhor sua superficialidade... Não desgrudam os olhos do pastor, com o fito de ver bem qual é o penteado que ele aplica à peruca... Caem desmaiados quando veem um ganso sangrando e batem palmas quando percebem o rival indo à bancarrota... E eu ainda sou capaz de apertar-lhes a mão com tanto calor... "Apenas mais um dia"... Em vão! À cova com esse cão! Pedidos! Juramentos! Lágrimas! *(Sapateando ao chão.)* Infernos e demônios!

Spiegelberg – E por um punhado de ducados piolhentos...

Moor – Não, não me agrada pensar nisso. Será que sou obrigado a deixar meu corpo sofrer dentro de um espartilho apertado e ajustar minhas vontades ao colete da lei? A lei deteriorou em passos de lesma aquilo que deveria ser o voo da águia. A lei não deu ao mundo nenhum homem de grandeza, mas a liberdade incuba e faz nascer colossos e extremados. E as duas, lei e liberdade, fazem paliçadas

22. Na síntese do Aurélio: Cada um dos membros de uma seita ou partido religioso do judaísmo posterior ao séc. III a. C., recrutados entre as famílias sacerdotais, os quais, apresentando viva tendência a assimilar culturas estranhas, como a helênica e, posteriormente, a romana, discordavam dos outros israelitas quanto aos rituais de purificação, à crença na ressurreição dos mortos, nos anjos e na providência divina. (N.T.)

uma à outra no ventre dos tiranos, cortejam o humor de seu estômago e deixam-se entalar em suas roldanas... Ah, se o espírito de Herrmann[23] ainda ardesse sob as cinzas! Imagino uma tropa de sujeitos como eu, e penso que da Alemanha deve surgir uma República perante a qual Roma e Esparta não sejam mais do que conventos de freiras... *(Ele joga a espada sobre a mesa ao levantar-se.)*

Spiegelberg *(dando um salto da cadeira)* – Bravo! Bravíssimo! Acabas de me trazer justamente ao ponto que eu queria chegar. Quero te dizer uma coisa ao ouvido, Moor, uma coisa que há tempo me revolve os pensamentos e tu és o homem adequado... Bebe, mano, bebe... Que tal se nos tornássemos judeus, trazendo o reino de volta à ordem do dia.

Moor *(gargalhando a plenos pulmões)* – Ah! Agora percebo... sim, agora percebo... queres tirar o prepúcio de moda, porque o barbeiro já ficou com o teu?

Spiegelberg – Seu mandrião de meia tigela! Eu já fui cortado de livre e espontânea vontade e maravilhosamente bem com antecedência... Mas confesse, não é um plano esperto e grandioso? Deixamos correr um manifesto pelos quatro cantos do mundo e referimos a Palestina por crédito, onde não se come carne de porco. Aí então provo através de documentos concludentes que Herodes, o príncipe regente, foi meu antepassado distante. Isso haverá de nos garantir a vitória, meu caro, e a possibilidade de reconstruir Israel depois que as pessoas estiverem todas convencidas. Agora, para fora da Ásia com os turcos,[24] porque o ferro

23. Ou Armínio (16 a. C.-21. d. C.). O rei dos velhos germanos que expulsaram os exércitos de Roma do território alemão depois de vencê-los na Batalha de Teutoburgo no ano 9 a. C. (N.T.)

24. Visto historicamente, o mesmo que: expulsemo-los, já que os turcos dominavam boa parte da região no séc. XVIII. Todo o discurso de Spiegelberg é pleno de referências históricas misturadas e ajuntadas em prol da ideia maluca de conquistar o poder, mas de um modo egoísta e nada humano, como se verá no desenrolar da peça. (N.T.)

ainda está quente e o cedro derrubado no Líbano servirá à construção de navios, dando bordões e fivelas ao povo inteiro. Enquanto isso...

Moor *(pegando-o pela mão a sorrir)* – Camarada! Agora chega dessas palhaçadas...

Spiegelberg *(perplexo)* – Arre! Não haverás de querer brincar de filho pródigo? Logo um sujeito como tu, que rabiscou sobre o rosto das pessoas usando a espada mais do que aquilo que três professores substitutos escrevem juntos em seus cadernos de comentários durante um ano inteiro! Queres que eu te lembre da história do grande cadáver de cão?[25] Ahá! Só preciso fazer com que te lembres de teu próprio retrato e isso haverá de pôr fogo em tuas veias, se outra coisa já não é mais capaz de entusiasmar-te. Recordas-te de como os senhores professores mandaram fazer fogo às pernas de teu dogue e tu, para te revanchear, mandaste prescrever uma dieta na cidade inteira? Todo mundo ficou amuado com tua receita. Mas tu, que não és bobo nem preguiçoso, mandaste comprar a carne toda de Leipzig, de modo que em oito horas não havia sequer um osso para roer em todas as redondezas, fazendo com que o preço do peixe começasse a subir até as nuvens. Juiz e prefeito prometeram vingança. Nós rapazes, saindo aos bandos, éramos mais ou menos mil e setecentos e tu à nossa frente, e açougueiros, alfaiates e merceeiros atrás de nós, agricultores, barbeiros e gente de todas as profissões, a gritar e protestar, prontos a avançar sobre a cidade como um furacão caso tocassem um só dos cabelos de nossos rapazes. E aí tudo terminou num senhor forrobodó e eles tiveram de se retirar, botando sebo nas canelas. Tu mandaste vir doutores e formaste um concílio para discutir o

25. Essa história, e boa parte desta cena – que ademais caracteriza bem o gênio falastrão de Spiegelberg –, foi cortada na segunda edição "melhorada" da peça sem a permissão do autor. (N.T.)

assunto do cão e ofereceste três ducados a quem subscrevesse uma receita eficiente ao pobre animal. Chegamos a temer que os senhores se achassem demasiado honrados para tanto e dissessem *não*, por isso deixamos tudo combinado e estávamos prontos a forçá-los. Mas isso não foi necessário, os senhores brigaram pelos três ducados com vontade e a disputa acabou se dando entre três rabujentos... Em uma hora haviam prescrito doze receitas, de modo que o animal, ao invés de salvar-se com elas, veio a morrer logo depois.

Moor – Sujeitos infames!

Spiegelberg – O cadáver foi apresentado em toda glória e pomposidade, a multidão compacta cantou um réquiem em volta do cão e levamos mais de mil para fora de suas casas à noite, todos com lanternas em uma das mãos e durindanas[26] na outra, e assim através da cidade toda, troando sinos e gritando, até que o cão fosse sepultado. Fora do cemitério havia comida, isso manteve as pessoas lá até o amanhecer do dia, aí agradeceste pelas condolências cordiais dos senhores presentes e mandaste vender a carne toda pela metade do preço. *Mort de ma vie*,[27] aí mostramos a ti todo nosso respeito, como se fôssemos uma guarnição depois de conquistar a fortaleza inimiga.

Moor – E tu não tens vergonha de te vangloriar disso? Não tens vergonha suficiente a ponto de te envergonhar por uma travessura dessas?

Spiegelberg – Vai-te daqui! Não és mais o mesmo Moor. Não te lembras mais de quantas vezes, com a garrafa na mão, estufaste o peito dizendo a teu velho que ele se virasse, que raspasse e esgravatasse no trabalho, fazendo

26. A espada do famoso paladino Roldão, um dos doze pares de Carlos Magno. Por extensão, espada grande ou, simplesmente, espada (N.T.)

27. Em francês, no original. Literalmente: "morte de minha vida". Interjeição. (N.T.)

das tripas coração, mas que tu, por ti, estavas mais a fim de molhar a garganta com vontade? Te recordas disso? Hein, hein? Te recordas disso? Oh, santinho, fanfarrão! Mas aquilo pelo menos revelava macheza, e nobreza, inclusive... Hoje...

Moor – Maldito de ti, por me lembrares disso! Maldito de mim por tê-lo dito! Mas aquilo eram apenas os fumos do vinho e meu coração não ouviu o que minha língua bravateava.

Spiegelberg *(balançando a cabeça)* – Não, não e não! Não pode ser! Impossível, mano, não podes estar falando sério! Diz aí, maninho, será que é a necessidade que me faz ver as coisas desse modo? Que nada! Deixa-me contar-te uma peça de meus anos marotos... Ao lado da minha casa havia uma vala que deveria ter lá seus oito pés de largura. Nós, a rapaziada do lugar, fazíamos apostas para ver quem conseguia pular por cima dela. Mas era tudo em vão. Tchibum! E lá estavas, deitado na lama, ouvindo gozações e gargalhadas e recebendo bolas de neve sobre as costas e a cabeça. Ao lado de minha casa havia também o cão de um caçador, preso a uma corrente. Era uma besta tão furiosa que agarrava as mocinhas pela cauda das saias com a rapidez de um raio quando elas se descuidavam e passavam muito perto dele. E aquele era o maior gáudio de minha alma na época; provocar o cão onde e quando pudesse... E quase me estourava de tanto rir quando o vagabundo fincava seu olhar venenoso em mim, demonstrando uma vontade incrível de se atirar sobre mim e me arrancar o couro se pudesse... E o que aconteceu? Em certa ocasião voltei a provocá-lo e ainda joguei uma pedra com tanta força em suas costelas que ele conseguiu se livrar da corrente, tanta era sua raiva, disparando sobre mim... E eu tive de me mandar dali, botando todo o sebo do mundo nas canelas... Que situação! E aí tens diante

de ti justamente a maldita vala... Que fazer? O cão já se atracava aos meus calcanhares, raivoso, e a decisão não demorou, portanto... Tomar impulso e... lá estava eu, do outro lado. Ao salto devo meu corpo e minha vida, a besta teria me arrebentado em farrapos.

Moor – Sim, e o que queres dizer com isso?

Spiegelberg – Quero dizer que... tu deves ver como as forças da gente crescem com a necessidade. Por isso não me intimido quando é necessário chegar às vias de fato. A coragem cresce com o perigo. A força se eleva no aperto. O destino deve querer fazer de mim um homem grandioso, já que coloca tantas dificuldades no meu caminho.

Moor *(incomodado)* – Ainda não sei exatamente para o que achas que deveríamos ter coragem, nem para o que achas que não a demonstramos.

Spiegelberg – Ah, é assim? De modo que queres deixar decomporem-se dentro de ti teus dons? Enterrar teus talentos?[28] Pensas que as porcarias que aprontaste em Leipzig constituem as fronteiras do espírito humano? Deixa que cheguemos primeiro ao vasto mundo... Paris e Londres! Onde um patife te alcança uma bofetada pelo simples fato de tu o chamares pelo nome de uma pessoa honrada... Ali é que a alma se rejubila por usar até ao máximo suas ferramentas... Tu haverias de ficar embasbacado! Abririas uns olhos deste tamanho! Espera... E se soubesse como imitam assinaturas, viciam dados, arrombam castelos, como se derramam ao chão as entranhas dos baús... Isso tu ainda terás de aprender com o Spiegelberg aqui! A canalha, que aceita morrer por não querer botar mãos à obra, deveria ser pendurada ao patíbulo mais próximo.

Moor *(distraído)* – Como? Então és capaz de levar teus raciocínios adiante?

28. Mais uma das citações bíblicas de Spiegelberg que se arvora – e o cinismo vai grande – conhecedor da palavra de Deus. Referência à Parábola dos Talentos. Lucas, Cap. 19, Vers. 11-18. (N.T.)

Spiegelberg – Quase estou acreditando que desconfias de mim. Espera, deixe eu me esquentar primeiro, e então verás maravilhas, teu cerebrozinho se revolverá no crânio quando meu plano espirituoso vier à luz do dia... *(Levanta-se, afogueado.)* Como me sinto iluminado por dentro! Grandes pensamentos amanhecem em minha alma! Planos gigantescos fermentam em meu crânio criador. Maldita modorra! *(Golpeando a testa.)* Ela manteve minhas forças acorrentadas até agora, meu projetos encerrados e atrelados. E agora desperto, sinto quem de fato sou... quem devo ser!

Moor – És um doido. O vinho fanfarroneia em teu cérebro.

Spiegelberg *(ainda mais afogueado)* – Spiegelberg, assim se chamará. És capaz de consegui-lo, Spiegelberg! É pena que não tenhas te tornado general, pois se assim fosse o rei te encarregaria de pôr os austríacos em fuga.[29] Sim, ouço os doutores a se lamentarem... É uma falta de responsabilidade não ter feito esse homem estudar medicina, ele poderia ter inventado um novo remédio para o bócio. Ah! E que lamentável o fato de não ter escolhido as ciências estatais como alvo de seus estudos, devem estar suspirando os Sullys[30] em seus gabinetes, pois ele certamente seria capaz de fazer das pedras *louisdores*...[31] E o nome seria Spiegelberg no leste e no oeste... E vós seríeis jogados à lama, vós, os poltrões, vós, os sapos da espécie, enquanto

29. Na Guerra dos Sete Anos (1756-63), entre a Prússia e a Áustria, Frederico II tomou posse da região da Silésia expulsando os austríacos. (N.T.)

30. Referência ao Duque Maximiliano de Sully (1560-1641), ministro de Henrique IV, rei da França, responsável por grandes reformas democráticas, pela pacificação religiosa e o fim da Guerra dos Huguenotes com o Edito de Nantes (1598). (N.T.)

31. A moeda francesa *Louis d'or*, que trazia a esfinge de Luís XIII, era semelhante em forma e tamanho à *Pistole*, o dobrão de ouro espanhol, e à moeda prussiana chamada *Friedrichsdor* – perceba-se como o EURO não é algo assim tão inédito –, tinha, como estas, o valor de cinco táleres. (N.T.)

Spiegelberg alçaria voo estendendo as asas em direção ao templo da fama eterna.

Moor – Boa sorte no caminho! Que possas ter êxito ao subir aos píncaros da fama através das colunas da vergonha. À sombra do robusto bosque paterno, nos braços de minha Amália, há atrativos verdadeiramente nobres. Já na semana passada escrevi pedindo desculpas a meu pai, sem lhe calar a menor das circunstâncias; e onde há franqueza há também compaixão e ajuda. Moritz, estamos indo. Nos vemos hoje e nunca mais. O correio chegou. O perdão de meu pai já deve estar entre os muros desta cidade.

Aparecem Schweizer, Grimm, Roller, Schufterle e Razmann.

Roller – Já sabeis que estão pedindo informações a nosso respeito por aí?

Grimm – Que podemos inclusive ser presos a qualquer momento?

Moor – Não me surpreendo com isso. Seja como for! Não vistes o Schwarz por aí? Ele não chegou a falar de uma carta que teria para entregar a mim?

Roller – Há tempo que te procura, e acho que é justamente por causa disso.

Moor – E onde ele está, onde? Onde? *(Quer ir embora com pressa.)*

Roller – Fica! Nós pedimos a ele que viesse para cá. Estás tremendo?

Moor – Não estou tremendo. E por que eu haveria de tremer? Camaradas! Essa carta... alegrai-vos comigo... Eu sou o homem mais venturoso da face da terra, por que haveria de tremer?

Schwarz aparece.

Moor *(voando ao seu encontro)* – Mano, mano, a carta! A carta!

Schwarz *(dando-lhe a carta, que ele abre precipitadamente)* – O que está acontecendo? Estás ficando branco como a parede...

Moor – É a letra de meu irmão!...

Schwarz – E o que o Spiegelberg está fazendo a uma hora dessas?

Grimm – O sujeito está fora de si. Faz gestos como se estivesse bailando a dança de São Vito.[32]

Schufterle – Seu juízo rodeia como um pião. Acho que agora está fazendo versos.

Razmann – Spiegelberg! Ei, Spiegelberg!... A besta parece que ficou surda...

Grimm *(sacudindo o companheiro)* – Ó, rapaz! Estás delirando, não?

Spiegelberg *(que durante o tempo inteiro se ocupava das pantomimas de um grande projetista no canto da sala, levantando-se de repente)* – La bourse ou la vie![33] *(E agarra Schweizer pelo pescoço. Este o atira fria e distraidamente à parede... Moor deixa cair a carta ao chão e corre para fora. Todos vão atrás dele.)*

Roller *(perseguindo-o)* – Moor! O que está acontecendo, Moor? Que pretendes fazer?

Grimm – O que há com ele? O que terá acontecido com ele? Está pálido como um cadáver.

32. São Vito é um dos 14 santos salvadores, prontos a socorrer os doentes em necessidade. Ele é considerado o protetor dos enfermos abatidos por uma doença nervosa que se revela em tremores fortes e espasmódicos. (N.T.)

33. Em francês no original. A bolsa ou a vida. (N.T.)

SCHWEIZER – Mas isso daqui deve trazer belas novidades! Deixa-me ver!

ROLLER *(depois de pegar a carta no chão, lê)* – "Irmão infeliz!" O começo soa divertido. "Quero te informar com brevidade que tua esperança está frustrada... Tu deves partir, foi o que teu pai mandou dizer-te, para onde te levarem teus atos vergonhosos. Ele disse também que não precisas alimentar nenhuma esperança de alcançar sua misericórdia choramingando aos seus pés, a não ser que admitas ser tratado a pão e água na cova mais profunda de suas torres até que teus cabelos cresçam a ponto de ficarem como as penas de uma águia e tuas unhas se assemelharem às garras de uma ave de rapina. Foram estas as únicas palavras dele. Depois mandou-me encerrar a carta. Adeus para sempre! Lamento tua sorte...

Franz von *Moor*."

SCHWEIZER – Que maninho doce! Com efeito, aqui se mostrou mais doce que o açúcar! O nome do canalha é Franz?

SPIEGELBERG *(havia se aproximado às furtadelas)* – Ele fala de pão e água? Que vida admirável! Eu havia planejado uma vida bem diferente para vós! Já não disse há tempo que, ao final das contas, teria de pensar por vós todos?

SCHWEIZER – O que esse pateta está dizendo? O asno quer pensar por nós todos?

SPIEGELBERG – Pobres lebres, miserentos, cães mancos é que sois, todos vós, se não tendes coração suficiente para ousar algo grandioso...

ROLLER – Sim, claro, nós até poderíamos ser tudo isso sem problemas, tu tens razão... Mas será que aquilo que pretendes ousar nos livraria inclusive da situação miserável em que nos encontramos? Será?

SPIEGELBERG *(dando uma gargalhada cheia de orgulho)* – Pobre-diabo! Nos livrar desta situação? Rá, rá, rá... Nos

livrar desta situação... E mais do que isso teu cerébro de minhoca não é capaz de almejar? Só com isso recolhes teu pangaré ao estábulo, satisfeito? Spiegelberg teria de ser um canalha, caso se contentasse em apenas começar com tão pouco. Em verdade vos digo, o que eu planejo haverá de fazer de vós heróis, barões, príncipes, talvez deuses!

RAZMANN – Isso é demais para uma só estocada, de verdade! Mas será um trabalho de quebrar o pescoço... A cabeça, pelo menos, isso eu tenho certeza que ele vai custar...

SPIEGELBERG – Esse trabalho não requer mais do que coragem, pois na parte que tange ao espírito... dela eu me encarrego sozinho. Coragem, é o que digo, Schweizer! Coragem, Roller, Grimm, Razmann, Schufterle! Coragem, é tudo que precisais...

SCHWEIZER – Coragem? Se for só isso... eu tenho coragem suficiente para atravessar o inferno descalço...

SCHUFTERLE – E eu tenho coragem bastante para brigar pela vida de um pobre pecador com o mais forte dos carrascos, mesmo que for exatamente sob o patíbulo.

SPIEGELBERG – É assim que eu gosto! Ademais, há alguém aí que ainda tenha alguma coisa a perder, que não tenha tudo a ganhar?

SCHWARZ – É verdade! Eu teria mesmo alguma coisa a perder se quisesse perder aquilo que ainda pretendo ganhar!

RAZMANN – Sim, com os diabos! E alguma coisa a ganhar se eu quisesse ganhar aquilo que não posso perder.

SCHUFTERLE – Se eu tivesse de perder o que trago em créditos sobre o meu corpo, amanhã eu já não teria nada mais a perder.[34]

SPIEGELBERG – Pois então! *(E se põe no meio deles, falando em tom de juramento.)* Se ainda corre uma gota do sangue

34. Atenção no jogo de palavras entre perder e ganhar. Ele é cheio de humor e reflete, ao mesmo tempo, a situação desesperada dos futuros membros do bando. (N.T.)

heroico alemão em vossas veias... vinde! Escondamo-nos pelos matos da Boêmia, juntemos uma tropa de bandoleiros e... Por que me olhais estarrecidos? Vosso pinguinho de coragem já se esfumou?

Roller – Tu não és, certamente, o primeiro patife que fez pouco do patíbulo... mas, em todo caso... Temos outra escolha além desta?

Spiegelberg – Escolha? O quê? Não tendes nada a escolher! Quereis ser atirados à torre da prisão e passar fome até virardes nada, esperando que toquem as trombetas do juízo final? Quereis esfalfar-vos e sofrer no cabo de uma pá ou de um enxadão só para conseguir um pedacinho de pão seco? Quereis mendigar um almoço magro à janela das pessoas no papel de um cantor ambulante? Ou quereis vestir coturnos – e aí a pergunta restringe-se ao fato de poder ou não confiar em vós – e ir até lá embaixo lamber as botas e o humor hipocondríaco de um cabo de esquadra local? Ou talvez dançar segundo a musiquinha do tambor militar com o rabo entre as pernas? Ou talvez ainda remar nas galeras sentindo o peso de um navio inteiro pender de vossos braços? Vede, são estas vossas escolhas... Aí estão todas as vossas opções!

Roller – O Spiegelberg não deixa de ter um pouco de razão. Eu também já estava com meus planos elaborados, mas, no final das contas, eles chegam às mesmas conclusões. Que tal, foi o que eu pensei, se nós nos sentássemos e bolássemos um livro de bolso ou mesmo um almanaque de poesias, pagássemos umas resenhas e amealhássemos com ele um punhado de vinténs, como é moda fazer hoje em dia?[35]

35. Não é a única ironia em relação à publicação de livro e a situação do direito autoral. Note-se que Schiller publicou a primeira edição d'*Os bandoleiros* às suas próprias custas e mesmo assim é capaz de ironizar o fato. (N.T.)

Schufterle – Maldição! Parece que vós estais adivinhando meus projetos! Acabei de pensar para comigo... Que tal se te metesses a pietista a fim de homiliar semanalmente aquilo que poderias chamar de a hora da edificação, invocando a credulidade do povo?[36]

Grimm – Em cheio! E se não der certo assim, virar ateísta! Poderíamos bater boca com os quatro evangelistas, deixar que alguns censores queimassem o nosso livro e aí estaríamos feitos!

Razmann – Ou chamar de novo os franceses ao campo de batalha... Eu conheço um doutor que mandou pintar sua casa com mercúrio puro, conforme atesta o epigrama à porta da casa.[37]

Schweizer *(levantando-se e dando a mão a Spiegelberg)* – Moritz, tu és um grande homem!... Ou talvez a porca cega tenha acabado de encontrar o cocho...[38]

Schwarz – Que primor de planos! Que honesto negócio! Exatamente ao gosto dos grandes espíritos da humanidade! Agora só falta alguém sugerir que nos tornemos mulheres e alcoviteiras, ou talvez que levemos nossa virgindade ao mercado público.

Spiegelberg – Farsas! Só farsas! O que vos impede de desempenhar todos esses papéis sendo uma só pessoa? Meu plano haverá de vos estimular ao máximo e de quebra vocês levarão fama e imortalidade! Vede, pobres-diabos!

36. Note-se a incrível atualidade do projeto de Schufterle (nome que vem de *Schuft*, que significa patife). (N.T.)

37. Ironia à doença venérea (*morbus gallicus* ou sífilis) que, na época, se espalhou pela França (e portanto deveria ter enfraquecido os soldados) e era controlada pelo uso de mercúrio. (N.T.)

38. A linguagem dos bandoleiros é chula e pintalgada de dialeto suábio. (Ele não é usado poeticamente mas apenas identificativamente.) Aqui, numa expressão que parece inteligível, Razmann quer dizer que, eventualmente, mesmo que Spiegelberg não seja o grande homem que ele referiu, acertou em cheio. (N.T.)

Nosso pensamento deve chegar até aí, inclusive! Até a fama depois da morte e a doce sensação de ser inesquecível...

Roller – E ficando bem na parte de cima na lista das pessoas honradas! Tu és um mestre do discurso, Spiegelberg, quando te dispões a fazer de um homem honrado um velhaco... Mas e o nosso Moor, como é que fica?

Spiegelberg – Honrado, tu dizes? Pensas por acaso que serás menos honrado depois do que agora? O que significa a honra para ti? Providenciar para que sumam da cacunda do ricaço avaro um terço de suas preocupações, que só atrapalham seu sono dourado, levando esse dinheiro parado a circular e voltando a equilibrar o valor das coisas, ou seja, chamar de volta a idade do ouro,[39] ajudar a Deus com alguns de seus pensionistas importunos, poupar-lhe guerras, pestes, tempo precioso e doutores... Vês, é a isso que chamo honra, é isso o que chamo de depor uma ferramenta nobre nas mãos da providência... E cortejar o pensamento lisonjeiro de que todo o assado que comemos foi alcançado através de tua ousadia, de tua coragem de leão, de tua vigília... Ser respeitado por grandes e por pequenos...

Roller – E ao fim ir aos céus ainda vivo e, apesar do vento e da tempestade, apesar do estômago voraz de tempos imemoriais, vagar tranquilo por entre o sol, a lua e as estrelas, onde até mesmo os passarinhos mais irracionais do céu, atraídos por seu nobre desejo, fazem seus concertos celestiais e seguram com os rabinhos o sacrossanto sinédrio dos anjos?[40] Não é verdade? Sim, e quando monarcas e potentados forem dilacerados por vermes e traças, ter

39. Época paradisíaca em que os homens viviam em harmonia, felizes, em paz uns com os outros, rodeados de inocência e pureza. Já referida por Hesíodo (*Erga,* 109-201) e por Ovídio nas *Metamorfoses* I, 89-150. (N.T.)

40. Paródia ao *Messias,* XII, de Klopstock. (N.T.)

a honra de receber a visita do pássaro real de Júpiter?[41] Moritz, Moritz, mais uma vez Moritz! Fica atento! Fica atento ante o animal trípode![42]

Spiegelberg – E isso te assusta, coração de lebre? Não foram nem um nem dois os gênios universais que poderiam ter reformado o mundo e acabaram apodrecendo sobre o esfoladouro... E por acaso não se fala durante séculos, aliás durante milênios, de alguns reis ou príncipes supervalorizados pela história só porque aquele que por ele foi encarregado de escrever a história não teve medo de aproveitar a lacuna na sucessão e dar ao livro um par de páginas a mais, pagas em dinheiro vivo pelo editor... E quando o viajante te vê voar assim ao vento, para lá e para cá, de um lado para outro, sem destino... Esse também não deve ter tido um pingo de tutano na cabeça, é o que ele ruge do meio de sua barba, suspirando a respeito de uma época miserável!

Schweizer *(bate-lhe ao ombro)* – Magistral, Spiegelberg! Magistral! O que estais a fazer aí, titubeando?

Schwarz – E deixa que se chame *prostituição*... O que virá a seguir? Não se pode por acaso ajuntar ao caso um pouquinho de pólvora pessoal, instigando-se a si próprio a sobrepujar o Aqueron[43] em silêncio, evitando que algum galo faça alarme a respeito. Não, mano Moritz! Tua proposta é boa. É o que diz o meu próprio catecismo.

Schufterle – Raios! E o meu reza igual! Spiegelberg, tu me conquistaste para a causa!

Razmann – Tu levaste, qual novo Orfeu,[44] a besta ululante da minha consciência ao sono. Toma-me inteiro, assim como cá estou.

41. Júpiter era sempre acompanhado de uma águia. Referência à morte, ao fato de atrair a ave com o cheiro do cadáver. (N.T.)

42. Refere-se ao patíbulo, construído sobre três pés na época. (N.T.)

43. O rio dos ínferos, do subterrâneo, do Inferno. (N.T.)

44. Cantor da lenda grega que com sua canção foi capaz inclusive de levar Cérbero, o cão infernal, ao sono. (N.T.)

Grimm – *Si omnes consentiunt ego non dissentio.*[45] Concordo com tudo, sem reparar vírgula. Já está pintado o quadro em minha cabeça. Pietistas – curadeiros charlatães –, resenhistas e velhacos. Quem fizer a maior oferta me levará. Toma minha mão, Moritz.

Roller – E também tu, Schweizer? *(Dá, do mesmo jeito, a mão direita a Spiegelberg.)* Pois bem, empenho minha alma ao diabo.

Spiegelberg – E teu nome às estrelas! E que importa, no mais, para onde a alma vai? Que importa se bandos de mensageiros galopando à vanguarda anunciarem nosso declínio, de modo que os satanazes se escovem de vontade a cada dia, arrancando às pestanas a ferrugem de mil anos e miríades de cabeças encouraçadas brotarem para fora da garganta fumacenta de suas lareiras de enxofre apenas para ver a roupa que vestimos? Ora, camaradas! *(Levantando-se de um salto.)* De pé, camaradas! O que nesse mundo compensa esse êxtase de encantos? Vinde, camaradas!

Roller – Devagar, gente! Devagar! Ir para onde? O animal também tem de ter sua cabeça, crianças.

Spiegelberg *(venenoso)* – O que está pregando o irresoluto? A cabeça já não existia antes mesmo de o animal ter um corpo? Segui-me, camaradas!

Roller – Lentamente, eu disse. Também a liberdade tem de ser seu senhor. Sem comando Esparta e Roma foram ao chão.

Spiegelberg *(insinuante)* – Sim... É preciso esperar. Roller tem razão. E o comando tem de ser dado a uma cabeça iluminada. Vós entendeis? Uma cabeça fina e política tem de estar à frente do grupo. Sim! Quando penso para comigo o que éreis há menos de uma hora e o que sois agora...

45. Em latim, no original. Se todos consentem, eu não haverei de dissentir. (N.T.)

tão só através de um único pensamento feliz... Sim, com certeza, vós tendes de ter um chefe... E quem deu à luz esse pensamento, dize, não tem de ser uma cabeça sumamente política e iluminada?

Roller – Se tivéssemos a chance... Se pudéssemos sonhar com a chance... Mas eu temo que ele não aceitaria.

Spiegelberg – Por que não? Cuspa logo, amigo! Tão difícil quanto conduzir um navio guerreiro contra o vento a levantar as ondas... Por mais que aperte o peso da coroa... Dize-o, Roller, seja intrépido! Talvez aceitasse...

Roller – E furado estará o projeto se ele não aceitar. Sem o Moor somos um corpo sem alma.

Spiegelberg *(afastando-se dele com desagrado)* – Galinha!

Moor adentra a sala em movimento selvagem e caminha precipitadamente de um lado para outro, falando consigo mesmo.

Moor – Homens... Homens! Seu sangue é de crocodilo, falso e hipócrita! Seus olhos são de água! Seus corações são de metal! Beijos nos lábios! Espadas no seio! Leões e leopardos alimentam seus filhos, urubus servem a mesa de seus pequenos sobre a carniça e o homem, e Ele... Aprendi a suportar a maldade e consigo até sorrir quando meu inimigo bebe com fúria à saúde de meu próprio sangue... Mas quando o amor de sangue se torna traiçoeiro, quando o amor de pai se transforma em megera...[46] Oh, então a frieza varonil pega fogo, o cordeiro cheio de mansidão vira um tigre selvagem e todas as fibras de nosso corpo se excitam ante a ira e a ruína.

46. Referência a Mégaira (Megera), deusa da vingança grega e uma das três Fúrias. Aqui, tem o conhecido sentido de mulher sumamente desprezível e detestada. (N.T.)

Roller – Moor, escuta! O que pensas disso? Uma vida de bandoleiros é, em todo caso, melhor do que ser tratado a pão e água na cova mais profunda das torres, não?

Moor – Por que esse espírito não se fez tigre de verdade e foi cravar seus dentes furiosos na carne humana? É isto que é a fidelidade paterna? É a isso que se chama amor por amor? Quisera ser um urso e voltar a atiçar os ursos das terras do norte contra essa estirpe assassina... Arrependimento, e nada de compaixão! Oh, quisera envenenar os oceanos a fim de que bebessem a morte de todas as fontes! Confiança, entrega absoluta e inexpugnável, e nenhuma misericórdia!

Roller – Pois então escuta, Moor, o que eu te digo!

Moor – Isso é inacreditável, só pode ser um pesadelo, um tremendo engano... Um pedido tão comovedor, uma descrição tão viva da miséria, um arrependimento tão escaldante... que a mais selvagem das bestas teria derretido de compaixão! Até as pedras deixariam lágrimas rolar e, todavia... Toda gente diria que isso é um pasquim[47] contra a raça humana se eu fosse relatá-lo com clareza... E, todavia... Todavia... Oh, se eu pudesse campear natureza afora, soprando as trombetas do motim, a fim de que ar, terra e mar voltassem a conduzir essa cria de hienas a se encontrar!

Grimm – Mas agora escuta, escuta! De tão furioso que estás não ouves nada!

Moor – Fora, fora, para longe de mim! Teu nome não é homem? Não és humano? Não foi a mulher quem te deu a luz? Afasta-te de meus olhos, tu que tens rosto humano!... E eu amei de maneira indizível! Assim jamais amou filho algum neste mundo! Eu daria mil vidas por ele... *(Sapateando no chão com fúria.)* Ahá! Quem me dá às

47. Panfleto. Referência a Pasquino, nome, em Roma, de uma estátua de gladiador, na qual se fixavam libelos e sátiras. (N.T.)

mãos uma espada, a fim de abrir nesta cria de víbora uma ferida ardente! Quem pode me dizer onde posso atingir o coração de sua vida, triturá-lo, aniquilá-lo... Quem o fizesse seria meu amigo, meu anjo, meu Deus... E eu me jogaria implorante aos seus pés!

Roller – Sim, pois, nós desejamos ser esses amigos, mas deixa que te mostremos como!

Schwarz – Vem conosco em direção às florestas da Boêmia! Queremos juntar um grupo de bandoleiros e tu... *(Moor finca os olhos neles, fixos.)*

Schweizer – Queremos que sejas nosso capitão! Tu tens de ser nosso capitão!

Spiegelberg *(jogando-se selvagemente a uma poltrona)* – Escravos e poltrões!

Moor – Quem te soprou essas palavras ao ouvido? Escuta, rapaz! *(Enquanto agarra Schwarz com força.)* Isso tu não trouxeste do fundo de tua alma humana! Quem te soprou essas palavras ao ouvido? Sim, com mil demônios! É isso o que nós queremos, é isso o que nós devemos fazer! A ideia merece ser endeusada... *Bandoleiros* e *assassinos*! Por minha alma que aceito... Sou, desde já, vosso capitão!

Todos *(numa gritaria alucinada)* – Viva o nosso capitão!

Spiegelberg *(levantando num salto, para si mesmo)* – Até que eu dê um jeito nele!

Moor – Vede! É como se a catarata que obscurecia a minha vista tivesse cessado de repente! Que estúpido eu fui ao querer voltar para a prisão. Meu espírito está sedento de feitos, meu fôlego necessita de liberdade... *Assassinos, bandoleiros!* Com essas palavras jogo a lei aos meus pés... Homens esconderam a humanidade aos meus olhos quando eu apelei por humanidade... Basta, portanto, de simpatia, chega de ser humano e poupá-los! Já não tenho mais pai, já não tenho mais amor, e o sangue e a morte haverão de

fazer com que eu esqueça que um dia dei valor a alguma coisa! Vinde, vinde! Oh, quero permitir-me uma distração terrível... E tudo fica assim, eu sou vosso capitão! E sorte ao mestre que, entre vós, saquear com mais selvageria, assassinar com mais horror, pois eu vos digo, ele será recompensado como um rei... Juntai-vos à minha volta, cada um de vós, e jurai fidelidade e respeito a mim até a morte! Jurai-mo apertando essa direita varonil.

Todos *(dando-lhe a mão)* – Nós juramos fidelidade e respeito a ti até a morte!

Moor – Pois bem! E por esta mesma direita varonil juro-vos aqui e agora, fiel e constantemente, ser vosso capitão até a morte! Ao que hesitar, duvidar, ou até mesmo desistir, este mesmo braço levará a morte! E o mesmo espero de cada um de vós se eu ofender ou não cumprir o meu próprio juramento! Estais satisfeitos? *(Spiegelberg corre furioso, para lá e para cá.)*

Todos *(levantando os chapéus)* – Estamos satisfeitos!

Moor – Pois então, adiante, vamo-nos! Não temais a morte e o perigo, pois sobre nós reina um fado inabalável! Todos se aproximam de seu dia, quer estejam sobre os travesseiros macios de sua cama quer na turba áspera do combate ou mesmo sobre a roda[48] ou o patíbulo público! E um deles é o destino de qualquer um de nós! *(Eles saem.)*

Spiegelberg *(seguindo-os com os olhos e depois de uma pausa)* – Teus registros têm um furo. Deixaste o veneno de fora.[49] *(Sai.)*

48. Aqui, suplício que consistia em amarrar alguém numa espécie de cruz em forma de X, quebrar-lhe os membros com uma maça e, em seguida, atar-lhe o corpo a uma roda, que se fazia girar; suplício da roda. (Conceito do Aurélio) (N.T.)

49. Refere, desde já, a intenção de Spiegelberg de envenar o capitão. O veneno era *modus operandi* tipicamente feminino, considerado covarde e pouco digno de ser usado pelo homem. (N.T.)

Terceira cena

No castelo de Moor, o quarto de Amália.
Franz e Amália.

Franz – Desvias os olhos de mim, Amália? Mereço menos do que aquele que maldisse o seu próprio pai?[50]

Amália – Fora! Pobre do pai amoroso e compassivo que presenteia lobos e monstros ao seu filho! Em casa ele se deleita com vinhos doces e saborosos e descansa seus membros deteriorados em travesseiros de ganso, enquanto seu grande e magnífico filho se estraga... Tende vergonha, desumanos! Tende vergonha, almas de dragão, ignomínias da humanidade que sois! O seu único filho!

Franz – Eu pensei que ele tivesse um segundo...

Amália – Sim, ele merece ter filhos assim como tu... Em seu leito de morte ele haverá de estender em vão suas mãos murchas para cima implorando ajuda a seu Karl, recolhendo-as tremebundo ao constatar que segurou a mão gelada de seu Franz... Oh, é doce, é saborosamente doce ser amaldiçoado pelo própio pai!... Fala, Franz, alma amável e fraternal! O que tem de se fazer quando se quer ser amaldiçoado por ele?

Franz – Tu deliras, minha querida, és digna de pena.

Amália – Oh, por favor, eu te peço... Tens pena de teu próprio irmão? Não, seu desumano, tu o odeias! E também não odeias a mim, por acaso?

Franz – Eu te amo como a mim mesmo, Amália.

Amália – Se me amas, serias capaz de não atender um pedido meu?

50. A cena guarda parentesco distante com as invocações de Gloster a Anna no *Ricardo III* de Shakespeare. Amália, que já havia sido referida por Franz anteriormente, enfim aparece. (N.T.)

FRANZ – Nenhum, nenhum! Se não pedires mais que a minha vida...

AMÁLIA – Oh, se for assim! Um pedido, pois, que haverás de atender tão facilmente, com tanto gosto... *(Orgulhosa.)* Odeie-me! Eu teria de ficar vermelha como o fogo de tanta vergonha, tão só ao pensar em Karl e ao mesmo tempo me lembrar de que tu não me odeias. Tu haverás de me prometê-lo? E agora vá e me deixe, gosto de ficar só!

FRANZ – Querida sonhadora! Não imaginas quanto admiro teu coração terno e amoroso. *(Batendo ao peito dela.)* Aqui, sim, aqui Karl reina como um deus em seu templo, Karl está à tua frente, em guarda, Karl rege em teus sonhos; para ti a criação toda parece se condensar num único homem, se refletir nele e é só através dele que teus ouvidos escutam e teus olhos veem.

AMÁLIA *(comovida)* – Sim, é verdade, confesso-o. E ante vós, bárbaros, quero confessar a minha teimosia ao mundo inteiro: eu o amo!

FRANZ – Mas isso é desumano, cruel! Pagar dessa maneira a um amor assim! Esquecer aqueles que...

AMÁLIA *(atacando)* – Esquecer do quê?

FRANZ – Não lhe enfiaste um anel no dedo, por acaso? Um anel de diamante como prova de tua fidelidade! E eu me pergunto, como um adolescente poderá oferecer resistência aos encantos de uma meretriz? Quem irá levá-lo a mal, já que não havia mais nada de sobra para lhe dar... e já que, além de tudo, ela lhe pagava com usura através de seus carinhos, de seus abraços?

AMÁLIA *(explodindo)* – Meu anel uma meretriz?

FRANZ – Eca, nojo! Mas isso é vergonhoso. Mas que bom que seria se de fato assim fosse... Um anel, por mais valioso que seja, na realidade pode ser conseguido junto a qualquer judeu das redondezas... Talvez não lhe tenha

agradado o trabalho do ourives, talvez o tenha trocado por outro, mais bonito...

AMÁLIA *(impetuosamente)* – Mas era ao meu anel... ao meu anel que te referias?

FRANZ – A nenhum outro, Amália... Ahá, uma joia dessas, e justamente no meu dedo... e vinda de Amália! Daqui a morte não o arrancaria... não é verdade, Amália? Nem o valor de um diamante, nem a arte do cunho... O amor alcança sua validade no... Querida criança, estás chorando agora? Pobre daquele que arranca lágrimas tão custosas de olhos tão celestiais... Ah, e se chegasses a saber de fato tudo, se o visses, se o reconhecesses sob *a figura*...

AMÁLIA – Monstro! Como assim, sob que figura?

FRANZ – Calma, calma, minha querida! Não me esgotes com tuas perguntas! *(Como se falasse consigo mesmo, mas alto.)* Se pelo menos carregasse um véu, essa doença nojenta, a fim de se ocultar aos olhos do mundo! Mas ela espia de modo terrível através do anel dos olhos dourados e cor de chumbo... Ali ela se trai revelando um rosto pálido como a morte e mostrando ossos terríveis e salientes... Ali ela balbucia à meia voz, entrecortada... Ali ela prega em voz terrivelmente alta, que brota de uma ossada tremebunda e capenga... Ali ela revolve o tutano mais fundo dos ossos e quebra a força viril da juventude... Ali ela respinga espuma devoradora e chamejante ao abrir testa, faces e boca, e expõe toda a superfície do corpo numa chaga nauseabunda, fazendo seu ninho horroroso nas covas da vergonha animal... Eca, nojo, nojo! Me sinto mal. Narinas, olhos e orelhas sacodem-se... Tu viste aquele miserável, Amália, que refocilou arquejante o seu espírito em nossa casa de inválidos... A vergonha parecia querer fechar teus olhos tímidos à sua vista... e tu clamaste para que tivéssemos pena dele. Volta a clamar para que esta imagem surja inteira

em tua alma e Karl estará diante de ti! Os beijos dele são a peste, seus lábios envenenariam os teus![51]

AMÁLIA *(golpeando-o)* – Seu desavergonhado!

FRANZ – Ficas horrorizada ante o Karl que te revelo? Essa imagem pálida já é suficiente para te causar nojo? Vai até ele, e fica embasbacada ante o teu belo, angelical e divino Karl! Vai, mama seu hálito balsâmico e deixa que os cheiros ambrosíacos que brotam de sua garganta te sepultem! Tão só o hausto de sua boca soprar-te-á em direção àquela vertigem negra e semelhante à morte que acompanha o fedor de um cadáver decomposto e a visão de um campo de batalha.

(Amália desvia o rosto dele.)

FRANZ – Que nobre impulso de amor! Que volúpia no desejo do abraço... Não é injusto, porém, condenar um homem só por causa de seu exterior enfermo? Também no mais miserável dentre os aleijões esopianos[52] pode existir uma alma grandiosa e amável, que brilha como um rubi em meio ao lodo. *(Sorrindo malvadamente.)* Também dos lábios mais carcomidos pode brotar o amor... Mas quando o vício balança inclusive o rigor do caráter, quando a virtude se esfuma através da castidade assim como o cheiro acaba quando a rosa seca... Quando, junto do corpo, também o espírito se deteriora a ponto de tornar-se ele mesmo um aleijão...

AMÁLIA *(pondo-se de pé num salto, alegre)* – Ahá! Karl! Eis que volto a te reconhecer! Ainda estás inteiro! Inteiro! Era tudo mentira... Não sabes, seu bandido, que é impossível de acontecer algo assim a Karl? *(Franz permanece algum tempo meditando, e de repente se vira, disposto a*

51. Franz mente, inclusive, que Karl é sifilítico, referindo alguns dos sintomas da doença. No trecho percebem-se os conhecimentos medicinais do jovem Schiller, que em pouco tempo viria a se tornar médico. (N.T.)

52. Refere-se a Esopo, escritor de fábulas grego do século VI a. C. Ele teria sido aleijado e corcunda, mas dono de um caráter inigualável. (N.T.)

partir.) Para onde vais, tão apressado? Queres fugir à tua própria vergonha?

FRANZ *(de feições carregadas)* – Deixa-me, deixa-me! Deixa que minhas lágrimas corram livres... pai tirânico! Dar assim à miséria o melhor de teus filhos... que, envolvido pela vergonha de todos os lados... Deixa-me, Amália! Quero cair aos pés dele e implorar encostando meu rosto a seus joelhos... que jogue sobre mim, sim, sobre mim, a danação que lançou sobre o meu irmão... Que ele deserde a mim... A mim... Que me prive do sangue... da vida... de tudo...

AMÁLIA *(caindo em seus braços)* – Mano do meu Karl, caríssimo Franz, meu querido!

FRANZ – Oh, Amália! A fidelidade irredutível que demonstras ao meu irmão, faz com que eu gostaria tanto de te... Perdão por eu ter posto teu amor à prova numa circunstância tão dura! Correspondeste inteiramente às minhas expectativas... Com essas lágrimas, esses suspiros, essa indignação divina... também por mim, sim, também por mim... Oh, a minha alma e a dele se assemelham tanto!

AMÁLIA – Oh, não! Elas nunca foram parecidas!

FRANZ – Ah, elas sempre concordaram de um modo tão harmônico que cheguei a pensar que devíamos ser irmãos gêmeos! E não fosse a penosa diferença exterior, na qual eu lamentavelmente saio perdendo, e seríamos confundidos um milhão de vezes. Tu és, disse várias vezes a mim mesmo, sim, tu és igual a Karl, és seu eco e seu retrato!

AMÁLIA *(balançando a cabeça)* – Não, não! Por todas as luzes castas que iluminam os céus! Nenhuma veiazinha sequer tu tens dele, nenhuma centelha de seus sentimentos...

FRANZ – Somos totalmente iguais em nossas inclinações... A rosa era sua flor preferida... e que flor era superior à rosa para mim? Nenhuma... Ele amava a música de maneira inexprimível e vós sois testemunhas disso, vós, oh, estrelas

dos céus!... vós me vistes por tantas vezes ao piano, no silêncio mortal da noite, quando tudo jazia dormindo às sombras à minha volta... E como ainda és capaz de duvidar, Amália, se nosso amor se encontrava numa completude total, e se esse amor era exatamente esse ao qual me refiro, como poderiam seus filhos degenerar?

(Amália olhando-o admirada.)

Franz – Aconteceu num anoitecer calmo e agradável, o último antes de sua partida a Leipzig... Ele me levou ao caramanchão, sob o qual costumava se entregar a seus sonhos de amor... Ficamos em silêncio por longo tempo... Até que enfim ele pegou minha mão e me falou suavemente, entre lágrimas: deixarei Amália e não sei, me parece... que é para sempre... Não a deixe, meu irmão!... Sê tu mesmo o amigo dela... o Karl que ela quis... se Karl... se Karl jamais voltar... *(Ele se joga aos pés dela e beija sua mão impetuosamente.)* Nunca, nunca... Jamais ele voltará, e eu lhe fiz um juramento santo!

Amália *(afastando-se dele a correr)* – Traidor! Te surpreendi nessa! Foi justamente sob o mesmo caramanchão que ele jurou a mim e a ninguém mais seu amor... E se ele morresse... E agora vejo como tu agiste malvada e abominavelmente... Ponha-se daqui pra fora!

Franz – Tu não me conheces, Amália! Tu não me conheces nem um pouquinho!

Amália – Oh, sim, eu te conheço! De ora em diante te conheço bem... E querias ser igual a ele! Ele teria chorado por mim diante de ti? Diante de ti? Acho que muito antes disso teria inscrito meu nome no pelourinho! Saia já daqui!

Franz – Tu estás me ofendendo!

Amália – Saia já daqui, já disse! Me roubaste meia hora preciosa e a vida haverá de fazer com que pagues por ela.

Franz – De modo que me odeias.

Amália – Eu te desprezo! Fora!

Franz *(sapateando ao chão)* – Espera! Se é assim, haverás de tremer diante de mim! És capaz de me sacrificar por um mendigo? *(Sai, irado.)*

Amália – Vai-te, patife... Assim volto a ficar com meu Karl... Mendigo, ele disse? De modo que o mundo virou de ponta cabeça e os mendigos são reis e os reis são mendigos! Eu não trocaria os farrapos que ele carrega pela púrpura dos ungidos... O olhar com que ele mendiga tem de ser um olhar grandioso, um olhar real... Um olhar que aniquila a magnificência, a pompa, o triunfo dos grandes e dos ricos! Ao pó contigo, adereço faustoso e inútil! *(Ela arranca as pérolas do pescoço.)* Sede condenados, vós os grandes e ricos, por carregardes ouro, prata e diamantes! Sede condenados, por fartar-vos em almoços suntuosos! Sejam condenados vossos membros, por descansarem sobre a almofada macia da volúpia! Karl! Karl! Assim eu te mereço... *(Sai.)*

SEGUNDO ATO

Primeira cena

Franz von Moor, meditabundo, em seu quarto.

Franz – Isso demora demais para o meu gosto... O médico diz que ele estaria voltando... Mas a vida de um velho é uma eternidade! E o caminho estaria livre à minha frente não fosse esse amontoado de carne dura e aborrecida que, semelhante ao cão mágico da fábula de espíritos, atravanca o caminho que leva aos meus tesouros.[53]

Será que todos os meus projetos terão de se curvar ao jugo férreo do mecanismo?... Terá o meu espírito altaneiro de se deixar acorrentar ao caminho de lesma da *matéria*?... Ah, e seria apenas soprar uma luz que não faz mais do que se alimentar com usura da última gota de óleo... Sim, mais do que isso não é... Mas de qualquer forma não queria fazê-lo eu mesmo, por causa da animosidade das pessoas. Eu não queria matá-lo, preferiria vê-lo morrer. Eu queria fazer tudo como um médico cuidadoso, apenas de modo inverso... Não interromper o caminho da natureza fazendo um risco transversal, mas apenas instigá-la ao próprio caminho... E se nós temos autoridade para prolongar a vida, por que não haveríamos de ter a mesma autoridade para encurtá-la?

Filósofos e médicos ensinam com que afinidade o espírito se encontra num mesmo ponto com os movimentos da máquina da matéria. Sensações aparentadas são acom-

53. Crença popular divulgada na Alemanha. Ela é referida por mais duas vezes – tangencialmente – até o final da peça. (N.T.)

panhadas a toda hora por uma dissonância nas vibrações mecânicas... Paixões *malbaratam* a força de viver... O espírito sobrecarregado derriba a morada de seu corpo ao chão... E o que nos resta fazer? Se alguém pelo menos fosse capaz de aplanar o caminho baldio da morte ao castelo da vida! Apodrecer o corpo através da atuação do espírito...[54] Ahá! Uma obra original! Quem consegue levá-la a cabo? Uma obra sem igual! Pensa nisso, Moor! Esta seria uma arte digna de te haver como inventor... Não acabaram de elevar o envenenamento à categoria de ciência ordinária ao mesmo tempo em que obrigaram a Natureza a mostrar seus limites através de experimentos, a ponto de conseguir calcular com antecedência o número das batidas de um coração ao longo de um ano e determinar ao pulso que trabalhe até lá e não mais adiante?...[55] Quem não haveria de tentar também alçar voo sendo tais as circunstâncias?

E se eu tivesse de pôr mãos à obra a fim de perturbar essa concórdia doce e pacífica existente entre o corpo e a alma? Que gênero de sensações eu haveria de ter de eleger? Qual delas atacaria com mais justeza e ira a flor da vida? O *Ódio*... Esse lobo famélico devora e se satisfaz com demasiada rapidez... A *Inquietação*? Esse verme rói muito devagar para o meu gosto... O *Desgosto*? Essa víbora anda às furtadelas e de modo demasiado indolente... O *Medo*? A esperança não o deixa envolver as coisas em seu abraço... O quê? São esses todos os verdugos à disposição do homem? O arsenal da morte se esgota tão rapidamente? *(Meditabundo.)* Como assim? E agora? Que

54. A divisão entre corpo e alma, entre a parte animal do homem e sua parte espiritual é noção firmemente arraigada no jovem Schiller e comparece um punhado de vezes. De exemplo, quando mencionou, anteriormente, "O espírito sobrecarregado derriba a morada de seu corpo ao chão..." (N.T.)

55. Uma mulher em Paris teria chegado ao ponto de, através de experimentos ordinários e bem-pensados com pó venenoso, antecipar com bastante precisão o dia de uma morte futura. Arre sobre os nossos médicos, que deveriam ficar envergonhados ante essa mulher por causa de seu modo de prognosticar.

fazer? Não! Peguei! *(Sobressaltado.)* E o *Terror*? O que não pode o Terror? O que podem a razão e a religião contra esse gigante, contra esse abraço gélido? E, todavia? Se o homem sobrepujar também esta tempestade? Se ele... Oh, mas se assim for, tu haverias de vir me ajudar, *Lamento*, e tu também *Arrependimento*, Eumênide infernal,[56] serpente enterrada, que rumina seu pasto e come seu próprio esterco, eterna destruidora, eterna criadora do teu próprio veneno; e também tu, *Autoacusação* uivante, que aniquilas tua própria morada e feres tua própria mãe... Também vós haveríeis de me ajudar, vós, as Graças[57] benfazejas, a do *Pretérito* em seu sorriso suave e a do *Futuro* florescente com sua cornucópia a brotar da testa. Sim, vós haveríeis de mostrar ao homem em vossos espelhos a alegria do céu, quando o vosso pé fugidio lograsse escapar a seus braços cobiçosos... E assim eu atacaria de golpe em golpe, de tempestade em tempestade essa vida quebradiça, até que a tropa das Fúrias[58] enfim decida... O *Desespero*! É o triunfo! É o triunfo! O plano está pronto... Tão artificioso e preciso quanto se possa imaginar... confiante... certeiro... pois *(trocejando)* a faca do esquartejador não deixa os rastros da ferida nem a corrosão do veneno. *(Decidido.)* Pois bem, então! *(Herrmann aparece.)* Ahá! *Deus ex macchina!*[59] Herrmann!

Herrmann – A vosso serviço, magnânimo senhor!

56. A designação grega para uma das Deusas da Vingança. (N.T.)

57. Referência às Três Graças, deusas pagãs que personificam o dom de agradar. (N.T.)

58. Referência coletiva às divindades infernais Alecto, Megera e Tisífone, que personificavam o remorso e a vingança dos deuses. Na mitologia grega eram conhecidas por Eríneas. (N.T.)

59. Expressão latina. No antigo teatro greco-romano, ator que personificava um deus e que era trazido à cena por meio de mecanismos, pairando sobre o palco. Aqui, refere a vinda inesperada de Herrmann, que eventualmente resolverá os problemas e embrulhos em que Franz se encontra. (N.T.)

Franz *(dando-lhe a mão)* – Serviço que não dispões a nenhum mal-agradecido, seja dito...

Herrmann – Claro, tenho recebido algumas provas de vossa gratidão.

Franz – Na próxima haverás de receber mais... Na próxima, Herrmann! Tenho algo a te dizer, meu caro Herrmann...

Herrmann – Sou todo ouvidos.

Franz – Eu te conheço, és um sujeito decidido... Coração de soldado... Não tens papas na língua... Meu pai te ofendeu muito, Herrmann!

Herrmann – Que o diabo me carregue se eu for capaz de esquecer disso!

Franz – É assim que um homem fala! A vingança cai bem a um peito de homem! Tu me agradas, Herrmann. Toma esta bolsa, meu caro. E ela haverá de ser mais pesada quando eu me tornar senhor.

Herrmann – Este é meu desejo eterno, magnânimo senhor, e vos agradeço.

Franz – De verdade, Herrmann? Desejarias mesmo que eu me tornasse o senhor deste principado? Mas meu pai tem a medula de um leão e ademais eu sou o filho mais novo...

Herrmann – Eu gostaria que vós fosseis o filho mais velho, e que vosso pai tivesse a medula de uma moçoila tísica.

Franz – Ahá! E como o filho mais velho haveria de te recompensar nesse caso! Como ele quereria te arrancar deste pó ignóbil, que combina tão pouco com teu espírito e tua nobreza, a fim de te elevar à luz da ventura! E então tu haverias de, exatamente como aí estás, ser coberto de ouro e andar pela cidade num coche de quatro cavalos... Sim, era exatamente isso que aconteceria contigo! Mas eis

que acabo me esquecendo daquilo que queria dizer-te... Já esqueceste a senhorita von Edelreich, Herrmann?

Herrmann – Caramba! Mas e o que tem ela a ver com isso?

Franz – Meu irmão acabou por roubá-la de ti.

Herrmann – E haverá de pagar por isso!

Franz – Ela te deu um fora. E acho que ele até te jogou escadas abaixo...

Herrmann – Por isso haverei de fazer com que ele queime no fogo do inferno.

Franz – Ele falou por aí, e o fuxico se espalhou de ouvido a ouvido alcançando todo mundo, que tu fizeste uma poça de água salgada à tua volta de tanto medo e que teu pai não pode mais te olhar de frente sem bater ao peito e suspirar: Deus tenha piedade de mim, pobre pecador!

Herrmann *(furioso)* – Com mil raios e trovões, agora basta!

Franz – Ele inclusive te aconselhou a penhorar tua carta de nobreza, a fim de remendar tuas meias e honras com o dinheiro.

Herrmann – Com todos os demônios! Eu quero lhe arrancar os olhos com minhas próprias unhas!

Franz – O quê? Eis que ficas bravo? Mas como podes ficar bravo com ele? Que podes fazer de mal contra ele? O que pode uma ratazana do teu calibre contra um leão? Teu ódio apenas faz adoçar seu triunfo! Não podes fazer nada, a não ser ranger os dentes e despejar tua raiva roendo um pão seco.

Herrmann *(sapateando ao chão de tanta ira)* – Eu quero fazê-lo virar pó!

Franz *(golpeando-o nos ombros)* – Argh, Herrmann! Tu és um cavalheiro! Não deves deixar que a praga caia sobre ti. Não deves deixar que a senhorita parta, não, isso

deves impedir de toda e qualquer forma, Herrmann! Raios e trovões! Eu haveria de tentá-lo de todo jeito e maneira se estivesse em teu lugar.

Herrmann – Não haverei de descansar antes de ver *ele* e *ele*[60] sete palmos abaixo do chão.

Franz – Não seja tão intempestivo, Herrmann! Vem cá, aproxima-te... Tu poderás ter Amália para ti!

Herrmann – Sim, tenho de tê-la, com os diabos! Tenho de tê-la!

Franz – E haverás de tê-la, eu já disse, e pela minha mão. Vem cá, aproxima-te, eu já disse... Talvez não saibas que já podemos considerar Karl praticamente deserdado?

Herrmann *(aproximando-se)* – Incompreensível, não consigo entender como, é a primeira vez que ouço falar disso.

Franz – Fica quieto e continua ouvindo! De outra feita ouvirás mais a respeito... Sim, eu te garanto, há onze meses ele se encontra praticamente desencaminhado. Mas o velho já parece estar arrependido do passo precipitado que ademais não foi ele *(rindo, alto)*, pelo menos assim o espero, quem deu. A senhorita Edelreich também vive diariamente diante dele e ataca-o com queixas e repreensões. Em pouco tempo ele mandará que o procurem nos quatro cantos da terra e se encontrá-lo, meu caro Herrmann, é boa noite! Tu poderás segurar com toda a humildade do mundo as rédeas de sua carruagem, quando ele for com ela à igreja para santificar seu casamento.

Herrmann – Eu quero degolá-lo com um crucifixo![61]

Franz – Em pouco o pai o encarregará do principado para

60. Assim no original. A duplicação possivelmente reflita o atordoamento exaltado de Herrmann. Refere-se a Karl, apenas. (N.T.)

61. Comparar com Hamlet III, 3 e IV, 7, onde comparece o mesmo motivo. Schiller cita, obscura ou claramente, a maior parte das tragédias de Shakespeare. (N.T.)

viver em paz e descanso em seus castelos. E assim o cabeça de vento terá as rédeas da situação em suas próprias mãos e poderá rir dos que o odeiam e invejam... E eu, que queria fazer de ti um homem poderoso e importante, eu mesmo, Herrmann, serei obrigado a me arrastar a seus pés...

Herrmann *(afogueado)* – Não! Enquanto eu me chamar Herrmann prometo que isso não acontecerá! Pelo menos enquanto brilhar uma centelha de juízo neste cérebro! Não, isso não acontecerá!

Franz – E *tu* queres impedir que isso aconteça? Também em ti ele descerá o açoite, meu querido Herrmann, e cuspirá em teu rosto quando o encontrares na rua. E coitado de ti se então deres de ombros ou torceres a boca manifestando desdém ou pouco caso... É neste pé que a coisa anda agora em relação às tuas intenções com a senhorita, em relação aos teus propósitos e projetos.

Herrmann – Dize-me, nesse caso, o que devo fazer?

Franz – Então escuta, Herrmann! E que vejas nisso como tomo em meu coração o teu destino, como se fosses meu melhor amigo... Vai... troca de roupa... De modo que ninguém possa te reconhecer, e deixa que te anunciem ao velho, dizendo-lhe que acabas de chegar da Boêmia onde estiveste com meu irmão no Encontro de Praga,[62] e que o viste partir desta para melhor no campo de batalha...

Herrmann – E acreditarão em mim?

Franz – Ho, ho, ho! Deixa isso ao meu encargo! Toma

62. Na Guerra dos Sete Anos, Frederico II, rei da Prússia, venceu os austríacos na Batalha de Praga em 6 de maio de 1757. Seu marechal de campo Schwerin tombou na luta. É por este, e tão só por este dado, que pode-se dizer que a ação da peça está fincada em meados do século XVIII, o que lhe dá uma importância crítica imensa. Schiller questiona – indiretamente – por várias vezes as relações de poder entre o sem-número de principados da Alemanha esfacelada econômica e politicamente à época. Daí o absurdo de a primeira montagem da peça (ocorrida em 1782) ter deslocado a ação para a Idade Média. (N.T.)

este pacote. Nele encontrarás os detalhes do que deves dizer. E documentos que provarão o que dizes, dirimindo dúvidas... Agora vê se te adianta e cuida para que ninguém te reconheça! Saia pela porta dos fundos ao pátio e dali salte o muro do jardim... O desenlace dessa tragicomédia fica ao meu encargo!

Herrmann – E ele será: Viva nosso novo príncipe, Franziskus von Moor!

Franz *(acariciando-lhe o rosto)* – Como te mostras esperto! Estás vendo que agindo dessa maneira alcançaremos todos os nossos objetivos de uma vez e imediatamente. Amália deixará de lado suas esperanças em relação a ele. O velho sentirá fundo a morte de seu filho, e... adoecerá – uma casa que oscila não precisa de um terremoto para cair aos pedaços – e não sobreviverá à notícia... E aí serei eu o seu único filho... Amália terá perdido seu apoio e se tornará um joguete nas mãos do meu querer, daí podes chegar facilmente à conclusão... curto e grosso, tudo sairá exatamente como desejamos... mas tu não poderás voltar atrás...

Herrmann – O que estais dizendo? *(Jubiloso.)* Será mais fácil a terra interromper seus giros fazendo o tempo voltar... Podeis contar comigo! Deixai que encaminho tudo! Adeus!

Franz *(gritando, enquanto ele se afasta)* – A colheita é tua, querido Herrmann... Quando um boi alcança trazer a carroça até o paiol, deve se contentar com feno... A ti uma criada de estrebaria, mas não Amália! *(Sai.)*

Segunda cena

No quarto do Velho Moor.
O Velho Moor dormindo numa poltrona. Amália.

Amália *(aproximando-se furtivamente)* – Silêncio! Silêncio! Ele dorme. *(Ela fica parada ante o velho.)* Que lindo, que nobre! Sim, é tão nobre quanto o quadro de um santo... Não, não posso acabar te irritando! Oh, velha cabeça, pintada em caracóis e prata,[63] não posso acabar te irritando! Durma tranquilamente e acorde feliz, que eu partirei e sofrerei sozinha.

O Velho Moor *(sonhando)* – Meu filho! Meu filho! Meu filho!

Amália *(segurando sua mão)* – Escutai, silêncio! Seu filho aparece em seus sonhos.

O Velho Moor – Tu estás aqui? Estás de verdade aqui? Ah, por que aparentas tanta desgraça? Não me olhe assim, com esse olhar cheio de dor e medo! Eu já sou suficientemente desgraçado.

Amália *(despertantando-o às pressas)* – Acordai, querido velho! Estais apenas sonhando. Tendes de conter-vos!

O Velho Moor *(meio dormindo)* – Ele não estava aqui? Não apertei suas mãos entre as minhas? O maldito Franz! Também queres arrancá-lo de meus sonhos?

Amália – De modo que percebes que sou eu, Amália?

O Velho Moor *(acordando de vez)* – Onde está ele? Onde? Onde estou eu? E tu aqui, Amália?

Amália – Como vos sentis? Estáveis numa soneca reconfortadora...

63. Motivo constante na poesia cavalheiresca medieval. (N.T.)

O Velho Moor – Sonhava com meu filho. Por que não continuei sonhando? Talvez eu alcançasse o perdão de sua própria boca.

Amália – Anjos não guardam rancor... ele vos perdoa. *(Toma sua mão, melancólica.)* Oh, pai do meu Karl! Eu vos perdoo...

O Velho Moor – Não, minha filha, não! A cor mortalmente pálida de teu semblante condena o pai. Pobre moça! Eu acabei com as alegrias de tua juventude... mas não me amaldiçoe!

Amália *(beijando sua mão com carinho)* – Amaldiçoar a vós?

O Velho Moor – Reconheces este retrato, minha filha?

Amália – É Karl!

O Velho Moor – Era assim que ele era quando completou dezesseis anos. Agora está tão diferente... Oh, meu interior está em borrasca... Esta suavidade é apenas indignação e esse sorriso desespero... Não é verdade, Amália? Foi no dia de seu aniversário e ele estava junto ao jasmineiro quando o pintaste, não? Oh, minha filha! Vosso amor me fez tão feliz.

Amália *(sempre com os olhos fincados no quadro)* – Não, não! Não é ele. Por Deus! Este não é Karl... Aqui, sim, aqui... *(apontando ao próprio coração e à cabeça)* aqui é que ele se encontra inteiro, e tão diferente. A simples cor não basta para representar o espírito divino que domina em seus olhos afogueados. Fora com isso! Isto aqui é tão humano! Eu fui uma péssima artista, uma remendona!

O Velho Moor – Esse olhar cheio de complacência e calor... Oh, se ele tivesse estado ante a minha cama! *Eu* haveria de viver em meio à morte! Eu não morreria jamais, jamais!

Amália – Sim, vós não morreríeis jamais, jamais! A presença dele seria semelhante a um salto como aqueles que

se dá de um pensamento a outro, mais bonito... Esse olhar iluminaria vosso caminho por sobre a cova. Esse olhar vos levaria até por cima das estrelas!

O Velho Moor – É duro, é triste! Eu morro, e meu filho Karl não está aqui... Serei carregado à cova e ele sequer chorará a minha morte... Como é doce ser embalado no sono da morte pelas orações de um filho... É como uma canção de ninar.

Amália *(delirando)* – Sim, é doce, celestialmente doce, ser embalado no sono da morte pelas orações do amado... Quem sabe se não seguirei sonhando com Karl na cova... Um sonho longo, eterno e infinito, até que os sinos do despertar toquem ao longe... *(Dando um salto, encantada.)* E de agora em diante por todo o sempre repousar em seus braços. *(Pausa. Ela vai até o piano e toca.)*

Queres, Heitor, fugir para sempre de mim
Para o lugar onde o ferro de Aquiles[64]
Homenageia Pátroclo com sacrifícios horríveis?
E no futuro quem irá a teus filhos ensinar
O manejo da lança e aos deuses honrar
Se o Xanto[65] te engole às suas entranhas terríveis?

O Velho Moor – Uma bela canção, minha filha. Deves tocá-la para mim antes de eu morrer.

Amália – É a despedida de Andrômaca[66] e Heitor... Karl e eu a cantamos várias vezes juntos... *(Segue tocando.)*

64. Referência a Aquiles, filho de Peleu, que caiu sobre Troia depois de ver seu amigo Pátroclo morto. Os versos são nitidamente inspirados no Canto VI da *Ilíada,* de Homero. (N.T.)

65. Rio de Troia. (N.T.)

66. Mulher de Heitor, citado a seguir. Heitor era filho de Príamo, rei de Troia, e foi morto miseravelmente por Aquiles ao final da *Ilíada*. (N.T.)

Cara mulher, vai, busca a lança mortal,
Deixa-me ir à dança da guerra fatal,
Meus ombros carregam Ílion[67] a tremer;
Com Astíanax,[68] nossos deuses em clamor!
Heitor cai, da pátria era o salvador,
Mas no Elíseo[69] voltaremos a nos ver.

Entra Daniel

Daniel – Há um homem esperando por vós lá fora. Ele pede que o deixemos entrar, pois tem uma notícia importante a dar-vos.

O Velho Moor – Para mim só há uma coisa importante no mundo, e tu sabes qual é, Amália... É um infeliz, que necessita da minha ajuda? Ele não deve partir daqui suspirando...

Amália – Se é um mendigo, que venha rapidamente para cá. *(Daniel sai.)*

O Velho Moor – Amália, Amália! Minha querida!

(Amália segue tocando.)

Nunca mais ouvirei o clangor das tuas armas,
Teus ferros descansam calados na sala,
A grande estirpe dos heróis de Príamo fenece![70]
Tu partirás para onde o dia não levanta, brilhando,
E o Cócito[71] atravessa o deserto chorando,
Enquanto no Leta[72] tua amada desaparece.

67. Troia. Daí, *Ilíada.* (N.T.)

68. Filho de Heitor e Andrômaca. (N.T.)

69. O refúgio dos bem-aventurados. A morada dos heróis e dos justos após a morte. (N.T.)

70. Príamo, o rei de Troia, teria tido 50 filhos e 50 filhas. (N.T.)

71. Expressão especialmente apreciada por Schiller (e também por Klopstock) para denominar aquele que normalmente é conhecido por Estige, o rio do inferno na mitologia grega. (N.T.)

72. Ou Letes, um dos cinco rios do Inferno mitológico. Simboliza o rio do esquecimento na mitologia grega. (N.T.)

Toda minha saudade, todo meu pensamento,
Que o Leta negro os afogue num lamento,
Mas não o meu amor!
Silêncio! O selvagem[73] já afronta os muros
Ata-me a espada à cinta, esquece o luto,
Não morrerá no Leta a amada de Heitor!

Franz. Herrmann disfarçado. Daniel.

Franz – Aqui está o homem! Novas terríveis vos aguardam, ele diz. Podeis ouvi-lo agora?

O Velho Moor – Eu só conheço uma nova terrível. Vem cá, meu amigo, e não me poupe! Deem-lhe uma caneca de vinho.

Herrmann *(mudando a voz)* – Honrado senhor! Não fazei pagar ao homem que, contra sua vontade, tem de perfurar vosso coração. Sou um estranho nestas terras, mas vos conheço muito bem, sois o pai de Karl von Moor.

O Velho Moor – Donde sabes isso?

Herrmann – Eu conheci vosso filho...

Amália *(sobressaltada)* – Ele vive? Vive, não? Tu o conheces? Onde ele está? Onde? Onde? *(Quer sair, correndo.)*

O Velho Moor – Tu sabes de meu filho?

Herrmann – Ele estudava em Leipzig. Dali, circulou para longe, não sei bem até onde. Vagou pela Alemanha toda e, conforme me contou, de cabeça descoberta e pés descalços, mendigando seu pão ante as portas.[74] Cinco meses depois voltou a rebentar a guerra entre a Prússia e a Áustria, e

73. Mais uma vez, referência a Aquiles e sua selvageria na busca de vingar em Heitor a morte de Pátroclo. (N.T.)

74. A inclemência de Franz na elaboração do plano não tem medida. Cabeça descoberta e pés descalços – tanto quanto mendigar – eram ignomínia suprema para qualquer pessoa, inclusive da plebe, tanto mais para um nobre. (N.T.)

como ele não tinha mais nada a esperar deste mundo, o eco vitorioso dos tambores de Frederico o chamaram à Boêmia. Permita, disse ele ao grande Schwerin,[75] que eu morra a morte no leito dos heróis, pois já não tenho mais pai!

O Velho Moor – Não me olhe assim, Amália!

Herrmann – Deram a ele a bandeira. E ele participou da campanha vitoriosa dos prussianos. Nós nos encontramos sob uma tenda de campanha. Ele falou muito de seu velho pai e dos dias melhores do passado... e de esperanças malogradas... as lágrimas bailavam em nossos olhos.

O Velho Moor *(esconde sua cabeça no travesseiro)* – Devagar, por favor, devagar!

Herrmann – Oito dias depois aconteceu a terrível batalha de Praga... Asseguro-vos que vosso filho se bateu como um guerreiro de coragem. Fez maravilhas ante os olhos da armada. Cinco regimentos passaram por ele e ele se manteve de pé. Balas caíam à direita e à esquerda e vosso filho se manteve de pé. Uma das balas destroçou sua mão direita, vosso filho passou a bandeira à esquerda, e se manteve de pé...

Amália *(não contendo o encanto)* – Heitor, Heitor![76] Estais ouvindo? Ele se manteve de pé...

Herrmann – Eu o encontrei à noite, mergulhado na batalha sob o silvo das balas. Com a esquerda tentava estancar o sangue que jorrava, a direita ele havia enterrado na terra. Irmão!, gritou ele, me chamando, e um murmúrio perpassou a turba de soldados: o general teria tombado há uma hora... Ele tombou, eu disse, e tu?... Pois, quem é um bravo

75. Frederico é Frederico II, rei da Prússia (1712-1786). Schwerin (Kurt Christoph, Conde de Schwerin, 1684-1757) foi seu marechal de campo na Guerra dos Sete Anos contra os austríacos, já citada anteriormente. (N.T.)

76. Amália quer dizer que Karl é semelhante a Heitor, o que, além de tudo, referenda seu canto e atesta o fundamento da citação clássica – de nenhum modo gratuita – feita por Schiller. (N.T.)

soldado, gritou ele, e ainda tem sua mão esquerda segue seu general[77] como eu! Pouco depois disso o hausto de sua grandiosa alma foi encontrar a de seu herói...

Franz *(quer partir para cima de Herrmann)* – Que a morte cale tua língua amaldiçoada! Vieste para cá a fim de dar o golpe de misericórdia em meu pai? Pai! Amália! Pai!

Herrmann – Foi o último desejo de meu camarada moribundo. Toma esta espada, estertorou ele, e leva-a até o meu pai. O sangue de seu filho está grudado nela, ele está vingado e que isso o apascente. Dize a ele que sua danação me perseguiu na luta e na morte e que eu tombei em desespero! Seu último suspiro foi Amália!

Amália *(como se fosse acossada do sono da morte)* – Seu último suspiro... Amália!

O Velho Moor *(gritando horrivelmente e se arrancando os cabelos)* – Minha danação o levou à morte! Tombou em desespero!

Franz *(vagando pelo quarto, sem rumo)* – Oh! O que vós fizestes, meu pai! Meu Karl, meu irmão!

Herrmann – Aqui está a espada, e aqui também um retrato que ele tirou de junto ao peito pouco depois! É semelhante a esta senhorita até o último fio de cabelo. Este deve ser entregue ao meu irmão Franz, disse ele... Não sei o que ele quis dizer com isso.

Franz *(parecendo surpreendido)* – A mim? O retrato de Amália? A mim, Karl, Amália? A mim?

Amália *(correndo para cima de Herrmann, com violência)* – Traidor vendido e corrupto! *(Segurando-o com força.)*

Herrmann – Não, digna senhorita, não sou isso que estais dizendo. Vede vós mesma se não é o vosso retrato... Provavelmente fostes vós mesma que o destes a ele.

77. Está falando do general Schwerin (vide Nota 75). (N.T.)

Franz – Por Deus! Amália, é o teu retrato! De verdade, é o teu retrato!

Amália *(devolvendo-lhe o retrato)* – É o meu, sim é o meu! Céus e terra!

O Velho Moor *(gritando, e dilacerando-se o rosto com as unhas)* – Ai! Ai! Minha danação o levou à morte! Tombou em desespero!

Franz – E ele ainda pensou em mim em suas derradeiras e doloridas horas, em mim! Alma angelical... Enquanto o véu negro da morte já era estendido sobre ele... pensou em mim!

O Velho Moor *(balbuciando)* – Minha danação o levou à morte, meu filho tombou em desespero!

Herrmann – Não suporto esse lamento. Adeus, velho senhor! *(Baixinho, para Franz.)* E por que vós procedeste assim, meu senhor? *(Sai rapidamente.)*

Amália *(levantando num pulo e seguindo-o)* – Fique! Fique! Quais foram mesmo suas últimas palavras?

Herrmann *(gritando, de longe)* – Seu último suspiro foi Amália. *(Sai.)*

Amália – Seu último suspiro foi Amália! Não... Tu não és um impostor! Se foi assim é verdade... verdade... ele está morto! Morto... *(Cambaleando para cá e para lá, até cair ao chão.)* Morto... Karl está morto...

Franz – Que é que estou vendo? O que está escrito aqui, na espada? Em letras de sangue... Amália!

Amália – Na letra dele?

Franz – Estou vendo direito ou estou sonhando? Sim, eis que vejo escrito em letras de sangue: *"Franz, não deixa a minha Amália!"* Vê só, vê só! E do outro lado: *"Amália, o teu juramento foi quebrado pela morte toda-poderosa."* Vês agora, vês agora o que ele quis dizer? Ele escreveu-o

com a mão contraída, escreveu-o com o sangue morno de seu coração, escreveu-o à beira festiva da eternidade! Seu espírito fugidio ainda fez atar Franz e Amália.

Amália – Santo Deus! É a sua letra... Ele jamais me amou! *(Saindo rapidamente.)*

Franz *(sapateando ao chão)* – Maldição! Toda a minha arte tomba ante essa obstinada.

O Velho Moor – Ai! Ai! Não me deixa só, minha filha... Franz, Franz! Traze meu filho de volta!

Franz – Quem foi que lhe estipulou a danação? Quem foi que acossou e mandou seu filho à luta, à morte e ao desespero? Oh! Ele era um anjo! Uma joia dos céus. Danação sobre o seu carrasco! Danação, sim, danação sobre vós, meu pai!

O Velho Moor *(bate, com o punho cerrado, sobre seu próprio peito e sua própria testa)* – Ele era um anjo, uma joia dos céus! Danação, danação, ruína, danação sobre mim mesmo! Eu sou o pai, aquele que abateu seu próprio filho grandioso. E ele me amou até a morte! Para me vingar buscou a luta e a morte! Monstro, monstro! *(Golpeando-se com fúria.)*

Franz – Ele já se foi, de que adiantam queixas tardias? *(Gargalhando ironicamente.)* É mais fácil matar do que fazer viver. Vós não havereis jamais de trazê-lo de volta de sua cova.

O Velho Moor – Jamais, jamais, jamais conseguirei trazê-lo de volta de sua cova! Ele se foi e está perdido para sempre! E tu me impingeste a danação, ma enfiaste no peito, tu... tu... Quero de volta o meu filho!

Franz – Não atiçais a minha ira. Eu vos deixo à morte!

O Velho Moor – Monstro! Monstro! Traze o meu filho de volta! *(Levanta-se com dificuldade da poltrona, quer agarrar Franz pelo pescoço, mas este o empurra de volta, com violência.)*

Franz – Velho esqueleto sem forças! Eis que ousais... Morrei! Em desgraça! *(Sai.)*

O Velho Moor *(só)* – Que mil danações te persigam! Tu roubaste meu filho aos meus braços... *(Dominado pelo desespero, se joga no sofá, de um lado a outro.)* Ai, ai, ai! Desesperar sim, morrer não! Eles fogem, me abandonam à morte... Os bons anjos me deixam, todos os santos abandonam o velho e frio assassino... Ai, ai! Não haverá ninguém para segurar a minha cabeça, não haverá ninguém para livrar minha alma do desespero? Nem filho! Nem filha! Nem amigos! Somente pessoas... Ninguém quererá vir, só... deixar... Ai, ai! Desesperar sim, morrer não!

Amália aparece, com os olhos vermelhos de chorar.

O Velho Moor – Amália! Mensagem dos céus! Vens para livrar minha alma do sofrimento?

Amália *(em tom suave)* – Vós perdestes um filho maravilhoso.

O Velho Moor – *Assassinado*, tu queres dizer. Com o peso desta testemunha me dirijo ao tribunal divino do Altíssimo.

Amália – Não assim, ancião querido e pleno de lamentos! O pai dos céus chamou-o para si. Nós seríamos demasiado felizes na terra... Lá, lá longe por sobre o sol... nós haveremos de voltar a vê-lo.

O Velho Moor – Voltar a ver, sim, voltar a ver! E uma espada de dor me atravessará a alma...[78] quando eu encontrá-lo santo entre os santos... No meio dos céus, tremores infernais haverão de trespassar-me! Na contemplação do infinito, a lembrança haverá de me triturar: Eu matei o meu filho!

78. Lucas, Cap. 2, Vers. 35. (N.T.)

Amália – Oh, e ele haverá de rir disso tudo e afastar de vossa alma as lembranças plenas de dor! Permanecei sereno, querido pai! Eu já estou conformada. Já não terá ele cantado o nome de Amália a ouvidos celestiais na harpa seráfica,[79] enquanto os mesmos ouvidos celestiais sussurram acompanhando a canção? Seu último suspiro foi, sim, seu último suspiro foi Amália! Seu primeiro júbilo não haverá de ser também Amália?

O Velho Moor – Um consolo celestial brota de teus lábios! Ele haverá de rir de minhas lembranças, dizes tu? Perdoar? Tens de ficar comigo, amada do meu Karl, quando eu morrer.

Amália – Morrer é o voo em direção aos seus braços. Feliz de vós! Tenho-vos inveja. Por que também este esqueleto não está cansado? Por que não estão também estes cabelos grisalhos? Lamento a força da juventude! Bem-vindo, velho alquebrado! Estais mais perto do céu e de meu Karl.

Franz aparece.

O Velho Moor – Vem cá, meu filho! Perdoa-me se há pouco fui tão duro contigo! Eu te perdoo tudo. Eu queria tanto morrer em paz de espírito!

Franz – Já chorastes o suficiente por vosso filho? Pelo que vejo tendes apenas um.

O Velho Moor – Jacó tinha doze filhos, mas chorou lágrimas de sangue pelo seu José.[80]

79. O hebraico Serafim era, originalmente, um ser de seis asas. Mais tarde passou a ser equivalente de anjo, ou anjo de primeira grandeza. Klopstock, influência profunda de Schiller na composição d'*Os bandoleiros* (visível principalmente nas sentenças proferidas por Amália), utiliza a expressão um sem-número de vezes no *Messias,* sua obra-prima. (N.T.)

80. Aqui e a seguir, a história bíblica de José, Moisés I, Cap. 37, Vers. 31-35. A história é de grande importância na literatura alemã. Goethe chamou importância para sua beleza e Thomas Mann veio a escrever uma tetralogia romanesca a respeito. (N.T.)

Franz – Hum!

O Velho Moor – Vai, pega a Bíblia, minha filha, e leia-me a história de Jacó e José! Ela sempre me comoveu tanto, e naquela época eu ainda não era Jacó.

Amália – Qual o trecho que quereis que eu vos leia? *(Toma a Bíblia e folheia as páginas.)*

O Velho Moor – Leia-me a lamentação do velho abandonado, ao não encontrá-lo mais entre os seus filhos... olhando em vão e fixamente pelo círculo dos onze... E também a canção de seu lamento, quando descobre que seu José lhe foi tomado para sempre...

Amália *(lendo)* – "Então eles tomaram o saio de José e abateram um cabrito, mergulhando o saio em seu sangue e mandando o saio colorido ao pai a fim de que o visse, dizendo: Nós o encontramos, vede se é ou não o saio de teu filho? *(Franz se afasta de repente.)* Mas ele o reconheceu e disse: é o saio de meu filho, um animal selvagem o devorou, um animal temível despedaçou o meu José!"

O Velho Moor *(caindo sobre o travesseiro)* – Um animal temível despedaçou José!

Amália *(lendo adiante)* – "E Jacó rasgou suas roupas, pôs um saco em volta dos rins e carregou luto por seu filho durante muito tempo. E todos os seus filhos e filhas se dispuseram a consolá-lo, mas ele não queria ser consolado e disse: Eu haverei de sucumbir com dor..."

O Velho Moor – Basta, chega! Eu me encontro muito mal.

Amália *(levantando de um salto e deixando o livro cair ao chão)* – Ajuda, por Deus do céu! O que é isso?

O Velho Moor – Isso é a morte! Negra... baila... ante os meus... olhos... Eu te peço... chame o pastor... a fim de que... ele me alcance a última ceia... E meu filho Franz... onde está?

Amália – Ele fugiu daqui! Que Deus tenha compaixão de nós!

O Velho Moor – Fugiu... Fugiu à cama do moribundo? E tudo isso... tudo isso... de duas crianças nas quais depositava toda minha esperança... Tu os... deste... e os levaste...[81] Que o teu nome seja...

Amália *(num grito repentino)* – Morto! Tudo morreu! *(Sai, em desespero.)*

Franz entra radiante, a saltitar.

Franz – *Morto!* Eis que gritam que ele está *morto*! Agora sou eu o *senhor.* Em todo o castelo se murmura, *morto!* Mas talvez ele esteja apenas *dormindo*... Pode ser, ah, com certeza! Sim, mas com certeza é um sono do qual jamais se ouvirá, para todo o sempre, um "bom dia"... O sono e a morte são gêmeos... E me faz gosto trocar os nomes agora! Sono galhardo, seja bem-vindo! Nós queremos te chamar de morte! *(Ele fecha os olhos do velho.)* E quem agora ousará vir e me obrigar a um tribunal, para prestar contas à lei?[82] Ou me olhar nos olhos e dizer: tu és um *patife*! Fora, então, com essa larva incômoda da cordialidade e da virtude! Agora todos devem ver Franz nu e se horrorizar com isso!... Meu pai adoçava em demasia suas ordens e fez de seus domínios um círculo familiar, enquanto ficava sentado cheio de amor às portas do castelo, chamando seus vassalos de irmãos e filhos... Minhas sobrancelhas penderão sobre vós como nuvens de tempestade, meu nome dominador pairará sobre estas colinas semelhante a um cometa ameaçador e minha testa será o barômetro a medir vossas reações! Ele acariciava e prezava o pescoço

81. Há um grande número de citações bíblicas, conforme já foi dito. Esta, por exemplo, refere-se ao Livro de Jó, Cap. 1, Vers. 21. (N.T.)

82. Comparar a *Otelo* 2, 3, de Shakespeare; monólogo de Iago. (N.T.)

daqueles que o agrediam com sua teimosia... Acariciar e prezar não são coisas que me agradam. Eu quero abater esporas afiadas sobre a vossa carne e fazer uso do açoite impiedoso... Em minhas propriedades chegar-se-á ao ponto de fazer com que batatas e cerveja sejam elevados à categoria de acepipe festivo. E ai de quem ousar aparecer sob meus olhos mostrando faces gordas e vermelhas! A palidez da pobreza e o medo típicos da escravidão são minhas cores prediletas, e é com estes uniformes que eu vos vestirei! *(Ele sai.)*

Terceira cena

Nas florestas da Boêmia.
Spiegelberg, Razmann e uma tropa de bandidos.

Razmann – Estás aí? És tu, de fato? Então deixa que eu te aperte até virares caldo, querido irmão do coração Moritz! Bem-vindo às florestas boêmias! Cresceste um bocado e ficaste forte, hein! Um batalhão de estrelas e cruzes! Trazes recrutas contigo, uma tropa inteira... És mesmo um engajador de primeira!

Spiegelberg – Compreendes, mano? Compreendes? Sou de fato um sujeito e tanto!... Ainda não acreditas que as bençãos visíveis de Deus estão comigo? Para ti fui sempre um pobre-diabo, não tinha mais do que este cajado quando atravessei o Jordão[83] e agora já somo setenta e oito, em sua maior parte merceeiros arruinados, mestres rejeitados e escrivães das províncias suábias... E isto é o teu batalhão de rapazes, irmão, sujeitos que encontram prazer na luta, eu garanto, e mesmo quando um rouba os botões das calças

83. Referência paródica e até maldosa à Bíblia e à sentença de Jacó em Moisés, Cap. 32, Vers. 11. (N.T.)

do outro, fica seguro ao seu lado, com a espingarda carregada... Mesmo assim com certeza estão quarenta milhas adiante de ti em termos de fama e bem-estar... Não existe jornal onde não acabes por encontrar um artiguete sobre o espertalhão do Spiegelberg, e também só por isso que eu de vez em quando dou uma olhada neles... Dos pés a cabeça eles me dispuseram em suas páginas e tu chegas a pensar que me vês inteirinho... inclusive os botões de minha casaca eles não esqueceram. Mas nós os levamos pela corda por onde quisermos, como se fossem asnos. Por fim, eu mesmo fui até a editora e declarei ter visto com meus próprios olhos o famoso Spiegelberg, ditando à pena de um desenhista de meia tigela, que estava sentado à mesa, o retrato falado de um charlatão de feira que vive nas redondezas... A coisa passa sem que notem nada, o sujeito é preso, inquirido à força e, por medo e burrice, confessa tudo, que o diabo me carregue! Confessa que é *Spiegelberg em pessoa*... Raios e trovões! E eu estava prestes a me entregar às mãos da justiça, a fim de que não arrastassem tanto o meu nome na lama... Mas três meses depois vi-o ser enforcado. Eu tive de esfregar uma boa dose de tabaco cru no nariz ao passar nas proximidades do patíbulo, ao ver o pseudo-Spiegelberg em toda sua glória e circunstância... Entretanto, ao mesmo tempo em que Spiegelberg é pendurado sem conseguir tocar mais o chão aos seus pés, Spiegelberg mesmo escapole aos nós da corda e deixa claro às inteligências superdotadas da justiça como são grandes suas orelhas asininas e que isso é tão digno de piedade...

Razmann *(rindo)* – Tu continuas sempre o mesmo.

Spiegelberg – Sim, eu continuo o mesmo, como vês, de corpo e alma. Doido! Mas tenho de te contar uma das boas, que vim a protagonizar recentemente no mosteiro de Santa Cecília. Fui dar com o mosteiro, depois de deambular por

horas, quando era chegado o crepúsculo, e como não havia gasto sequer um cartucho durante o dia inteiro – e tu sabes que eu odeio de morte o *diem perdidi*[84] –, a noite ainda tinha de se tornar alegre através de uma peça que eu iria pregar, e, pelos diabos, nem que eu tivesse de dar ao diabo uma de minhas orelhas! Ficamos calados até que a noite já ia adiantada. Tudo estava silencioso como um cemitério. As luzes já haviam se apagado. E nós pensamos que as freiras já deviam ter mergulhado há tempo debaixo das penas. Eis que levo o camarada Grimm comigo, enquanto os outros ficariam esperando em frente ao portão até ouvirem meu assobiozinho... Domino a sentinela, pondo-a fora de combate, e tomo-lhe a chave, escapulindo para dentro, em busca dos quartos onde as mocinhas dormem... Tiro suas roupas de cima das cômodas e sumo com elas num pacote... E assim continuamos, cela por cela, tomando as roupas de todas as irmãs e por fim inclusive as da abadessa... Então assovio, e meus comparsas lá fora principiam a barulheira, gritando e gemendo como se tivesse chegado o dia do Juízo Final... Depois, aprontando um escarcéu bestial, eles penetram nas celas das irmãs! Rá, rá, rá... Tu terias de ver o desespero com que os pobres animaizinhos apalpavam aqui e acolá em busca de suas saias, enquanto tentavam se esconder com gestos lamentáveis e nós ali, vendo-as exatamente como o diabo as concebeu, até que enfim algumas se envolveram em lençóis e cobertores, ou se esconderam sobre o fogão ajuntadas como gatos, ao passo em que outras, dominadas pelo medo borrifaram o quarto com a água que saía por cima e por baixo de seu corpo a ponto de fazer com que quase pudesses aprender a nadar ali se quisesses... Até que enfim a velha encar-

84. Referência à frase "Eu perdi um dia", pronunciada pelo imperador romano Tibério (39-81 d. C.) quando passava um dia sem fazer algo de bom. Comportamento típico de Spiegelberg; ele usa a severidade da Bíblia, a seriedade do imperador para colorir sua própria malandragem. (N.T.)

quilhada da abadessa, vestida mais ou menos como Eva antes da expulsão do paraíso... E tu sabes, mano, que não há ser mais nojento para mim na face da terra do que uma *aranha* ou uma *mulher velha*; então imagina essa carcaça escura, arredondada e alquebrada dançando em volta de mim a protejer sua virgindade ante o meu suposto ataque... Com os diabos! Eu já havia posto o cotovelo a trabalhar mandando ao intestino reto dela os poucos nobres[85] que sobravam inteiros em sua boca... E tudo foi resolvido de pronto! Tínhamos duas opções... Ou saíamos levando as pratarias junto com todo o tesouro do mosteiro e mais os pratinhos brancos, ou – meus comparsas já haviam captado o que eu estava pensando – nos contentávamos em surripiar uns mil táleres do claustro, priorizando o prazer... E foi o que aconteceu, meus comparsas deixaram pra trás uma recordação com a qual elas terão de se virar durante nove meses.

Razmann *(pisoteando ao chão)* – Maldição! Por que raios e trovões não pude estar junto nessa!

Spiegelberg – Vês, então? Não é esta uma vida das mais podres? E a gente ainda fica fresco e forte, com o corpo a mil, sempre disposto a matar a fome num bife suculento... Não sei, acho que tenho um magneto junto a mim, pois parece que toda a cambada de vagabundos que há neste mundinho de Deus se reúne à minha volta como ferro e aço.

Razmann – Belo magneto que és! Mas bem que eu gostaria de saber quais são as bruxarias necessárias para...

85. Refere-se aos dentes da freira. O trecho parodia uma expressão repetida por várias vezes no *Messias* de Klopstock – outra obra séria –, qual seja: os "poucos nobres". Por este trecho, pode-se alcançar uma noção do choque que a peça causou na época em que foi publicada e encenada. Os bandoleiros eram – e se expressavam como tal linguisticamente – tipos totalmente desavergonhados. Spiegelberg, ademais, reúne à sem-vergonhice uma covardia sem tamanho, que só virá a ser reforçada no decorrer da peça. (N.T.)

Spiegelberg – Bruxarias? Não são necessárias bruxarias... Tu tens de ter é cabeça! E, claro, um pouquinho de juízo prático, para não meter a boca na cevada como um asno, esquecendo dos manjares que podes ter... Já hás de ter percebido que eu não canso de dizer que um homem honesto pode ser feito de qualquer sabugo de milho, mas para que se torne um ladrão é necessário um pingo de miolo na cabeça... Claro que também faz parte da coisa um certo gênio nacional, um certo, como digo, clima propício aos ladrões e aí só posso te aconselhar a viajar às terras de Graubünden,[86] que é a Atenas dos patifes contemporâneos.

Razmann – Mano! Mas as pessoas têm me louvado sobretudo a Itália.

Spiegelberg – Sim, sim! Não podemos tirar a razão de ninguém, a Itália não deixa de ser uma boa escolha... E se a Alemanha continuar assim, seguindo o caminho que hoje trilha, terminando por execrar completamente a Bíblia e todos os aspectos brilhantes de que vai cheia, com o tempo poderá acontecer alguma coisa também na Alemanha... Mas tenho de te dizer que, acima de tudo, o clima não é tão importante assim e o gênio acaba se impondo em todos os lugares. Quanto ao resto, mano... Ademais sabes bem que um marmelo, mesmo estando no Jardim do Éden, jamais vira maçã... Mas para que eu continue... Onde é que parei mesmo?[87]

Razmann – Nos artifícios!

86. Cantão suíço de língua alemã. Nos tempos em que Schiller escreveu a peça, o lugar era de fato um refúgio para todo o tipo de gentes duvidosas. Mas os graubindenses se queixaram pela menção pouco honrosa ao Duque Karl Eugen de Württemberg (o sátrapa pessoal de Schiller, *ver Prefácio e Cronologia, ao final*). Este proibiu Schiller de continuar se ocupando do teatro e daquilo que chamou de "comédias". (N.T.)

87. Aqui salta aos olhos, numa pergunta de rematado tom irônico, todo o caráter palrador de Spiegelberg, ademais típico dos fanfarrões contadores de história. (N.T.)

Spiegelberg – Sim, está certo, nos artifícios. A primeira coisa que deves fazer quando chegas a uma cidade é buscar a amizade dos mendigos, empregados e canalhas e ver quem é que tem a palavra entre eles e a este darás a honra de tuas atenções, ganhando sua confiança... Mais adiante deves fazer teu ninho junto aos cafés, aos bordéis e tavernas, procurando saber, sondando quem mais protesta contra os cinco por cento destinados à melhora dessa peste que é a polícia, quem mais insulta a administração e se posiciona contra a fisiognomonia[88] e coisas do tipo... Mano! E aí estarás na altura certa! A honra balança como um dente podre e tu apenas tens de assentar a broca... Ou, dito melhor e de maneira resumida, tu vais e atiras uma bolsa cheia em plena via pública, escondes-te em qualquer lugar e procura perceber quem a levanta... Um instante depois sais a correr, procuras, gritas e perguntas assim de passagem se o senhor não encontrou por acaso uma bolsa de dinheiro? Se ele disser *sim*... foi porque o diabo viu tudo; mas se desmentir pedirás perdão, que o senhor desculpe – eu não tinha como me recordar, ou algo do tipo – e lamento muito... *(Dando um salto.)* Mano! Triunfo, mano! Apaga tua lanterna, Diógenes[89] esperto! Acabaste de achar o homem que precisavas.

Razmann – Tu estás mesmo tarimbado no ofício.

Spiegelberg – Meu Deus! Como se algum dia eu tivesse tido dúvidas a respeito desse assunto... Pois bem, quando tiveres fisgado o homem, tens de continuar procedendo com esperteza e segurança a fim de conseguir também dominá-lo! Entendes, meu filho? Eu sempre arrumava as

88. "Ciência" em voga na época, pregada por Lavater (1741-1801). Arte de conhecer o caráter das pessoas pelos traços fisionômicos. Os bandidos temiam-na porque acabava servindo de argumento para condená-los. (N.T.)

89. O filósofo Diógenes de Sinope (411-224 a. C.). Diz que caminhava por Atenas, em plena luz do dia, com a lanterna ligada a fim de encontrar um "homem". (N.T.)

coisas desta maneira: assim que eu tinha achado a trilha, me grudava ao meu candidato como um carrapato, bebia fraternalmente com ele e, *nota bene*, tens de mantê-lo livre de qualquer coisa durante a bebida! Paga tudo! Aí estarás com mais da metade do caminho andado, mas não deves te satisfazer com isso... Tens de seguir adiante, dirigi-lo a mesas de jogo, buscando a companhia de pessoas devassas... Deves envolvê-lo em brigas e aprontar de um tudo com ele até que vão à bancarrota seu orgulho, suas forças, seu dinheiro e o restinho de bom-nome que lhe resta... Pois, eu te asseguro, não alcançarás nada se não terminares deteriorando por completo corpo e alma... Pode acreditar em mim, mano! Já o comprovei mais de cinquenta vezes em minhas experiências aplicadas que quando um homem honrado foi arrancado de vez ao ninho, o diabo vira senhor de tudo... E o próximo passo torna-se tão fácil, mas tão fácil... Mais fácil que levar uma prostituta à cama... Escuta! Que estampido foi esse?

Razmann – Foi apenas um trovão, mas continue!

Spiegelberg – Um caminho mais curto ainda é mandar saquear a casa e as propriedades do teu homem, até que não lhe reste mais uma camisa sequer, porque aí ele virá ao teu encontro por si mesmo... Aprende as manhas comigo... Pergunta àquele cara de pau ali... Estava em tremenda dificuldade! Foi fácil, muito fácil enredá-lo... Botei quarenta ducados à sua frente e disse que seria dono deles se apenas fizesse uma cópia em cera da chave da casa de seu senhor... E adivinha o que ele fez? A besta, não demorou muito, estava de volta e, com os diabos, trazendo não uma cópia, mas a própria chave... E queria o dinheiro... *Monsieur*, disse eu, será que sabes que agora vou direto ao tenente da polícia a fim de mandar alugar pra ti uma cela aos pés do patíbulo? Sacramento! Tinhas de ver como o bicho arregalou os olhos e começou a tremer como um

vira-lata molhado... "Pelo amor de Deus, tenha piedade de mim, senhor! Eu apenas quero... quero..." O que ele queria? Já estava disposto a deitar o cabelo e acompanhar-me nem que eu me propusesse a marchar ao inferno? "Sim, de todo o coração e com alegria"... Rá, rá, rá! Foi um belo bote. É com toicinho que se pega os camundongos... Pode rir dele, Razmann! Ria! Rá, rá, rá!

Razmann – Sim, sim, tenho de concordar. Vou escrever essa lição em letras de ouro no quadro do meu cérebro. Satã parece conhecer bem a sua gente... Se assim não fosse não teria feito de ti seu agente.

Spiegelberg – Pois então não é verdade, mano? E acredito que se eu lhe desse apenas dez ducados ele nem reclamaria... Também, se todo o editor dá a seu escritor o décimo exemplar grátis, porque o diabo teria de pôr mãos à obra de modo tão judeu?[90] Razmann! Sinto cheiro de pólvora...

Razmann – Com a breca! Também já o sinto há tempo... Preste atenção, devem ter aprontado alguma nas proximidades! Sim, sim! É como eu te digo, Moritz... O capitão receberá a ti e teus recrutas de braços abertos... Ele também já juntou um punhado de sujeitos temerosos.

Spiegelberg – Ah, mas os meus! Os meus... Bah...

Razmann – Pois seja! Eles parecem ter dedinhos bem suaves e precisos... Mas eu te asseguro que a fama de nosso capitão também já conquistou algum sujeito honrado...

Spiegelberg – Espero que seja apenas a fama.

Razmann – Eles têm prazer no serviço! E não têm vergonha de servi-lo. Ele não assassina para roubar, como nós... Parece que nem se interessa mais pelo dinheiro, embora pudesse tê-lo na quantia que quisesse. Até mesmo a terceira parte do botim, que por direito lhe pertence, ele manda

90. Ironia. Se até um editor dá dez por cento, por que o diabo não daria dez ducados? (N.T.)

distribuir aos órfãos ou os investe no estudo de algumas crianças de futuro... Mas se lhe cai às garras um proprietário de terras, que trata seus empregados como animais, ou se vem a esfolar um canalha com botões e ombreiras de ouro, que vive de falsificar as leis e de tapar o olho da justiça, ou qualquer outra criatura do tipo... Cara! Aí ele se sente bem e bate e esbofeteia como se fosse o diabo, como se em todas as suas fibras morasse uma das Fúrias...

Spiegelberg – Hum! Hum!

Razmann – Há poucos dias estávamos numa taverna quando tomamos conhecimento de que um conde de Regensburg passaria por lá. O mesmo estaria movendo, através da manha de seu advogado, um processo de um milhão contra o governo... Ele estava sentado a uma mesa e jogava damas, xadrez ou qualquer coisa do tipo... Quanto desse dinheiro é nosso?, me perguntou, enquanto eu levantava de um pulo, pois via que ele mordia o lábio inferior entre os dentes,[91] coisa que faz apenas quando está no cúmulo da ira... Nos pusemos a caminho. Durante o tempo inteiro ele não falou sequer uma palavra e caminhava longe dos outros, sozinho, apenas perguntando-nos, de tempos em tempos, se ainda não havíamos notado nada, ordenando que colássemos os ouvidos ao chão para ver se escutávamos alguma coisa... Eis que enfim chega o conde, o coche carregado até as bordas, o advogado sentado dentro, junto a ele; à frente havia um soldado da cavalaria, ao lado dele dois servos a cavalo... Tinhas de ver o homem naquele instante! Se adiantou a nós e saltou sobre o coche, com duas tercerolas[92] na mão! E o tom da voz ao gritar: Alto!

91. Esta não é a única semelhança de Karl von Moor com Schiller. O autor confessa em outros escritos que também ele possuía o tique. A semelhança aparece logo depois – coincidentemente? – de Razmann ter pintado Moor no quadro de um bandido honrado e nobre. O Odisseu de Heinrich von Kleist, na peça *Pentesileia*, é caracterizado pelo mesmo tique. (N.T.)

92. Pequenas pistolas de bolso. (N.T.)

O cocheiro, que não queria parar, praticamente voou do assento; o conde atirou de dentro do coche, sem direção, os cavaleiros sumiram... Ele estava furioso como um touro sob o cutelo... És tu, pois, o rufião que quer fazer da justiça uma prostituta vendida? O advogado tremia tanto a ponto de bater os dentes... e o punhal entrou em sua barriga como um esteio no campo da vinha... Eu fiz a minha parte!, ele gritou, e se afastou de nós, orgulhoso. O saque é coisa vossa! E ao dizer isso sumiu na floresta...

Spiegelberg – Hum, hum! Mano, o que eu te disse há pouco fica entre nós! Ele não precisa ficar sabendo de nada. Compreendes?

Razmann – Claro, claro! Compreendo perfeitamente.

Spiegelberg – Tu o conheces bem! Tem lá as suas manias. Compreendes, não?

Razmann – Sim, eu compreendo, compreendo.

Schwarz, correndo a toda.

Razmann – Olha só quem está aí! O que está acontecendo? Alguém passando pela floresta?

Schwarz – Depressa, depressa! Onde estão os outros? Sacramento! Que fazeis aí, parados, papeando! Não sabeis por acaso... não sabeis de nada mesmo? Roller, Roller foi...

Razmann – O que foi que aconteceu, então? Fala...

Schwarz – Roller foi condenado à forca, e outros quatro junto com ele...

Razmann – Roller? Caramba! Desde quando... Onde ficaste sabendo disso?

Schwarz – Já faz três semanas que foi preso e nós não ficamos sabendo de nada. Já haviam lhe concedido três

dias de clemência e nós não ficamos sabendo de nada. Puseram-no sob tortura a fim de que dissesse onde estava o capitão... mas o bravo rapaz não confessou nada. Ontem foi lavrado o processo e esta manhã ele deveria ser mandado ao diabo em correio extra.

Razmann – Maldição! E o capitão ficou sabendo disso?

Schwarz – Só ontem é que ficou sabendo de tudo. Espumava como um javali. Tu sabes que Roller era um de seus preferidos, em quem ele mais confiava, e a *tortura* só veio a comprovar... A corda e o patíbulo já estavam junto à torre, não adiantou nada, ele mesmo se arrastou até lá, disfarçado num hábito de capuchinho a fim de se entregar em troca da liberdade de Roller. Mas Roller nem quis ouvir falar disso e o capitão fez um juramento tão terrível que chegamos a sentir o fígado gelando às suas palavras... Em homenagem à morte de Roller quer acender uma tocha tão grande como jamais a recebeu qualquer rei morto e fazer com que as costas dos homens da justiça queimem até não sobrar nada. Eu temo inclusive pela sorte da cidade. Já há tempo que guarda rancor contra ela, por manifestar um comportamento tão nefasto e beato, e tu sabes bem que quando ele diz, eu quero fazer! é tanto como se algum de nós já o tivesse feito.

Razmann – Isso é verdade! Eu conheço o capitão. Se tivesse dado ao diabo sua palavra de que iria ter com ele no inferno, não haveria de rezar e implorar jamais, nem que lhe fosse dada a chance de se tornar santo! Mas, ah! O pobre Roller! O pobre Roller!

Spiegelberg – *Memento mori!*[93] Isso tudo nem sequer me atinge... *(Trina uma cantiga.)*

93. Expressão latina. Significa: Pensa na morte. Mais uma vez manifesta a covardia de Spiegelberg. (N.T.)

Quando passo pelo cadafalso imponente,
Apenas pisco o olho direito!
Fazes bem em ficar aí sozinho, insolente!
E penso, quem é tolo, eu ou tu?[94]

Razmann *(levantando de um salto)* – Silêncio! Um tiro. *(Tiros e barulho.)*

Spiegelberg – Mais um!

Razmann – E agora outro! O capitão!

(Ouvem-se cantos ao longe.)

Os de Nurembergue não enforcam ninguém,
Pois senão ele viria por primeiro. *(Da Capo.)*[95]

Schweizer, Roller *(atrás da cena)* – Eia, viva! Eia, viva!

Razmann – Roller! Roller! Que mil diabos me carreguem!

Schweizer, Roller *(ainda atrás da cena)* – Razmann! Schwarz! Spiegelberg! Razmann!

Razmann – Roller! Schweizer! Com mil raios, trovões e tempestades! *(Voando ao encontro deles.)*

Moor, o bandoleiro, a cavalo.
Schweizer, Roller, Grimm, Schufterle e a tropa de bandidos coberta de barro e poeira, aparecem.

Bandoleiro Moor *(apeando do cavalo)* – Liberdade! Liberdade! Estás a salvo, Roller... Desencilha meu morzelo, Schweizer, e lava-o com vinho. *(Jogando-se ao chão.)* Essa valeu!

94. Versos de tradição popular, na Alemanha. Comparar com a peça *Judeus*, de Lessing, onde, na primeira cena, há uma variação ao tema. (N.T.)

95. Expressão latina que indica repetição. Do início, bis. (N.T.)

Razmann *(a Roller)* – Pelo fogo eterno de Plutão,[96] pois! De modo que escapaste à roda do destino?

Schwarz – Ou és seu espírito? Serei eu louco? És de fato tu?

Roller *(de uma só vez)* – Sou eu. Em corpo e alma. Inteiro. Donde acreditas que eu venho?

Schwarz – Uma bruxa que o pergunte! O bastão já havia sido quebrado sobre a tua cabeça![97]

Roller – É mesmo, e mais do que isso. Eu venho direto do patíbulo para cá. Deixa que eu recupere o fôlego primeiro... O Schweizer pode te contar tudo... Dê-me um copo de aguardente, por favor! E tu de novo aqui, Moritz? Achei que voltaria a te encontrar em outras paragens... Deem-me um copo de aguardente, por favor! Meus ossos parecem estar se separando uns dos outros... Oh, meu capitão! Onde está meu capitão?

Schwarz – Logo, logo ele virá! Mas agora fala, desembucha! Como conseguiste escapar dessa? Por que temos o prazer de voltar a estar em tua companhia? Minha cabeça está cheia de minhocas. Vieste do patíbulo direto pra cá?

Roller *(virando uma garrafa de aguardente garganta abaixo)* – Ah, isso é que é bom, queima por dentro! Sim, direto do patíbulo para cá! Foi o que eu disse. Mas vós ficais aí, parados, de olhar embasbacado, e não poderíeis sonhar... Eu estava apenas a três passos da pedra do sacrifício, pronto a me jogar no colo de Abraão...[98] Tão perto, tão perto... Já haviam até negociado minha pele e meus cabelos para um curso de Anatomia![99] Minha vida não valia um

96. Na mitologia grega, o senhor dos ínferos. Outro nome para Hades. (N.T.)

97. Em sinal de que a execução devia ser encaminhada, era costume um servo da justiça quebrar um bastão. (N.T.)

98. Lucas, Cap. 16, Vers. 22. (N.T.)

99. Era comum o fato de o cadáver dos executados ser entregue a análises anatômicas e aulas de Medicina. (N.T.)

punhado de tabaco e ao capitão é que agradeço o ar que respiro, a liberdade que recupero, a vida que volta...

Schweizer – O resgate foi um prazer e é digno de ser ouvido. Ontem ficamos sabendo através de nossos espiões que o Roller já estava deitado à salmoura, e se o céu não fizesse que agíssemos bem rapidinho, assim que nascesse o dia, ele... e isso seria hoje... ele estaria assadinho da silva... Mas o capitão nos chamou à luta, mostrando o peso de uma amizade... Quer conseguíssemos salvá-lo, quer não, pelo menos acenderíamos uma tocha em homenagem à sua morte, tão grande como jamais a recebeu qualquer rei morto, fazendo com que as costas dos homens da justiça queimassem até não sobrar nada. Todo o bando foi chamado ao serviço. Mandamos um mensageiro até ele. Explicávamos tudo num bilhetinho, que ele jogou à sopa da recusa.

Roller – Eu duvidava do êxito.

Schweizer – Esperamos o tempo passar até que os caminhos ficassem vazios. A cidade inteira estava em alvoroço à espera do espetáculo, cavaleiros e caminhantes se misturavam e coches seguiam o barulho e os salmos que ecoavam longe. Agora, disse o capitão, botem fogo, botem fogo! Os rapazes voaram como flechas, prenderam fogo em trinta e três cantos da cidade ao mesmo tempo, jogando tochas acesas nas proximidades da torre onde ficavam as reservas de pólvora, em igrejas e paióis... Por Deus, não haviam passado quinze minutos e o vento nordeste, que também meteu seus dentes na cidade fazendo sua parte, veio bem a calhar, nos ajudando, levando as chamas até bem longe e fazendo-as alcançar as cumeeiras mais altas. E nós correndo pelas ruas, como Fúrias... Fogo! Fogo! E assim pela cidade toda... Uivos... Gritos... Rumores... Os sinos que dão o alarme de incêndio começaram a tocar todos ao mesmo tempo, a torre da pólvora explodiu

num baque ensurdecedor, como se a terra inteira tivesse rebentado ao meio, o céu estourado e o inferno afundado dez mil braças.

Roller – E os que cuidavam de mim olhavam, querendo fazer alguma coisa... A cidade jazia incendiada, como Sodoma e Gomorra. No horizonte se viam apenas fogo, enxofre e fumaça, quarenta montanhas balançavam, tomadas pelo inferno, um medo cheio de pânico jogou todos ao chão... Eu aproveitei a oportunidade e dei um arranco, forte como o vento! Lá estava eu, desatado, livre, pronto a voar... Como aqueles que me acompanhavam ao suplício ficaram parados, imóveis como a estátua da mulher de Lot[100] me olhando... fiz apenas correr, me mandar! Rompi a turba! Escapar dali, era a ordem! Sessenta metros depois livrei-me das roupas e me joguei ao rio, nadando sob a água, bem longe, até acreditar ter escapado enfim de olhos deles. Meu capitão já estava esperando, com cavalos e roupas... e foi assim que escapei. Moor! Moor! Não queres também ir em breve ao cadafalso, a fim de que eu possa te pagar na mesma moeda?

Razmann – Um desejo bestial, o teu, pelo qual deverias ser enforcado... Mas que foi tudo bem-pensado, ah, isso foi...

Roller – Isso foi ajuda na mais terrível das necessidades, não podeis imaginar como. Teríeis de ter... Sim, teríeis de sentir a corda no pescoço... Marchar vivos à cova como eu, enfrentar as orações sacramentais e os cultos de cerimônia e, a cada passo que désseis à frente, ficar mais próximos, terrivelmente mais próximos do instrumento maldito no qual eu perderia a minha vida ao brilho terrível do sol do amanhecer, ouvindo o alarido dos servos e aquela horrível música... Ela ainda ecoa em meus ouvidos... E o grasnar

100. Segundo a Bíblia conta, a mulher de Lot foi transformada em estátua de sal, pois, desrespeitando a proibição, voltou o olhar para ver Sodoma e Gomorra sendo destruídas por Deus. Ver Moisés I, Cap. 19. (N.T.)

dos corvos famintos, que se penduravam aos bandos no corpo semiapodrecido de meu antecessor, e tudo isso, tudo isso... E por cima de tudo o antegosto da bem-aventurança, que florescia sobre mim! Mano, mano! E de repente, de um só golpe, a volta da liberdade... Foi um estrondo, como se tivesse rebentado o barril dos céus... Ouvi, canalhas! Eu vos garanto que se alguém pular de um fogão ardente na água gelada não sentirá o baque de maneira tão intensa quanto eu quando me vi do outro lado do rio.

Spiegelberg *(rindo)* – Pobre-diabo! Agora se passou tudo! *(Bebendo à sorte dele.)* Ao renascimento feliz do camarada!

Roller *(jogando fora o seu copo)* – Não, por todos os tesouros de Mammon![101] Eu não queria vivenciar isso pela segunda vez. A morte é um pouco mais do que o salto de Arlequim, e o medo mortal é mais terrível do que a morte!

Spiegelberg – E a torre de pólvora que foi aos ares... Percebes tudo agora, Razmann? Fedia tudo a enxofre à nossa volta, há horas, como se as portas todas do vestíbulo de Moloch[102] tivessem sido abertas sob o firmamento... Foi uma peça e tanto, um golpe de mestre, capitão! Tenho-vos inveja por isso.

Schweizer – Essa cidadezinha de meia tigela se atreve a ficar alegre por ver meus camaradas serem caçados como porcos por aí... Que é que eles estão pensando, cáspite! Como se nós tivéssemos de sentir a consciência pesada por ter mandado os camaradas caírem sobre essa cidade? Está certo que eles, aproveitando a ocasião e metendo a boca ao

101. Ver Mateus, Cap. 6, Vers. 24. Em aramaico o Deus da Riqueza. (N.T.)

102. No Velho Testamento, um dos ídolos dos Amonitas. Aqui, assim como em Klopstock, nome de um demônio. (N.T.)

naco, se refestelaram às custas do velho imperador... Mas dizei! O que foi que vós conseguistes capturar?

Um dos membros do bando – Durante a confusão eu aproveitei para penetrar na Igreja de Santo Estefano a fim de dar um jeito nos enfeites que jaziam sobre o altar... O Deus dos céus, disse para comigo, é um homem bastante rico e pode muito bem fazer cordões de ouro de um simples fio de algodão.

Schweizer – Fizeste bem... E o que o saque haveria de trazer se ficasse na igreja? As pessoas levam tudo ao criador, que fica a rir sobre um amontoado de tarecos velhos enquanto suas criaturas têm de morrer de fome... E tu, Spangeler... onde foi que jogaste tua rede?

Um Segundo – Eu e o Bügel saqueamos uma loja e trouxemos mercadorias para uns cinquenta dos nossos camaradas.

Um Terceiro – Eu surripiei dois relógios de ouro de bolso e além disso uma dúzia de colheres de prata.

Schweizer – Bom, bom! E nós aprontamos uma na qual se ocuparão umas duas semanas tentando apagar tudo. Se quiserem dominar o fogo terão de arruinar a cidade afundando-a em água... Não sabes, Schufterle, quantos saíram mortos da brincadeira?

Schufterle – Dizem que foram oitenta e três. Só a explosão da torre teria feito pó de mais ou menos uns sessenta.

O Bandoleiro Moor *(totalmente sério)* – Roller, pagamos caro para te salvar.

Schufterle – Bah! Barbaridade! Mas o que é que significa isso, agora? Sim, se fossem homens os que morreram, aí sim, mas eram apenas fedelhos, que vivem dourando seus lençóis à força de inconveniências, mãezinhas teimosinhas, que tocam as moscas de cima deles, companheiros de fogão

caquéticos, que não tinham mais forças nas pernas para alcançar a porta... Pacientes, que só faziam lamuriar-se chamando o médico que, na gravidade de seu trote diário, seguiu as ordens da pressa tirando o corpo fora... Tudo aquilo que era capaz de aguentar as pernas escapuliu no meio da comédia. Só o rebotalho da cidade ficou pra trás a fim de proteger e salvaguardar as casas.

Moor – Oh, os pobres vermes! Doentes, disseste, anciãos e crianças?

Schufterle – Sim, com os diabos! Sim, e com eles um punhado de amas cuidadosas por demais, algumas mulheres em fim de gravidez, que temiam abortar a céu aberto, ante o patíbulo... Além delas, algumas senhoritas jovens, preocupadas em se confundir e acabar brincando de algoz com o próprio filho, ainda escondido no ventre materno, terminando por fazer o serviço do patíbulo em seu próprio corpo... Pobres poetas, que não tinham sequer um mísero sapato pra usar, por terem dado o único par que possuíam à feitura de um livro... Não vale a pena se dar ao trabalho de falar dessa cambada de gente. No meio do forrobodó, quando eu passava em frente a um barracão ouvi um berreiro, fui ver o que era e quando vi a coisa enfim, adivinhem o que era? Uma criança ainda fresquinha e saudável, que estava deitada no chão, embaixo da mesa, a se desmontar... Pobre vermezinho, eu disse, tu ainda vais morrer de frio aí embaixo, e joguei a criança às chamas...

Moor – De verdade, Schufterle? Que essa chama queime em teu peito por toda a eternidade... Fora, seu monstro! Não quero te ver mais fazendo parte do bando! O quê? E vós estais resmungando? Ousais refletir? Quem tem coragem de refletir quando eu ordeno? Ponde-o pra fora daqui, eu já disse... E ainda há outros entre vós que merecem bem a minha ira. Eu te conheço bem, Spiegelberg. Mas pretendo acompanhar mais de perto o que andais fazendo

por aí, dando exemplos que havereis de achar terríveis. *(Eles se afastam, tremendo de medo.)*

Moor sozinho, impetuoso e enfurecido.

Moor – Não dai ouvido a eles, vingadores do céu! Que culpa eu tenho nisso? Que culpa podes ter se a pestilência que mandas, a carestia que obrigas, a maré que levantas destrói e engole o justo e o injusto? Quem pode ordenar à chama que ela não se espalhe também sobre a sementeira abençoada quando deve destruir o ninho do vespão mata-cavalo? Oh... Causa-me asco ouvir falar da criança assassinada! Da mulher assasinada... do enfermo assassinado! Estes atos me derribam ao chão! Eles envenenam as obras mais belas que engendrei até agora... E eis que agora me curvo, rubro de vergonha e escarnecido ante os olhos do céu, depois de ter me atrevido a brincar com a clava de Júpiter,[103] derribando pigmeus quando devia aniquilar titãs...[104] Vai! Vai! Não és o homem certo para governar a espada da vingança que pende dos tribunais celestes, tu sucumbiste já na primeira vez em que a tocaste... Aqui e agora renuncio ao plano insolente e me vou, a fim de me esconder distante, numa caverna nas profundezas da terra, onde o dia fugirá à minha vergonha. *(Quer fugir.)*

Os bandoleiros se apressam

Todos – Olha à tua volta e tem cuidado, capitão! Há fantasmas por aí! Tropas de soldados da cavalaria boêmia andam a fanfarronear pela floresta... Algum meia-azul infernal[105] deve ter nos seguido e aberto o bico...

103. O raio. (N.T.)

104. Pigmeu: lendário povo anão. Titã: cada um dos gigantes que, segundo a mitologia, pretenderam escalar o Céu e destronar Júpiter. (N.T.)

105. As tropas oficiais usavam meias azuis. Figura de linguagem. (N.T.)

Surgem novos bandoleiros.

Os que acabaram de chegar – Capitão, capitão! Eles descobriram nossos rastros... E agora cerca de mil estão cercando o centro da floresta.

Mais bandoleiros.

Eles – Ai, ai, ai! Eles nos pegaram, estamos perdidos! Dividiram-nos em quatro grupos! São milhares de hussardos, dragões do reino e caçadores correndo em volta daqui e se aproximando, tomando posse dos lugares vagos. *(Moor sai.)*

Schweizer, Grimm, Roller, Schwarz, Schufterle, Spiegelberg, Razmann e os outros bandoleiros.

Schweizer – Donde eles saíram, debaixo de nossas penas, por acaso? Alegra-te, Roller! Há tempo que eu desejava me bater com esses mercenários a cavalo, que não recebem mais do que o pão seco para suas mesas... Onde está o capitão? O bando se mantém unido? Nós temos pólvora suficiente, não?

Razmann – É pólvora a não querer mais. Mas nós somos oitenta ao todo, e eles têm mais de vinte para cada um de nós, me parece.

Schweizer – Tanto melhor! Nem que fossem cinquenta os que se abatessem sobre o meu alfinete de dois metros, com fio dos dois lados... Eles esperaram tanto até acendermos o feno que estava debaixo de suas bundas e agora vêm... Mano, mano! Não vai ser difícil! Eles põem sua vida em jogo por dez cruzados e nós lutamos pelo nosso pescoço e nossa liberdade... Nós passaremos sobre eles castigando como o dilúvio e faremos fogo sobre suas cabeças como

se fôssemos raios rasgando a tempestade... Onde, com os diabos? Onde está o capitão?

Spiegelberg – Ele nos abandonou na necessidade. Não podemos mais escapar sozinhos?

Schweizer – Escapar?

Spiegelberg – Oh! Por que é que eu não fiquei em Jerusalém!

Schweizer – Covarde, melhor seria se te afogasses na cloaca, alma imunda! Na presença de freiras nuas tens uma garganta deste tamanho, mas quando vês dois punhos fechados... Seu galinha, mostra a que vens agora, ou te costuraremos uma pele de porca sobre o corpo, pondo cachorros famintos atrás de ti.

Razmann – O capitão, o capitão!

Moor *(para si mesmo, lentamente)* – Eu estava terminantemente decidido a deixá-los, a fim de que lutassem sozinhos como desesperados procurando sair dessa. *(Alto.)* Crianças! Agora é que vale! Ou lutamos como javalis feridos ou ninguém poderá nos salvar da morte.

Schweizer – Ahá! Eu quero abrir os ventres deles com meu punhal a fim de fazê-los arrastar suas estranhas aos pés por quilômetros! Ponha-se à nossa frente, capitão, e conduza-nos! Nós te seguiremos até a morte.

Moor – Carregai todas as armas! Não está faltando pólvora, não?

Schweizer *(dando um salto)* – Há pólvora suficiente para mandar a terra inteira à lua!

Razmann – Todos têm cinco pares de pistolas carregados e mais três espingardas de chumbo.

Moor – Bom, bom! E agora parte de nós tem de subir em árvores, ou se esconder na mata espessa para atacá-los pelas costas...

Schweizer – Isso fica por tua conta, Spiegelberg, és bom nisso!

Moor – E nós, os outros, cairemos como Fúrias atacando-os pelos flancos.

Schweizer – Eu quero fazer parte desse grupo!

Moor – Ao mesmo tempo todos têm de soltar seus assobios e correr através da floresta, a fim de que pensem que estamos em número maior e se assustem. Todos os cães devem ser soltos e atiçados sobre eles, a fim de que se separem, se distraiam e corram por aí, ficando ao alcance de vossas balas. Nós três, Roller, Schweizer e eu, lutaremos em meio a eles.

Schweizer – Magistral, primoroso! Nós haveremos de assustá-los tanto que nem saberão de onde vêm os tabefes que recebem. Não será a primeira vez que arrancarei com um tiro a cereja que já está na boca do inimigo. Deixa que venham. *(Schufterle puxa Schweizer pela manga, implorando, este leva o capitão para o lado e fala com ele em voz baixa.)*

Moor – Silêncio!

Schweizer – Eu te peço...

Moor – Fora! Ele o deve à própria infâmia que cometeu, é ela que vai acabar salvando-o. Ele não vai morrer e por ele morreremos eu, meu amigo Schweizer e meu amigo Roller. Manda que lhe tirem a roupa, assim os soldados pensarão que ele era um viajante e eu o roubei... Fique calmo, Schweizer! Mas eu juro que ele ainda será enforcado.

Aparece um padre.

Padre *(pasmo, olhando à sua volta)* – É aqui, pois, o ninho do dragão? Com a vossa permissão, meus senhores! Eu sou um servo da Igreja e ali fora há mil e setecentas

almas prontas a defender cada fio de cabelo que cresce em minhas têmporas.

Schweizer – Bravo, bravo! Essa foi boa para manter o estômago aquecido e não fazê-lo sentir o frio do medo.

Moor – Cala-te, camarada! Mas dizei, senhor padre, que procurais por aqui a esta hora?

Padre – As altas autoridades me enviaram para cá, aquelas que determinam a respeito da vida e da morte... Seus bandidos... seus incendiários assassinos... seus patifes... serpentes venenosas, que vos arrastais na escuridão picando, escondidas... Rebotalho da humanidade... Bagulhos do inferno... Comida agradável a corvos e pragas... Colônia feita para enfrentar o patíbulo e a roda...

Schweizer – Cão! Basta de praguejar, ou... *(Ele aperta a coronha à frente de seu rosto.)*

Moor – Chega disso, Schweizer! Acabas por estragá-lo em suas convicções... Ele decorou de modo tão bravo a sua prédica... Segui adiante, meu senhor! "Para enfrentar o patíbulo e a roda"...

Padre – E tu, capitão sutil! Duque dos larápios! Rei dos canalhas! Grão-vizir de todos os patifes que vivem na face da terra!... És igual àquele primeiro cabecilha desprezível,[106] que incitou legiões inteiras de anjos inocentes ao fogo da rebeldia, levando-os consigo abaixo, ao charco da condenação... Os clamores e lamúrias de mães abandonadas acossam teus calcanhares, bebes sangue como se fosse água, vidas humanas caindo sobre o teu punhal assassino não despertam um pingo de remorso...

Moor – É bem isso, bem isso! Podeis ir adiante!

Padre – Como? É bem isso, é bem isso? Consideras que esta seja uma resposta satisfatória?

106. Refere-se a Lúcifer, o anjo decaído que primeiro se rebelou contra Deus. (N.T.)

Moor – Como assim, meu senhor? Não esperáveis que eu dissesse exatamente o que disse? Podeis seguir adiante! Adiante! Que mais tendes a dizer?

Padre *(encolerizado)* – Homem tenebroso! Afasta-te da minha frente! O sangue do conde morto não mancha os teus dedos amaldiçoados? Não destruíste o templo do senhor com tuas mãos bandidas? Não maculaste o cálice consagrado da última ceia com teu toque canalha? Como? Não deitaste fogo em nossa cidade temente a Deus? Não fizeste voar a torre de pólvora sobre a cabeça dos bons-cristãos que nela habitam? *(Juntando as mãos em atitude de prece.)* Sacrilégios, sacrilégios terríveis, cujo fedor assassino alcança as portas do céu e arma a sentença do juízo final! Que ela caia inclemente sobre vós! O tempo da desforra não tarda, a última trombeta já está prestes a soar!

Moor – Fostes maravilhoso até agora! Mas agora falemos de coisas objetivas! O que foi que o benemérito magistrado pediu que anunciásseis?

Padre – Algo que não merecerias jamais receber... Olha à tua volta, incendiário assassino! Teus olhos poderão ver que estás completamente cercado por nossos cavalarianos... Aqui não há mais espaço para escapulir... A chance que tendes de escapar ilesos desta é tão certa quanto o fato de esses carvalhos estarem carregados de cerejas e estes pinheiros repletos de pêssegos.

Moor – Escuta só essa, Schweizer! Mas prossegui, ide adiante...

Padre – Agora escuta como a justiça, esta justiça tão benévola e indulgente pretende agir convosco... Se tu te dirigires agora, imediatamente, à cruz implorando por perdão e clemência, então a própria severidade terá compaixão de ti e a justiça se tornará para ti uma mãe amável... Ela

fechará os olhos para a metade de teus crimes e deixará que... pensa bem... a *roda se dê por satisfeita*...

Schweizer – Ouviste, capitão? Queres que eu vá e ponha minhas mãos na garganta deste pastor amestrado, apertando-a até que o sumo vermelho brote de todos os seus poros?

Roller – Capitão! Com mil raios e trovões! Capitão!... Vede só como ele morde o lábio inferior entre os dentes... Queres que eu vire esse sujeito do avesso dando pau nele até que não saiba mais onde está?

Schweizer – Deixa comigo! Deixa comigo! Se quiseres eu peço de joelhos para deixares pra mim o prazer de esfolá-lo até virar caldo! *(O padre grita desesperado.)*

Moor – Para trás, afastem-se dele! Que ninguém ouse tocá-lo! *(Ao padre, enquanto tira a espada da bainha.)* Vede, senhor Padre! Aqui estão setenta e nove, dos quais eu sou o capitão, e ninguém será capaz de instigá-los a fugir com gestos ou comandos, ou fazê-los dançar ao som da música dos canhões... Aí fora há mil e setecentos, encanecendo sob o peso dos mosquetes... Mas agora escutai! Assim fala Moor, o capitão incendiário e assassino: É verdade que eu derribei o conde do reino e acendi e saqueei a Igreja de São Domênico, deitando fogo em vossa pulcra cidade, assim como mandei sobre a cabeça de seus bons-cristãos a torre de pólvora... Mas isto não é, de longe, tudo. Eu fiz muito mais. *(Ele estende sua mão direita à frente.)* Observai estes quatro anéis que carrego em cada um dos quatro dedos... São bem caros... Depois podereis ir, dizendo aos senhores da lei, ponto por ponto, o que havereis de ver e ouvir sobre a vida e a morte... Este rubi eu arranquei do dedo de um ministro, que eu joguei aos pés de um príncipe num dia de caça. Ele se levantou do pó do povo e se arrastou sorrateiro para cima até se tornar o preferido do príncipe e a queda de seu vizinho foi o

escabelo que usou para alcançar a nobreza. As lágrimas dos sábios só fizeram levantar-no ainda mais... Este diamante eu arranquei de um Conselheiro das Finanças, que vendeu postos de honra e cargos públicos a quem pagava mais, expulsando de sua porta patriotas em necessidade... Esta ágata eu carrego em honra a um frade e aos canalhas de sua laia, que eu degolei com minhas próprias mãos quando ele chorou numa chancelaria pública lamentando que a Inquisição se mostrava tão decadente... Poderia contar-vos mais um punhado de histórias a respeito de meus anéis se já não estivesse arrependido pela poucas palavras que botei fora falando convosco...

Padre – Oh, Faraó! Faraó![107]

Moor – Estais escutando o que ele diz? Percebestes o suspiro? Ele não está parado aí como se quisesse invocar o fogo dos céus sobre nós, ao passo em que condena dando de ombros e amaldiçoa soltando um ah cristão? Pode o homem ser tão cego? Ele, que tem os cem olhos de Argos[108] e fica espreitando as máculas do irmão, pode ele ser tão cego em relação a si mesmo? Nele a paciência e o carinho trovejam nas nuvens seguidamente a fim de anunciar a Deus o amado sacrifício humano e jogá-lo em seus braços como se o jogasse aos braços ígneos de Moloch... Eles pregam o amor ao próximo e amaldiçoam um cego de oitenta anos, expulsando-o de suas portas... Se atiram à cobiça e massacram o Peru só por causa de sua sede de ouro, atando os índios aos carros como se fossem animais de carga...[109] Quebram-se a cabeça tentando entender como a natureza

107. Como se dissesse, ímpio. Refere-se também a toda ordem de crueldades ordenadas pelo faraó, entre elas a de que fossem mortas todas as crianças judias logo ao nascer. (N.T.)

108. Segundo a mitologia grega, gigante de cem olhos. (N.T.)

109. Perceba-se como eram vastos os conhecimentos históricos do jovem Schiller. Referência (que será repetida mais tarde) ao saque do Peru depois de sua conquista em 1531, através de Pizarro. (N.T.)

foi capaz de engendrar um Iscariotes[110] e nem o pior dentre eles haveria de trair o Deus trindade por dez lingotes de prata... Oh, vós sois fariseus, falsificadores da verdade, macacos da divindade! Não tendes a mínima vergonha de vos ajoelhar ante cruzes e altares, dilacerais vossas costas com chicotes, e torturais vossa carne com jejuns... Tencionais, com vossas charlatanices dignas de pena, demonstrar uma aura azulada e santinha àquele que vós chamais de onisciente em vossa estupidez, não fazendo mais do que trocejar dos grandes da maneira mais amarga ao bajulá-los pedindo que odeiem os bajuladores... Bravateais afetando honra e conduta exemplar e o Deus que olha através de vosso coração haveria de maldizer o criador se não fosse o mesmo que um dia engendrou o monstro do Nilo...[111] Tirem-no de minha frente... Afastem-no daqui...

Padre – Não entendo como um sujeito malvado assim ainda consegue ser orgulhoso!

Moor – Não basta ainda... pois então agora vou falar com orgulho. Vai e diz à benévola justiça, que joga os dados decidindo sobre a vida e a morte... Eu não sou um ladrão que se conjurou ao sono e à meia-noite, e se põe grande e senhoril ante os que lidera... O que eu fiz tenho certeza de que lerei um dia no Livro das Dívidas que o céu escreve, mas com a putrefação digna de pena que aqui embaixo o representa não quero mais botar fora sequer uma palavra... Diz a eles que meu instrumento é a retaliação... que a vingança é o meu ofício... *(Volta as costas para ele.)*

Padre – Não queres, portanto, nem piedade nem misericórdia. Pois bem, eu fiz a minha parte em relação a ti.

110. Judas Iscariotes, o apóstolo que traiu Jesus por trinta dinheiros. (N.T.)

111. O crocodilo hipócrita e monstruoso do Nilo. Daí, a expressão lágrimas de crocodilo, que designa lágrimas não autênticas, não sentidas de verdade. (N.T.)

(Volta-se ao bando.) Então escutai vós, o que a justiça quer que seja ouvido através de minhas palavras! Se vós conduzirdes agora mesmo este criminoso sentenciado, devidamente preso, às mãos da justiça, a pena por vossas crueldades será perdoada até a última lembrança... A santa igreja acolher-vos-á como ovelhas perdidas em seu seio materno e a todos vós estará aberto o caminho que leva a um posto de honra... *(Com um sorriso triunfal.)* E então, pois? Não é delicioso isso, Vossa Majestade?... Vamos, pois! Amarrai-no e sede livres!

Moor – Estais ouvindo o mesmo que eu? Estais ouvindo? Por que estais titubeando? Por que permaneceis aí, pensativos? A justiça vos oferece liberdade e vós já sois de fato... seus prisioneiros... Ela vos presenteia a vida e isso... isso não é nenhuma bravata, pois vós já estais de fato enforcados... Ela vos promete honras e cargos, e vossa sorte não poderia ser diferente, mesmo que triunfásseis, do que a vergonha, a danação e a perseguição... Ela vos anuncia a reconciliação com o céu e vós estais de fato condenados. Não há sequer um cabelo em qualquer de vós, que não vos dirija ao inferno. E ainda estais refletindo? Ainda estais vacilando? É tão difícil escolher entre o céu e o inferno? Ajudai-os senhor padre, ajudai-os!

Padre *(estufando o peito)* – Está louco este sujeito? Ou estais temendo que esta seja uma armadilha para pegar-vos vivos? Lede vós mesmos, aqui está o perdão geral, escrito e assinado. *(Dá a Schweizer um papel.)* Ainda tendes dúvidas depois disso?

Moor – Vede, pois, vede! Que podereis querer mais do que isso? Assinado com o próprio punho... Isso é mais misericórdia do que jamais poderíeis esperar... Ou temais que eles poderão quebrar a palavra empenhada, só porque ouvistes uma vez que a traidores não é necessário manter a

palavra?... Oh, não tendes medo! Até mesmo a política os obrigaria a manter a palavra, mesmo que eles a tivessem empenhado a Satã em pessoa. Quem haveria de lhes dar crédito no futuro se assim não fosse? Como haveriam eles de usar o mesmo expediente em outra ocasião?... Eu seria capaz de jurar que eles falam sério. Eles sabem que fui eu que vos desencaminhei e endureci. Vós mesmos eles têm por inocentes... Vossos crimes eles os têm como delitos juvenis, creditados à precipitação irracional típica da idade. Eles querem agarrar a mim, só a mim. Eu sozinho é que mereço pagar. Não é assim, senhor padre?

Padre – Qual é o nome do demônio que fala através de tua voz?... Sim, só pode ser isso, só pode ser isso... Esse sujeito me põe em rebuliço...

Moor – Pois então, nada de resposta, ainda? Ainda estais pensando em talvez romper a barreira usando as armas? Olhai à vossa volta, olhai à vossa volta! Não, isso vós não estaríeis pensando em fazer, seria uma autoconfiança infantil... Ou talvez estareis brincando com vossa coragem, tencionando tombar como heróis porque estais vendo que eu me alegro com o furdunço? Oh, não acreditai nisso! Vós não sois *Moor*... Vós sois apenas ladrões infames! Instrumentos miseráveis de meus planos grandiosos. Sois como cordas desprezíveis na mão do carrasco! Larápios não podem tombar como heróis. A vida é o lucro dos larápios, e depois que ela está garantida, aconteça o que quiser acontecer, por terrível que seja... Larápios têm o direito de tremer ante a morte... Ouvi como soam as cornetas! Vede como os sabres deles refulgem em vossa direção! Como assim? Ainda não decidistes? Estais loucos? Estais completamente loucos?... Isso é imperdoável! Eu não vos agradeço a minha vida, eu me envergonho por vosso sacrifício!

Padre *(visivelmente estarrecido)* – Eu não entendo mais nada e me digno a virar as costas! Onde já se viu uma coisa dessas?[112]

Moor – Ou talvez temeis que eu mesmo me fira de morte num golpe, destruindo, através do suicídio, o contrato, que só vale se me entregardes vivo? Não, crianças! Este é um medo que não leva a nada! Aqui está o meu punhal, eu o jogo ao chão e também minhas pistolas e esta garrafinha de veneno que um dia certamente viria bem, me socorrendo... Eu sou tão miserável, que perdi até mesmo o domínio sobre minha própria vida... O que, ainda não decidistes? Ou acreditais talvez que eu me defenderei quando vós tentareis me amarrar? Vede! Eu mesmo ato minha mão direita a esse tronco de carvalho, estou completamente indefeso, uma criança poderia me derrubar... Quem é o primeiro, quem é o primeiro a deixar seu capitão na necessidade?

Roller *(num movimento selvagem)* – Nem que o inferno nos envolvesse nove vezes! *(Golpeia a frente, com sua espada.)* Quem não é cão, salve seu capitão!

Schweizer *(rasga o papel em que estava inscrito o perdão e joga os pedaços à cara do padre)* – O perdão está em nossas balas! Fora, canalha! Dize ao senado que te mandou para cá que não encontraste entre o bando de Moor um só traidor... Salvemos, salvemos o capitão!

Todos *(aos gritos)* – Salvemos, salvemos, salvemos o capitão!

Moor – *(libertando-se da amarra, alegre)* – Agora estamos livres... Camaradas! Eu sinto uma armada inteira

112. Aqui o padre aparece em toda sua inocência tola. Schiller utiliza-o como esboço para refletir caricaturalmente uma igreja que faz ares de justiça, mas na verdade serve apenas a si e ao poder, numa barganha vil. A figura do padre era tão ofensiva que na primeira encenação da peça, em 1782, foi substituída por uma "pessoa da magistratura". (N.T.)

em meu punho... Liberdade ou morte![113] Pelo menos não deixemos que levem daqui nenhum vivo! *(Dão o toque ordenando ataque. Barulho e confusão. Eles saem de espadas em punho.)*

113. As hipérboles são uma constante nesta "peça hiperbólica", titânica, tomada de ímpeto. E "Liberdade ou Morte" é a insígnia de Moor, o bandoleiro. (N.T.)

TERCEIRO ATO

PRIMEIRA CENA

Amália, no jardim, tocando o alaúde.

Belo como um anjo, pleno das delícias de Walhalla[114]
Mais belo que todos os jovens ele era
Celeste e suave o seu olhar, como o sol da primavera,
Brilhava sobre o espelho azul do mar.

Seu abraço – encanto atordoante –
Poderoso, fogoso seu coração batia junto ao meu,
Boca e ouvidos trancados – a noite diante do olhar –,
E o espírito em rebuliço buscava o céu.

Seus beijos – sensações paradisíacas! –
Como duas chamas se entrelaçando,
Como tons de harpa se tocando
Em busca da harmonia plena e celestial,

Caíam, voavam, espírito a espírito juntavam,
Lábios, faces queimavam, tremiam lancinantes –
Alma corria em busca de alma – terra e céus nadavam
Como se vazados fossem, em volta dos amantes.

Ele se foi – em vão, ah!, em vão

114. Na mitologia escandinava, local paradisíaco, morada dos deuses e regido pelo deus Odim, para onde iam os guerreiros mortos em combate. O estilo dos versos no original alemão é hiperbólico, à maneira das odes de Klopstock, de cujo *Messias*, multicitado por Schiller, inclusive são retiradas algumas expressões poéticas. (N.T.)

Q medo suspiroso ainda correu atrás,
Mas ele se foi – e todo o prazer do mundo cão
Também se foi num perdido: Ah!

Franz aparece.

FRANZ – De novo aqui, teimosa sonhadora? Tu te furtaste à ceia venturosa e estragaste a alegria dos convivas.

AMÁLIA – É pena que tenham se perdido estas alegrias inocentes! A canção de morte que levou teu pai à cova ainda deve estar murmurando em teu ouvido...

FRANZ – Queres por acaso lamentar eternamente? Deixa que os mortos durmam e faça os vivos felizes! Eu vim...

AMÁLIA – E quando voltarás a ir?

FRANZ – Oh, dor! Não faze um rosto tão sombrio e orgulhoso! Tu me entristeces, Amália. Eu vim para te dizer...

AMÁLIA – Sim, e eu tenho de ouvir. Franz von Moor tornou-se o honrado senhor deste condado.

FRANZ – Sim, estás certa, era bem isso que eu queria te anunciar... Maximilian já foi repousar no túmulo de seus antepassados. Eu sou o senhor. Mas queria sê-lo de modo completo, Amália... Tu sabes o que foste para a nossa casa... Eras tratada como se fosses a filha de Moor e mesmo a morte não venceu o amor dele por ti e isso tu não esquecerás jamais, não?

AMÁLIA – Jamais, jamais. E quem poderia beber feliz a isso, esquecendo-se levianamente do que aconteceu numa ceia venturosa?

FRANZ – O amor de meu pai tu tens de pagar aos seus filhos, e Karl está morto... Ficas estarrecida? Estás sentindo vertigens? Sim, é verdade, o pensamento é tão augusto e adulador que anestesiaria até mesmo o orgulho de uma mulher. Franz pisa aos pés a esperança das mulheres mais

nobres, Franz vem e oferece a uma pobre, sem o menor sinal de pudor, seu coração, sua mão, e com eles todo o seu ouro e todos os seus castelos e florestas... Franz, o digno de inveja, o temido, se declara, de livre e espontânea vontade, escravo de Amália...

Amália – Por que o raio não lasca em duas essa língua perversa, que ousa pronunciar esta palavra injuriosa! Tu mataste o meu amado e queres que Amália te chame de esposo! Seu...

Franz – Não seja tão impetuosa, princesa cheia de misericórdia! Na verdade Franz não se curva ante a tua pessoa como um Seladão[115] arrulhante... Na verdade ele não aprendeu, assim como o lânguido pastor de Arcádia, a retumbar seus lamentos de amor no eco das grotas e rochas... Franz apenas fala, mas se ninguém lhe responde ele... *dá ordens.*

Amália – Seu verme! Dar ordens? Dar ordens a mim?... E se te responderem às ordens com um sorriso de escárnio?

Franz – Isso tu não haverás de fazer. Eu conheço meios bastantes para submeter da maneira mais afável cabecinhas teimosas e presunçosas como a tua... Claustro e muros!

Amália – Bravo! Maravilha! E no claustro, entre muros, ser poupada para sempre de teu olhar de basilisco,[116] tendo todo tempo do mundo para pensar em Karl. Seja bem-vindo com teu claustro! Quero ir já para dentro de teus muros!

Franz – Rá, rá, rá! Pode ser verdade? Toma tento! Acabaste de me ensinar a arte com a qual devo te atormentar... Essa eterna fixação por Karl ser-te-á arrancada a cada vez

115. Herói apaixonado e sofredor do romance pastoril de Honoré d'Urfes, intitulado *Astrée*, de 1619. (N.T.)

116. Monstro mitológico. Conforme o Aurélio: Reptil fantástico, de oito pernas, segundo alguns em forma de serpente, capaz de matar pelo bafo, pelo contato ou apenas pela vista (daí, olhar de basilisco), e segundo outros em forma de serpente ápode com um só olho na fronte. (N.T.)

que estiveres à minha frente. A minha visão agirá como se fosse uma Fúria de cabelos cor de fogo e expulsará a imagem do outro para sempre de teu pensamento... O quadro monstruoso de *Franz* irá tomar conta do quadro de teu amado aos poucos, assim como o faz o cão encantado que deita sobre os caixotes de ouro no reino dos ínferos... Quero te arrastar pelos cabelos até a capela, com a espada na mão arrancar de tua alma o juramento marital, montar em tua cama virginal como se fosse um furacão e dominar tua vergonha orgulhosa com um orgulho ainda maior.

Amália *(dando-lhe uma bofetada)* – Tome isso como dote, por primeiro!

Franz *(furioso)* – Ahá! Isto tu me pagarás, e dez vezes, mil vezes mais caro! Não, minha esposa não... Esta honra não te será concedida... Minha meretriz, é o que serás... De modo que as honradas mulheres dos campônios te apontem o dedo quando ousares pôr os pés na rua... Podes ranger os dentes... cuspir fogo e morte pelos olhos... A ira de uma mulher me faz deleitar, ela só te embeleza ainda mais, te torna mais desejável. Vem... Essa resistência descabelada apenas ornará meu triunfo, esses abraços forçados apenas irão temperar minha volúpia... Vem comigo ao meu quarto... Eu ardo de desejo... Vem logo comigo, vamos. *(Quer arrastá-la junto.)*

Amália *(caindo em volta de seu pescoço)* – Perdoa-me, Franz! *(Quando ele quer abraçá-la, ela lhe arranca a espada à cinta e dá um passo para trás, intempestiva.)* Vês agora o que posso fazer de ti, seu amaldiçoado? Eu sou uma mulher, mas uma mulher furiosa... Ousa tocar mais uma vez o meu corpo com tuas mãos sujas... e este aço atravessará o teu peito concupiscente... E o espírito de meu tio haverá de guiar minha mão tornando-a certeira. Suma daqui, já! *(Ela persegue-o até afastá-lo.)*

Amália, só.

AMÁLIA – Ah! Como eu me sinto bem... Agora posso respirar com liberdade... Eu me senti forte como um cavalo a soltar fagulhas pelas ventas, irada como a tigra a perseguir o ladrão triunfante de seus filhotes... Num claustro, ele disse... Eu te agradeço esta feliz descoberta!... Agora o amor enganado acaba de encontrar asilo... O claustro... A cruz do salvador será o asilo do amor enganado. *(Ela quer sair.)*

Herrmann aparece e entra timidamente.

HERRMANN – Senhorita Amália! Senhorita Amália!

AMÁLIA – Desgraçado! Por que queres importunar-me?

HERRMANN – Este peso tem de ser arrancado de minha alma antes que ele a esmague mandando-a ao inferno. *(Joga-se aos pés dela.)* Perdão! Perdão! Eu vos ofendi terrivelmente, senhorita Amália...

AMÁLIA – Levanta-te! Vai! Não quero saber de nada. *(Quer ir embora.)*

HERRMANN *(retendo-a)* – Não. Ficai! Por Deus! Por Deus dos céus! Deveis saber de tudo!

AMÁLIA – Nem uma palavra mais... Eu te perdoo... Vá para casa em paz. *(Quer ir embora, às pressas.)*

HERRMANN – Escutai apenas uma palavra, uma única palavra... Ela trará de volta toda a vossa tranquilidade.

AMÁLIA *(volta e olha admirada em direção a ele)* – Como, amigo?... Quem nos céus e na terra pode trazer de volta a minha tranquilidade?

HERRMANN – Uma palavra apenas, saída de meus lábios... Escutai-me com atenção.

AMÁLIA *(segurando a mão dele com piedade)* – Bom homem... Uma palavra de teus lábios pode abrir para mim as portas da eternidade?

HERRMANN *(levantando-se)* – Karl está vivo!

AMÁLIA *(gritando)* – Desgraçado!

HERRMANN – Sim, é verdade... E só mais uma palavra, agora... Vosso tio...

AMÁLIA *(correndo de encontro a ele)* – Tu mentes...

HERRMANN – Vosso tio...

AMÁLIA – Karl está vivo!

HERRMANN – E vosso tio...

AMÁLIA – Karl está vivo?

HERRMANN – E também vosso tio... Não me denuncieis... *(Corre para fora, apressado.)*

AMÁLIA *(depois de ficar longo tempo quieta, como se fosse uma estátua, levanta-se de repente, correndo atrás dele)* – Karl está vivo!

SEGUNDA CENA

Uma região ao lado do Rio Danúbio.
Os bandoleiros, acampados junto a uma elevação, sob um grupo de árvores, os cavalos pastam no monte, um pouco abaixo.

MOOR – Aqui eu tenho de ficar deitado. *(Joga-se ao chão.)* Meus membros estão esgotados. Minha língua está seca como um tijolo ao sol.[117] *(Schweizer se perde, ficando para trás, sem o perceber.)* Eu queria pedir a um de vós que me buscasse um punhado de água no rio, mas vós estais todos mortalmente esgotados.

SCHWARZ – Também o vinho se acabou em nossos cantis.

117. Comparar com Salmo 22, Vers. 15 e seguintes. O trecho também é versificado no *Messias* de Klopstock, X. (N.T.)

Moor – Vede como o trigo está bonito! As plantas quase quebram sob o peso dos cachos... A videira está carregada de esperança...

Grimm – Este será um ano fecundo...

Moor – Tens certeza? Se assim fosse *um* suor seria enfim recompensado no mundo. *Um?*... Mas podem bem cair pedras durante a noite e destruir a colheita.

Schwarz – Isso é bem possível. Tudo pode ser destruído, poucas horas antes de ser colhido.

Moor – Foi o que eu sempre disse. Tudo haverá de ser destruído. Por que deveria o homem lograr êxito naquilo que o iguala às formigas se fracassa inclusive naquilo em que é semelhante a Deus?... Ou estará aí o miolo de seu destino?

Schwarz – Se for assim eu não o conheço.

Moor – Disseste bem, e fazes melhor ainda ao não pedir que ele cruze contigo jamais! Mano... Eu vi os homens, seus cuidados apiários e seus projetos gigantescos..... seus planos divinos e seus encaminhamentos ratinheiros, a maravilhosa e inusitada corrida em busca da bem-aventurança que empreendem... Vi alguns confiarem a sorte no pulo de seu cavalo... Outros no nariz de seu asno... E outros ainda jogarem tudo em suas próprias pernas. Este jogo colorido da vida, onde alguns apostam sua inocência e, até mesmo... seu próprio céu, na esperança de acertar em cheio pelo menos uma única vez... Mas nulos são os resultados... inúteis as recompensas... Não havia chance de acertar...[118] Era apenas uma peça, uma ilusão, mano, que te inculcava lágrimas aos olhos, ao te fazer cócegas no fígado até te abrires em gargalhadas.

118. A ameaça da sorte é moto constante na obra de Schiller que chega, inclusive, aos *Xenien,* coletânea de epigramas escrita em colaboração com Goethe. Ver, por exemplo, *Elegia*. A sensação de que tudo no mundo está e vai pelo pior é permanente na peça. Ver por exemplo a frase surpresa – e algo irônica – de Moor ao se referir, através de uma pergunta, a um suor que foi recompensado no mundo. Mas logo vem a frase desiludida. (N.T.)

Schwarz – Como é maravilhoso o pôr do sol!

Moor *(mergulhado na contemplação)* – É assim que morre um herói! Digno de ser adorado!

Grimm – Tu pareces profundamente tocado.

Moor – Quando eu ainda era moço... meu pensamento predileto era viver como *ele*, morrer como *ele*... *(Mordendo sua dor.)* Era um pensamento juvenil!

Grimm – É o que eu espero, pelo menos.

Moor *(apertando o chapéu sobre os olhos)* – Era um tempo... Deixai-me sozinho, camaradas.

Schwarz – Moor! Moor! O que é que está se passando, cáspite? Olhai como muda a cor de sua pele!

Grimm – Com todos os demônios! O que é que há com ele? Estará passando mal?

Moor – Era um tempo em que eu não conseguia dormir, quando havia esquecido minha oração da noite...

Grimm – Estás ficando louco? Queres te deixar censurar pelos teus anos juvenis?

Moor *(deita sua cabeça sobre o peito de Grimm)* – Mano! Mano!

Grimm – Como? Não seja criança... Eu te peço...

Moor – Oh, quem dera eu fosse criança de novo... Quem dera!

Grimm – Argh! Argh!

Schwarz – Ponha-te sereno, reanima-te! Vê essa paisagem maravilhosa, a noite amável que vem...

Moor – Sim, amigos, este mundo é tão belo.

Schwarz – Pois então! Agora disseste bem.

Moor – Esta terra tão magnífica.

GRIMM – Com certeza... com certeza... Faço gosto em ouvir isso.

MOOR *(mergulhado em si mesmo)* – E eu tão horrível sobre este mundo tão belo... E eu um monstro sobre esta terra magnífica.

GRIMM – Ai, ai, ai! Ai, ai, ai!

MOOR – Minha inocência! Minha inocência!... Vede! Tudo veio para fora, a fim de apenas tomar sol nos raios pacíficos da primavera... Por que somente eu devo beber o inferno das alegrias do céu? E tudo se mostra tão venturoso, irmanado pelo espírito da paz!... O mundo inteiro é *uma* família, com o pai lá em cima... *Meu* pai não... Eu, sou eu, só eu o desterrado... Eu sozinho fui jogado para fora das fileiras dos justos e dos puros... A mim não dedicam o nome doce de filho... Jamais terei direito ao olhar lânguido da amada... jamais, jamais gozarei o abraço junto ao seio de um amigo. *(Voltando atrás, selvagemente.)* Cercado de assassinos, rodeado pelo silvar de serpentes... soldado ao vício com cordões de aço... pendendo vertiginosamente na corda bamba da injúria, que atravessa o abismo da condenação... um Abbadona[119] uivante em meio às flores venturosas do mundo!

SCHWARZ *(aos outros)* – Inacreditável! Jamais o vi assim!

MOOR *(melancólico)* – Oh, se eu pudesse voltar ao ventre de minha mãe! Se eu pudesse voltar a nascer na pele de um mendigo!... Não! Oh, Deus do céu eu não queria mais... Queria ser como um desses trabalhadores diaristas! Oh, queria me cansar tanto do trabalho a ponto de fazer o sangue rolar em minhas têmporas... e aí gozar a volúpia de uma única tarde de sono... a ventura de uma única lágrima.

119. O anjo caído e arrependido do *Messias* de Klopstock. (N.T.)

GRIMM *(aos outros)* – Tende paciência! O paroxismo[120] está chegando ao fim.

MOOR – Ah, aquele era um tempo em que as lágrimas brotavam de meus olhos com tanta facilidade... Oh, dias de paz! E tu, castelo de meu pai... tuas campinas verdes e suntuosas! Oh, todas as cenas elísias de minha infância! Não havereis de voltar jamais... não havereis jamais de refrescar com vossa brisa agradável o meu peito em chamas?... Entra em luto comigo, oh, natureza... Elas não voltarão jamais, jamais refrescarão meu peito em chamas com sua brisa agradável... Elas se foram! Se foram! Jamais voltarão!

Schweizer, trazendo água no chapéu.

SCHWEIZER – Bebe, capitão... Aqui há água suficiente e fresca como gelo.

SCHWARZ – Tu estás sangrando... Que fizeste?

SCHWEIZER – Idiota, uma brincadeira que quase acabou me custando duas pernas e um pescoço. Quando fui rastejando em direção ao rio pelo monte de areia, encontrei o terreno escorregadio, os tarecos rolaram abaixo de mim me levando junto por cerca de dez sapatos renanos...[121] Ali estava eu, e quando recuperei os sentidos eis que dou de cara com a água mais clara do mundo sobre o cascalho. Basta dessa dança por hora, pensei comigo mesmo, esta água saberá bem ao capitão.

MOOR *(dá-lhe o chapéu de volta, e lava o rosto dele)* – Quando teu rosto não está limpo não se vê as cicatrizes que

120. Outra nota a respeito dos conhecimentos de Medicina do Jovem Schiller. Paroxismo é o estágio duma doença, ou dum estado mórbido, em que os sintomas se manifestam com maior intensidade. No alemão, a palavra latina tem caráter mais erudito – e difícil – do que no português. (N.T.)

121. Medida de distância. Um sapato renano corresponde a 0,31m. (N.T.)

os cavalarianos boêmios marcaram em tua testa... Tua água foi boa, Schweizer... Ficas bem com essas cicatrizes.

Schweizer – Bah! Ainda tem lugar para mais umas trinta.

Moor – Sim, crianças... Foi uma tarde quente a de hoje... E só perdemos *um* homem... O meu Roller morreu uma morte gloriosa. Haveria de pôr mármore sobre o seu corpo se ele não tivesse morrido. Tomai-o como exemplo. *(Enxuga os olhos.)* E qual foi o número dos inimigos que tombou na batalha?

Schweizer – Cento e sessenta hussardos... noventa e três dragões, cerca de quarenta caçadores... Trezentos ao todo...

Moor – Trezentos por um! Todos vós tendes parte neste triunfo! *(Ele desnuda a cabeça.)* Aqui eu levanto meu punhal em juramento! Enquanto a minha alma estiver viva *eu jamais vos deixarei!*

Schweizer – Não jura! Não sabes se não serás feliz um dia e te arrependerás do que disseste!

Moor – Pelos ossos de meu Roller! *Eu jamais vos deixarei!*[122]

Kosinski aparece.

Kosinski *(falando sozinho)* – Aqui pelos arredores, eles garantiram, haverás de encontrá-lo... Ei! Alô! Que caras são essas? Será que... É como se... Sim... São eles... São eles! Quero falar-vos.

Schwarz – Atenção! Quem vem aí?

Kosinski – Meus senhores! Desculpem! Eu não sei, estou no caminho certo ou não?

122. Esse juramento – já feito anteriormente – vem a ser fatal. Os bandoleiros jamais se esquecerão dele e estarão prontos a cobrá-lo no final. (N.T.)

Moor – E quem temos de ser para estares no caminho certo?

Kosinski – Homens!

Schweizer – Será que demonstramos ser homens, capitão?

Kosinski – Homens! Procuro homens que encaram a morte de frente e deixam o perigo brincar à sua volta como se fosse uma cobra mansa. Homens que valorizam a liberdade mais do que a honra e a vida, cujo simples nome recebe bem aos pobres e espezinhados, homens que acovardam os mais corajosos e empalidecem os tiranos.

Schweizer *(ao capitão)* – O rapaz me agrada... Escuta, bom amigo! Tu achaste as pessoas que procuravas.

Kosinski – Penso que sim e espero que em breve sejamos irmãos... Pois então poderíeis me mostrar o homem certo, aquele que procuro há tempo, vosso capitão, o grande Conde de Moor.

Schweizer *(dando-lhe a mão acaloradamente)* – Caro rapaz, podemos nos tratar por tu.

Moor *(chegando mais perto)* – Conheceis também o capitão?

Kosinski – *Tu* és ele... com essa feição... quem seria capaz de te enxergar e mesmo assim procurar outro? *(Fixa os olhos nele, por longo tempo.)* Sempre desejei, do fundo de meu coração, encontrar o proscrito de olhar aniquilador, vê-lo sentado sobre as ruínas de Cartago...[123] Agora não desejo mais nada.

Schweizer – Brilhante, meu rapaz, brilhante!

123. O homem de olhar aniquilador é Marius, o general romano proscrito. Plutarco dá notícias dele dizendo que Marius respondeu, de olhar fixo, ao emissário que lhe trazia a ordem de abandonar a África: "Diga a teu senhor que tu viste Gaius Marius na situação de exilado, sentado sobre as ruínas de Cartago. (PLUTARCH. Gesamtausgabe. Lebensbeschreibungen III, Gaius Marius, 99-150). (N.T.)

Moor – E o que vos traz a mim?

Kosinski – Oh, capitão! Meu destino foi mais do que terrível... Eu suportei naufrágios nos mares mais tempestuosos deste mundo e tive de ver minhas esperanças se arrojarem ao chão, afogadas, não me sobrando mais do que a lembrança martirizante de sua perda, que haveria de me levar à loucura se não tivesse tentado sufocá-la com todo o tipo de outras atividades.

Moor – Eis outro que se lamenta contra a divindade!... Segui adiante!

Kosinski – Eu me tornei soldado. E também ali a desventura me perseguiu... Tomei parte em uma viagem às Índias Orientais e meu navio se rebentou nos recifes... Nada mais do que planos fracassados! Eis que então finalmente ouço falar por todos os lados, aqui e acolá, de teus feitos... *Incêndios assassinos,* conforme eles disseram... E vim até aqui viajando trinta milhas, terminantemente decidido a servir ao teu bando, sob tuas ordens, se quiseres aceitar meus serviços... Eu te peço, nobre capitão, não me decepcione com uma recusa!

Schweizer *(dando um salto)* – Oba! Oba! Claro, assim a perda do nosso Roller está dez mil vezes recompensada! Um mano assassino dos bons para o nosso bando!

Moor – Como é o teu nome?

Kosinski – Kosinski.

Moor – Como, Kosinski? Sabes também que és um rapagão bem leviano e te afastas definitivamente do grande passo que pretendias dar na vida como se fosses uma moçoila imprudente?... Aqui não haverás de jogar bolas ou brincar com tacos como certamente imaginas que farás.

Kosinski – Eu sei o que queres dizer... Tenho vinte e quatro anos de idade, mas vi espadas refulgir à minha volta e balas zumbirem sobre a minha cabeça.

Moor – Sendo assim tão jovem? E aprendeste a lutar com a espada só para mandar ao chão pobres viajeiros por causa de um tálere real, para espetar mulheres no ventre atacando-as pelas costas? Vai-te! Vai-te! Escapaste da tua ama, porque ela te ameaçou com a vara...

Schweizer – Cáspite, mas o que é isso capitão? Que é que estás pensando? Vais mandar embora assim no mais este Hércules? Ele não parece, do jeito que se apresenta, estar inteiramente disposto a caçar o Marechal da Saxônia[124] com uma colher de pau perseguindo-o até o Ganges?

Moor – Só porque as tuas chicanerias não deram certo vens para cá e queres te tornar um patife, um assassino vil e cruel? Assassinar, meu rapaz, entendes essa palavra? Tu aparentas ter dormido sempre tranquilo depois de teres decepado algumas cepas de papoulas, mas carregar um assassinato na alma, isso é outra coisa...

Kosinski – Eu haverei de me responsabilizar por todos os assassinatos dos quais me encarregares.

Moor – O quê? És tão inteligente? Queres te botar a pegar um homem com tuas adulações? Donde sabes que não alimento sonhos malévolos, ou que não haverei de empalidecer no leito de morte? Quantas coisas já fizeste nas quais tivestes de pensar de fato em responsabilidade?

Kosinski – É verdade! Foram bem poucas, mas esta viagem até te encontrar, nobre conde...

Moor – O teu mordomo te sussurrou a história de Robin[125] ao ouvido... Canalhas desprevenidos desse tipo deveriam ser mandados às galeras... canalhas que esquentam tuas

124. Conde Moritz da Saxônia (1696-1750), filho de Augusto, o forte, conquistou fama pelas suas proezas de guerra. O Ganges, referido a seguir, é um rio da Índia. (N.T.)

125. Tratamento companheiro de Moor a Robin Hood, o ladrão inglês cantado em inúmeras obras e citado inclusive em *Fidalgos de Verona,* de Shakespeare. (N.T.)

fantasias infantis e te atiçam com a mania louca de te tornares um grande homem. A vontade de alcançar nome e honra te faz cócegas? Queres comprar a vida eterna com incêndios criminosos? Nota bem, moço ambicioso! Aos incendiários não acenam louros! Ninguém condecora bandidos triunfantes... A estes é reservada a fuga, o perigo, a morte, a injúria... Estás vendo o patíbulo, lá longe, sobre a colina?

Spiegelberg *(caminhando insatisfeito, acima e abaixo)* – Ai, que estúpido! Desprezivelmente, imperdoavelmente estúpido! Não é assim que se faz! Eu fiz e faria bem diferente.

Kosinski – O que haverá de temer aquele que não teme a própria morte?

Moor – Bravo! Inigualável! Tu te comportaste com galhardia na escola e aprendeste teu Sêneca[126] magistralmente de cor... No entanto, querido amigo, com sentenças deste tipo não afastarás de teu encalço a natureza miserável, não haverás de silenciar jamais a flecha da dor... Pensa bem, meu filho! *(Ele toma a mão do outro.)* Reflete, eu to aconselho como um pai... Conhece primeiro a profundidade do abismo antes de pular abaixo! Se ainda tens condições de apanhar uma só felicidade no mundo, desiste... Poderão haver momentos em que tu... despertarás... e aí... será tarde demais. Tomando parte no grupo estarás abandonando o círculo da humanidade... Ou te decides a ser um homem grandioso, ou serás um pobre-diabo... Pensa de novo, meu filho! Se para ti ainda brilha a chama de uma esperança em outro lugar, por mais mínima que seja, desiste deste laço terrível, que só promete desespero se não tiver sido firmado por uma sabedoria mais elevada... A gente pode enganar-se...

126. Filósofo e historiador romano (cerca de 60 a. C.). Estóico que era, pregava o desprezo à morte e à dor e Kosinski tangecia o assunto em seu discurso. (N.T.)

Acredite, a gente pode tomar como sendo força do espírito o que ao final é apenas desespero... Acredita *em mim, em mim!,* e te afasta daqui enquanto é tempo.

Kosinski – Não! Agora não escaparei mais. Se os meus pedidos não te comovem, ouve a história da minha desgraça... Depois dela tu mesmo haverás de obrigar minha mão a agarrar o punhal, haverás... Sentai-vos aqui e ouvi-me com atenção!

Moor – Meus ouvidos estão abertos.

Kosinski – Ficai sabendo, então, que eu sou um nobre boêmio e me tornei, depois da morte prematura de meu pai, senhor de um morgadio considerável. A paisagem do lugar era paradisíaca... pois tinha um anjo... uma moçoila ornada com todos os encantos da juventude em flor e casta como a luz dos céus... Mas logo a quem estou dizendo semelhante coisa? A bandidos isso deve entrar por um de vossos ouvidos e sair pelo outro... Vós certamente não amastes jamais e jamais fostes amados...

Schweizer – Vede, vede! Nosso capitão se põe vermelho como o fogo.

Moor – Basta! Quero ouvir a história outra hora... Amanhã, quem sabe, ou... depois que eu tiver visto sangue.

Kosinski – Sangue, sangue... Mas, escutai, tenho de continuar! Sangue, eu te garanto, sentirás até o fundo de tua alma. Ela nascera numa família tipicamente burguesa, uma alemã... Mas seu olhar chamejava muito além daquilo que se conhece como nobre. Com a simplicidade mais tímida do mundo, aceitou de minhas próprias mãos o anel de noivado e poucos dias depois eu levaria a minha *Amália* para o altar...

Moor levanta-se, num salto.

Kosinski – Em meio ao tumulto da bem-aventurança que me aguardava, sob os preparativos do casamento... eis que sou convidado ao pátio da Corte através de um comunicado. Apresento-me. Mostram-me cartas que eu teria escrito, cheias de conteúdo traiçoeiro, que atentava contra a pátria. Eu corei ante a maldade... Tiraram-me a espada, me jogaram à prisão, perdi por completo os sentidos.

Schweizer – E, enquanto isso... adiante! Já sinto o cheiro do assado.

Kosinski – Fiquei na prisão durante um mês e não sabia o que estava acontecendo. Temia por minha Amália que, por causa da minha sorte, certamente estava sofrendo uma morte a cada minuto. Finalmente apareceu o primeiro-ministro da Corte, desejando-me sorte por terem descoberto minha inocência... Com palavras açucaradamente doces leu a carta da libertação diante de mim, devolvendo-me a espada. Em triunfo, eu só queria voltar ao meu castelo, voando para os braços de Amália... Mas ela havia desaparecido. Teria sido levada à meia-noite do dia em que fui preso, mas ninguém sabia para onde e desde então ninguém mais a havia visto. Záz! A ideia me atingiu como se fosse um raio e eu voei para a cidade, sondando pela Corte... Todos os olhos me olhavam fincando raízes, ninguém sabia nada a respeito... Finalmente a descobri atrás das grades de uma prisão escondida... Ela me atirou um bilhete.

Schweizer – Eu não disse?

Kosinski – Com todos os diabos do inferno! Ali estava! Tinham-na deixado escolher entre ver a minha morte e ser a meretriz do príncipe. Na luta entre a honra e o amor, ela se decidiu pelo segundo e *(rindo amargo)* eu estava salvo.

Schweizer – Que fizeste então?

Kosinski – Eu fiquei parado ali, como se tivesse sido atingido por mil raios... Sangue! Foi o primeiro pensamento

que me veio a cabeça... Sangue! Foi também o último... Espumando de ódio corri para casa, escolhi uma espada de três cantos e com ela fui a toda brida à casa do ministro, pois apenas ele... e tão somente ele havia feito o papel de alcoviteiro infernal nesta história. Devem ter me percebido quando ainda estava na rua, pois ao subir encontrei todos os quartos fechados. Estou à procura do ministro, eu gritei. Ele foi ao castelo do príncipe, me disseram. Fui direto para lá e lá me informam que não sabiam nada dele. Volto e arrombo as portas de sua casa, encontro-o e, quando estou para... cinco ou seis soldados vêm correndo da parte traseira da casa e me arrancam a espada.

Schweizer *(sapateando ao chão)* – E ele acabou escapando ileso? Tiveste de sair de lá de mãos vazias?

Kosinski – Eu estava preso, acusado, processado de maneira inclemente. Infame... Notai bem!... E, por misericórdia a mim concedida em caráter especial, fui expulso como infame para fora das fronteiras do principado. Minhas posses foram presenteadas ao ministro, minha Amália permaneceu nas garras do tigre, desesperançada e enlutada a sua vida, enquanto eles dominavam minha vingança, fazendo-a se dobrar sob o jugo do despotismo.

Schweizer *(levantando e desembainhando a espada)* – Isso é água para o nosso moinho, capitão! Ali há algo bem-bom para pormos fogo!

Moor *(que até agora havia caminhado de um lado para outro, em movimentos violentos, salta de repente em frente aos bandidos e lhes diz)* – Eu tenho de vê-la... Vamos! Apanhem tudo... Tu vais junto comigo, Kosinski... Ajuntem tudo, rápido!

Os Bandoleiros – E para onde vamos? Fazer o quê?

Moor – Para onde? Quem pergunta para onde vamos? *(Com violência a Schweizer.)* Tu, seu traidor, queres impedir que eu vá? Tenha a santa paciência!

Schweizer – Traidor, eu? Vá para o inferno, estou pronto a te seguir!

Moor *(caindo ao pescoço dele)* – Irmão do coração! Tu me seguirás... Ela chora, ela passa sua vida enlutada. Vamos! A postos! Todos! Para a Francônia! Em oito dias estaremos lá! *(Eles saem.)*

QUARTO ATO

Primeira cena

Região rural em volta do castelo dos Moor. Moor, o bandoleiro. Kosinski, a distância.

Moor – Vai em frente e anuncia minha chegada. Ainda sabes bem o que pedi que dissesses?

Kosinski – Que vós sois o Conde von Brand,[127] que vindes de Mecklemburgo e que eu sou vosso criado de cavalaria... Não é necessário te preocupares, vou fazer direitinho o meu papel... Adeus! *(Sai.)*

Moor – Cumprimento-vos, terra pátria! *(Ele beija a terra.)* Cumprimento-vos céu pátrio! Cumprimento-vos, sol pátrio! E também os campos, montanhas, rios e florestas! Considerai-vos todos cumprimentados de coração!... Como é brando e gostoso o ar dos meus montes pátrios! Que delícia balsâmica brota de vós ao encontro do pobre exilado! Elísio! Mundo poético! Um Moor se curva! Teu pé pisa num templo sagrado.

(Ele vai se aproximando.) Vede ali os ninhos de andorinha no pátio do castelo... e o portãozinho do jardim! E aquele cantinho junto à cerca, onde tantas vezes espreitaste ao armar tua arapuca... E lá embaixo a campina, onde conduziste Alexandre e seus Macedônios à batalha de Arbela, e ao lado dela o monte do qual derribaste os sátrapas

127. Outro nome pleno de significado, embora fictício dentro da ficção, o que dá um caráter de jogo à peça. Brand, em alemão, significa incêndio. (N.T.)

persas...[128] fincando tua bandeira triunfante que tremulava altaneira! *(Ele sorri.)* Os dourados anos de maio da infância voltam a se tornar vívidos na alma do miserável... Naquele tempo eras tão feliz, tão inteira e desanuviadamente sereno... E agora... Aí estão as ruínas dos teus projetos! Aqui te tornarias um homem valioso, um grande estadista... Viver aqui pela segunda vez a tua infância ao lado da juventude florescente de Amália... Aqui! Ser aqui o ídolo de teu povo... Mas o inimigo malvado estragou tudo! *(Ele se exalta.)* Por que vim até aqui? Poderia ter feito como o preso que expulsa as correntes que o prendem em sonhos de liberdade... Mas não! Eu volto para a origem da minha miséria! O preso esqueceu-se da luz, mas o sonho da liberdade refulge dentro dele como um raio na noite, que ao abandoná-la só a deixa mais sombria... Adeus, vales pátrios! No passado vistes o menino Karl, e o menino Karl era um menino feliz... Agora vedes o homem, e ele está desesperado. *(Ele se volta com rapidez indo ao trecho mais distante do lugar, onde para quieto de repente, olhando com melancolia em direção ao castelo.)* Mas e não vê-la, sequer por um instante?... E depois de ter visto apenas um muro entre mim e Amália... Não! Eu tenho de vê-la... tenho de vê-lo... Nem que me triturem! *(Volta-se novamente.)* Pai! Pai! Teu filho se aproxima... Para longe contigo, sangue negro e esfumado! Fora, olhar mortal, vazio, fulminante e sombrio! Deixa-me livre apenas agora, *neste* momento... Amália! Pai! Teu Karl se aproxima! *(Ele vai rapidamente em direção ao castelo.)* Atormenta-me quando o dia desperta e não me deixa quando a noite vem... Atormenta-me em sonhos terríveis... mas não envenena este meu único desejo! *(Ele está parado diante das portas do castelo.)* O que será de mim? O que é isso, Moor? Seja homem!... Que tremor mortal... Que pena terrível... *(Ele entra.)*

128. Arbela era o lugar em que, em 331 a. C., Alexandre venceu os persas. Sátrapas eram os governadores de província, na Pérsia antiga. (N.T.)

Segunda cena

Em uma galeria do castelo.
Moor, o bandoleiro, e Amália aparecem.

Amália – E vós vos atreveis a querer reconhecer seu retrato entre estas pinturas?[129]

Moor – Oh, com certeza. Seu retrato esteve sempre vivo em mim. *(Passeando ante as pinturas, de lá para cá.) Este* não é ele.

Amália – Adivinhou! Ele era o tronco do condado, a partir do qual surgiu a casa dos Moor. Recebeu o título do Barba Roxa,[130] ao qual serviu defendendo-o dos piratas.

Moor *(sempre a olhar os quadros)* – *Este* também não é ele... *Este* aqui também não... *Aquele* lá também não é ele... Ele não está entre estes quadros.

Amália – Como não, olhai melhor! Eu pensei que vós o conhecíeis...

Moor – Eu não conheço nem o meu próprio pai melhor do que ele! A este aqui falta o rasgo suavemente corajoso em volta da boca, que o tornaria perfeitamente distinguível entre mil... Não é ele...

Amália – Me surpreendes. Como? Não o vês há dezoito anos, e ainda...

129. A Amália de Moor não tem absolutamente nada a ver com a Amália referida por Kosinski. E não havia nada de jogo ou intriga na semelhança dos nomes, conforme já fica claro pelo fato de a amada de Kosinski ser da Boêmia ao passo em que a de Karl é da Francônia. A chegada do jovem e sua história parece servir apenas de artifício – um tanto tosco seja dito – para a volta de Moor às origens e o desenlace final. A cena lembra um trecho de *Stella* de Goethe. O mesmo acontece com a quarta cena, a seguir, no jardim. (N.T.)

130. Nome carinhoso do já referido Imperador e fundador da Prússia, Frederico I. (N.T.)

Moor *(rápido e mostrando-se ligeiramente ruborizado)* – É *este* aqui! *(Ele fica em pé como se tivesse sido atingido por um raio.)*

Amália – Um homem primoroso!

Moor *(mergulhado na visão do outro)* – Pai, pai! Perdoai-me! Sim, era um homem primoroso... *(Ele seca-se os olhos.)* Um homem divino!

Amália – Vós pareceis muito interessado em seu destino!

Moor – Um homem primoroso... e dizem que ele se foi.

Amália – Se foi! Assim como os nossos melhores amigos se vão... *(Segurando-lhe a mão com carinho.)* Querido senhor conde, não há bem-aventurança que amadureça na face da terra.

Moor – É verdade, tendes toda a razão... Quereis dizer que mesmo *vós* já passastes por experiências tristes? Vós não tendes mais do que vinte e três anos...

Amália – Acabei de completá-los. Tudo vive para voltar a morrer de maneira triste. Nós só estamos interessados, nós só achamos ganho em voltar a perder tudo com a mesma dor...

Moor – De modo que vós já perdestes algo?

Amália – Nada. Tudo. Nada... Mas vamos adiante, senhor conde!

Moor – Por que tão rápido? De quem é aquele quadro a seu lado direito? Tenho a impressão de que mostra uma fisionomia bastante infeliz.

Amália – O quadro do lado esquerdo é do filho do conde, o verdadeiro senhor... Mas vinde, vinde!

Moor – Mas e o quadro a seu lado direito?

Amália – Não quereis ir ao jardim?

Moor – Mas e o quadro a seu lado direito?... Estás chorando, Amália?

Amália sai rapidamente

Moor – Ela me ama, ela me ama!...[131] Todo o seu ser entrou em confusão e as lágrimas rolaram traiçoeiras por suas faces. Ela me ama!... Desgraçado, isso tu merecias... por ela! Mas não estou parado aqui, como um condenado ante o patíbulo fatal? Não é este o sofá onde eu nadava em delícias junto ao pescoço dela? Não são estas as salas paternas? *(Tocado pelo olhar de seu pai.)* Tu, tu... Chamas ígneas brotam de teus olhos... Maldição, maldição e repúdio!... Onde estou? É noite ante os meus olhos... Os horrores que vêm de Deus... Eu... fui eu quem o matou! *(Ele se afasta do lugar, correndo.)*

Franz Von Moor *(profundamente pensativo, chegando depois de o outro ter saído)* – Fora com este quadro! Fora, galinhão covarde! Por que hesitas demonstrando medo, e logo de quem? Não são para mim as poucas horas que o conde passa entre estes muros como espiões vindos do Inferno, que se arrastam aos meus calcanhares, observando tudo... Eu deveria conhecê-lo! Há algo tão grandioso e tantas vezes visto em seu rosto selvagem, queimado pelo sol, que me faz tremer... Também Amália não é indiferente em relação a ele! Não atira ela olhares cobiçosos e sonhadores ao sujeito, olhares com os quais se mostra tão parcimoniosa em relação ao resto do mundo? Não vi, por acaso, como ela deixou cair um par de lágrimas bandidas na taça de vinho que depois ele sorveu com sofreguidão às minhas costas, como se quisesse beber junto inclusive a taça? Sim, eu vi tudo, eu vi tudo pelo espelho, com estes meus olhos aqui, ó! Fica atento, Franz! Observa à tua volta! Há atrás disso tudo alguma podridão! A coisa é um monstro

131. Foi a mesma – e no mesmo tom extasiado – a exclamação do Werther de Goethe, depois da leitura calorosa das poesias de Ossian para sua amada Carlota. As duas obras são irmãs no ímpeto, na força juvenil e arrebatadora. (N.T.)

prenhe! *(Ele fica parado ante o retrato de Karl, em tom investigativo.)* Seu pescoço longo de ganso...[132] Seus olhos negros a arremessar fagulhas... Hum! Hum! Suas sobrancelhas levantadas, espessas e sombrias. *(Exaltando-se de repente.)* Pelo amor do Inferno, t'esconjuro! Só agora é que me dou conta do que está a me encucar há tempo. Claro! É *Karl*! Sim! Agora todas suas feições voltam a se tornar vivas aos meus olhos... É ele! Apesar de sua máscara! É ele! Eu o reconheço apesar de sua máscara... Sim, é ele... Maldição do inferno! *(Para cá e para lá em passos precipitados.)* Foi por isso que desperdicei minhas noites em orgias... Foi por isso que tirei de meu caminho as pedras que o obstruíam, construindo abismos à minha volta... Foi por isso que me opus rebeldemente a todos os instintos humanos... Para que ao fim este vagabundo errante se atreva a cruzar meu caminho com sua patetice... De leve! Vamos de leve! Ainda tenho algumas brincadeiras no meu saco de surpresas... De qualquer forma já estou enterrado até o pescoço no lodo de um sem-número de pecados mortais... E seria loucura tentar nadar de volta quando o cais do porto já se encontra tão longe às nossas costas...[133] Já não é mais possível pensar em dar a volta... Mesmo a *misericórdia* quebraria o cajado onde se apoia, mesmo a *compaixão infinita* cairia por terra ao sentir nas costas o peso imenso de minhas culpas... Portanto, avante como um homem... *(Ele toca a campainha.)* Que ele venha e se junte ao espírito de seu pai! Eu zombo da morte, fazendo pouco caso dela... Daniel, ei, Daniel! O que está acontecendo? Será que também já o amotinaram contra mim? Ele parece tão cheio de segredos.

Daniel aparece.

132. Outra semelhança entre Schiller e Karl von Moor. (N.T.)

133. Semelhança com *Macbeth* 3, 4 e *Ricardo III,* 4, 2. (N.T.)

Daniel – Que tendes a me ordenar, meu soberano?[134]

Franz – Nada. Vai e enche esta caneca de vinho, mas depressa! *(Daniel sai.)* Espera, velho! Quero te pegar, te olhar bem no fundo dos olhos, tão fixamente a ponto de atingir tua consciência e fazê-la te cuspir para fora de tua máscara! Que ele morra!... Ele é um remendão que deixa suas obras pela metade e aí se manda, voltando apenas para olhar embascado em sua preguiça como elas terminam.

Daniel volta trazendo o vinho.

Franz – Traga-o para cá! Olhe bem nos meus olhos! Como os teus joelhos batem um ao outro! Como estás tremendo! Confessa, velho! O que foi que fizeste?

Daniel – Nada, magnânimo senhor. Juro por Deus e pela minha pobre alma!

Franz – Bebe este vinho! O quê? Tu titubeias?... Põe pra fora, já! O que foi que botaste no vinho?

Daniel – Pelo amor de Deus! O quê! Eu... no vinho?

Franz – Veneno, tu botaste veneno no vinho! Não estás por acaso branco como a neve? Confessa, confessa! Quem foi que te deu o veneno? Não é verdade que foi o conde, que foi o conde que to deu?

Daniel – O conde? Jesus e Maria! O conde não me deu nada...

Franz *(agarrando-o com força)* – Eu quero te estrangular até ficares azul, mentiroso frio e assassino! Nada? E por que estais sempre juntos? Ele, tu e Amália? E o que estais sempre a segredar juntos? Vamos, cuspa a verdade! Quais foram os segredos, dize, quais foram os segredos que ele te revelou?

134. Em alemão "Gebieter". A retórica de Daniel é típica de catecismo cristão e pintalgada de honra bíblica. (N.T.)

Daniel – Isso só o sabe Deus, que é onisciente. Ele não me contou nenhum segredo, jamais.

Franz – Queres desmenti-lo, então? Quais foram as cabalas[135] que vós planejastes para me tirar do caminho? Não é verdade que o fizestes? Queríeis me estrangular enquanto eu dormia? Abrir minha garganta com a lâmina enquanto eu me barbeava? Botar veneno no meu vinho ou no meu chocolate? Vamos, cuspa a verdade! Fale! Ou me levar através da sopa o sono eterno? Vamos, fale, cuspa tudo fora! Eu sei de tudo.

Daniel – Que Deus me ajude na dificuldade, mas eu não estou vos dizendo mais do que a verdade, mais do que a pura e límpida verdade!

Franz – Desta vez eu te perdoo. Mas não é verdade que ele enfia dinheiro no teu bolso? Não apertou a tua mão mais forte do que era necessário? Mais ou menos como se aperta a mão de um velho conhecido?

Daniel – Jamais, meu soberano.

Franz – Ele não te disse algo no sentido de que tinha a impressão de já te conhecer? E que tu também deverias conhecê-lo? Que a travessa que tens ante os olhos haveria de cair de uma vez se... e que... O quê? Ele jamais te falou qualquer coisa a respeito disso?

Daniel – Nem o menor sinal disso.

Franz – Que certas circunstâncias não permitiram que ele... Que a gente muitas vezes tem de fazer uso de máscaras para chegar perto de nossos inimigos... Que ele quer se vingar, sim, que ele quer se vingar da maneira mais terrível?

135. Palavra hebraica que significa "tradição" e é o tratado filosófico-religioso dos hebreus, que pretende resumir uma religião secreta que se supõe haver coexistido com a religião popular do povo hebraico. Aqui, intrigas. Seria o mesmo, o significado da palavra na peça de Schiller *Kabale und Liebe*, normalmente traduzida por Amor e intrigas, pois "cabala", pode ser, segundo o Aurélio: 4. Conluio secreto entre indivíduos ou facções que trabalham para um mesmo fim; maquinação, trama, conspiração. 5. Nos meios editoriais e teatrais, maquinação de um grupo para forjar um sucesso ou um fracasso. (N.T.)

Daniel – Nem um tom sequer a respeito de tudo isso.

Franz – O quê? Absolutamente nada? Pensa bem... Que ele conhecia muito bem o velho senhor... mas muito bem mesmo... que ele o ama... o ama de maneira especial... como um filho ama a seu pai...

Daniel – Sim, me lembro de tê-lo ouvido dizer algo a respeito.

Franz *(empalidecendo)* – Ele disse mesmo, tens certeza? Como foi? Explica-me direitinho! Ele disse que era meu irmão?

Daniel *(atingido)* – Como, meu soberano?... Não, isso ele não disse. Mas quando a senhorita passeou com ele pela galeria eu tirava o pó da moldura dos quadros. De repente ele parou quieto ante o retrato do saudoso senhor como se tivesse sido atingido por um raio. A digna senhorita percebeu o que acontecia e disse: um homem primoroso! Sim, um homem primoroso, ele respondeu, enquanto secava os olhos.

Franz – Escuta, Daniel! Tu sabes, sempre fui para contigo um senhor bondoso... Dei-te roupa e alimento, poupando tua fraca velhice de todos os transtornos...

Daniel – Que Deus do céu vos pague por isso! E eu sempre vos servi lealmente.

Franz – Era exatamente isso que eu queria dizer. Jamais reclamaste de mim em toda tua vida, pois sabes muito bem que me deves obediência por tudo aquilo que fiz por ti.

Daniel – E faço-o de todo o coração, se isso não afrontar Deus ou a minha consciência.

Franz – Farsa! Farsa! Não tens vergonha? Um homem dessa idade e acreditando em Papai Noel! Vai-te, Daniel! Este foi um pensamento estúpido. No final das contas sou eu o senhor. E Deus e a consciência haverão de me castigar, se é que Deus e a consciência existem.

Daniel *(juntando as mãos, em reza)* – Céu misericordioso!

Franz – Pela tua obediência! És capaz de compreender também essa palavra? Pela obediência que me deves eu te ordeno fazer com que amanhã o conde não esteja mais passeando entre o mundo dos vivos.

Daniel – Me ajudai, oh Deus! Mas por que eu?

Franz – Pela tua obediência *cega*!... E eu me confiarei inteiramente a ti.

Daniel – A mim? Me ajudai bem-aventurada mãe de Deus! A mim? O que eu, homem velho, fiz de errado?

Franz – Agora não há mais tempo a pensar, nem a perder. Teu destino está em minhas mãos. Queres terminar teus dias na mais funda de minhas torres, onde a fome haverá de te obrigar a roer teus próprios ossos e a sede ardente te fará beber a água que acabaste de verter?... Ou preferes comer teu pãozinho em paz e passar tua velhice em tranquilidade?

Daniel – O que, senhor? Paz e tranquilidade na velhice? Sendo assassino?

Franz – Responda minha pergunta! Queres passar tua velhice em paz?

Daniel – Pelos meus cabelos grisalhos, pelos meus cabelos grisalhos!

Franz – Sim ou não!

Daniel – Não!... Deus tenha piedade de mim!

Franz *(pronto a partir)* – Pois bem, haverás de lamentar a decisão. *(Daniel segura-o caindo a seus pés.)*

Daniel – Piedade senhor! Piedade!

Franz – Sim ou não!

Daniel – Magnânimo senhor! Eu tenho setenta e um anos de idade, honrei pai e mãe durante a vida inteira e jamais, segundo me lembro, fui aquinhoado com algum óbulo mais valioso. Mesmo assim me mantive crente, firme e fiel e servi em vossa casa durante quarenta e quatro anos. Agora espero um final tranquilo e sereno, meu senhor, ah, meu senhor! *(Abraça seus joelhos, impetuosamente.)* E na morte quereis roubar o meu último consolo, fazendo o verme da consciência roer-me até a última oração, querendo que eu vá repousar como um monstro ante Deus e ante os homens. Não, não, mais querido, melhor, mais caro e magnânimo dos senhores! Não havereis de querer isso de mim, não podeis pedir isso de um homem de setenta e um anos.

Franz – Sim ou não! O que pensas conseguir com essa choradeira?

Daniel – Eu quero vos servir ainda mais diligentemente de hoje em diante. Quero pôr meus tendões ressequidos a vosso serviço como se fosse um escravo, quero levantar mais cedo e me deitar mais tarde... Ah, e quero rezar por vós em minha oração da noite e em minha oração da manhã, e Deus haverá de escutar as rezas de um homem velho como eu.

Franz – A obediência é melhor do que o sacrifício! Já ouviste alguma vez, por acaso, que o carrasco fizesse cerimônias ao ter de encaminhar um juízo?

Daniel – Ah, sim, claro que não! Mas estrangular um inocente... alguém que...

Franz – Por acaso tenho alguma conta em aberto contigo? Pode o machado perguntar ao carrasco por que deve cair

ali e não acolá?... Mas vê como eu sou piedoso... Eu te ofereço uma recompensa por aquilo que deverias fazer em minha homenagem.

Daniel – Mas eu sempre esperei continuar cristão até o fim de meus dias, e era essa a minha homenagem a vós.

Franz – Nada de réplicas! E olha que ainda te dou um dia para pensar! Pensa mais uma vez. Felicidade e infelicidade... Entendes? Compreendes? A mais alta felicidade ou a mais extrema infelicidade! Quero fazer maravilhas na tortura.

Daniel *(depois de pensar por um momento)* – Eu o farei, eu o farei amanhã... *(Sai.)*

Franz *(só)* – A tentação é grande e esse daí com certeza não nasceu para virar mártir de seu credo... Receba, pois, minha oferenda, senhor conde! Ao que tudo indica amanhã à noite havereis de jantar com o carrasco!... Tudo depende de como quisermos encarar a coisa, e o coitado até agora é apenas um estúpido que pensa contra suas próprias vantagens. Ao pai, que talvez tenha tomado uma botelha a mais de vinho, apareceu o desejo fazendo cócegas... e disso tudo surgiu um homem, e esse homem certamente será o último, o último em quem pensarão depois de todo este trabalho hercúleo... Pois agora o desejo com suas cócegas acaba de me atacar também... e com ele rebenta e se acaba um homem... E é certo que há aqui mais juízo e intenções do que havia lá, quando o homem surgiu... Por acaso a existência de quase todos os homens não depende, na maior parte das vezes, do calor de uma tarde de Julho, ou do momento em que se vê um lençol, ou da posição horizontal de uma dessas graças de cozinha a dormir, ou ainda de uma luz apagada?... Não é o nascimento humano fruto de um capricho animal, de um mais ou menos qualquer?... Quem haveria de pensar, só por causa da união que gerou seu nascimento,

em alguma coisa de maior importância?... Maldita seja a estupidez de nossas amas, que estragam nossa fantasia com fábulas assustadoras, imprimindo quadros horríveis de condenados em nosso cérebro ainda mole, fazendo com que tremores temerosos ainda agitem os membros do homem, causando um medo gelado e impedindo a nossa mais destemida decisão ao pôr nossa razão nascitura nas correntes da escuridão supersticiosa...[136] Assassinato! Um inferno inteiro de Fúrias bate suas asas em volta desta palavra!... A natureza esqueceu-se de fazer um homem a mais... O cordão umbilical não foi atado... O pai tomou posse de um corpo liso na noite de núpcias, depois de se desfazer das roupas rudes... E todo este jogo de sombras desapareceu. Aquilo que surgiu era uma coisa e não será nada... Não é o mesmo que dizer: aquilo não era nada e não será nada... e por causa de nada não será gasta sequer mais uma palavra... O homem surge da lama e nada ainda algum tempo na lama, e faz lama e volta a fermentar na lama,[137] até enfim ficar colado na sola do sapato de um bisneto. E este é o fim da cantiga... É este o ciclo enlameado da determinação humana e assim com... Boa viagem, senhor irmão! O moralismo hipocondríaco e afofado de um certo senhor preza caçar mulheres gorduchas de bordel e torturar velhos usurários no leito de morte... Comigo ele jamais voltará a receber audiência. *(Ele sai.)*

136. Aqui afirma-se de maneira definitiva a posição de Franz, que se almeja – embora no fundo não seja – homem do racionalismo e do materialismo e por causa deles se perde. (N.T.)

137. Outra reminiscência hamletiana. (N.T.)

Terceira cena

Num outro recinto do castelo.
Moor, o bandoleiro, entra por um lado. Daniel por outro.

Moor *(com precipitação)* – Onde está a senhorita?

Daniel – Magnânimo senhor! Permiti a um pobre homem pedir-vos uma coisa...

Moor – Está concedido, o que queres?

Daniel – Não muito e ao mesmo tempo tudo, tão pouco e de qualquer forma tanto... Deixai que eu beije vossa mão!

Moor – Não fazei isso, meu bom velho! *(Abraçando-o.)* Antes disso gostaria de chamar-vos de pai.

Daniel – Vossa mão, vossa mão! Eu vos peço.

Moor – Não, não deves fazê-lo.

Daniel – Tenho de fazê-lo! *(Ele a toma, contempla-a rapidamente e cai aos pés do homem.)* Querido, augusto Karl!

Moor *(assusta-se, tenta conter-se e estranha)* – Amigo, o que dizes? Eu não estou te entendendo.

Daniel – Sim, podeis desmenti-lo, podeis fingir até! Belo, belo! Vós fostes sempre o mais caro, o melhor dos senhores para mim... Bom Deus que estás nos céus! Que ainda me tornes digno de alcançar na velhice a alegria de... Pateta estúpido que sou por não ter vos... Ai, pai celeste! De modo que estais de volta... O velho senhor se encontra sob a terra e vós estais aqui de novo... Que asno cego que eu fui... *(Batendo à própria cabeça com os punhos.)* Que eu não tenha vos reconhecido ao primeiro cumprimento... Ai, pobre de mim! Mas também, quem haveria de sonhar com isso! E eu rezei com tantas lágrimas... Jesus Cristo! Aqui está ele, completamente vivo, de volta à velha sala!

Moor – Que estás falando que eu não entendo? Foste dominado pela febre insana, ou estais testando um papel de comediante à minha frente?

Daniel – Arre, chega disso! Chega disso! Não é fino tentar enganar assim a um velho... Essa cicatriz! Ahá, ainda vos lembrais dela? Deus grandioso! Que medo que vós não me inculcastes por causa dela... E eu sempre vos amei tanto e que dor no coração não fostes capaz de preparar-me... Vós sentastes no meu colo... Ainda vos recordais disso?... Lá, na sala redonda... Não é verdade, pássaro fujão? Mas com certeza vos esquecestes disso... E também do cuco[138] que vos fazia tanto gosto ouvir... Pensai, não podeis ter vos esquecido disso! O cuco foi abatido, jogado ao chão... A velha Susel o destruiu quando estava varrendo a sala... Sim, e naquele momento estáveis em meu colo e vós apenas gritastes eia! e eu corri a buscar o eia! cavalo... Meu Jesus! Também por que eu, velho asno, tive de correr me afastando dali? E como senti um arrepio percorrer a espinha... ao chegar aos meus ouvidos, lá de fora, no corredor, aquela choradeira... Corri para dentro e vi o sangue correndo forte... Vós estáveis deitado ao chão e havíeis... Mãe santíssima de Deus! Eu me senti como se tivessem despejado um cocho de água gelada sobre as costas... Mas é justamente isso que acontece, quando não se mantêm todos os olhos abertos para cuidar das crianças... Deus grandioso, se aquilo tivesse atingido o olho... Mas em todo caso foi na mão direita. Enquanto eu viver não deixarei jamais que uma criança tenha em mãos uma faca ou uma tesoura ou qualquer outra coisa afiada, eu prometi para mim mesmo, eu disse para comigo... Por sorte o senhor e a senhora[139] haviam viajado... Sim, sim, aquilo serviria de

138. Relógio cuco, típico da região. (N.T.)

139. Única menção – objetiva – à esposa de Maximilian, mãe de Karl e Franz. (N.T.)

alerta para mim até o final de meus dias... sim, serviria... Jesus! Jesus![140] Eu poderia ser despedido do serviço... eu poderia... Deus dos céus vos perdoe, criança pagã... Mas Deus seja louvado! A cura foi rápida e só fez deixar uma cicatriz seca...

Moor – Não entendo sequer uma palavra de tudo aquilo que dizes.

Daniel – Não, não é verdade! Não, não é verdade! Aqueles é que eram tempos felizes, não? Quantos pãezinhos de açúcar, biscoitinhos e bolos de amêndoa eu desviei da cozinha para alcançar-vos... Sempre vos quis bem como a ninguém mais... Ainda vos lembrais do que me dissestes lá fora, no estábulo, quando eu sentei-vos sobre o alazão tostado de vosso velho pai, deixando que cavalgasses por aí, no campo? Daniel, vós dissestes, ajuda-me a tornar-me um grande homem, pois se for assim, Daniel, tu serás meu administrador e andarás comigo, em minha carruagem... Sim, eu disse, e ri. Se Deus me der vida e saúde e vós não tiverdes vergonha de andar com um homem velho como eu, eu disse... e eu também vos pedirei que vós me deixeis arrumar aquela casinha lá embaixo, no vale, que já está há tanto tempo abandonada, porque ali pensava construir a minha adegazinha a fim de ficar ocupado nos últimos dias de minha vida... Sim, podeis rir, podeis rir o quanto quiserdes! Mas não é possível meu senhor, que vos esquecestes de tudo isso... Sim, claro, entendo que não quereis vos lembrar de um homem velho como eu, isso só poderia trazer-vos preocupações... mas de qualquer forma sois o meu senhor, o meu senhor adorado... Talvez fostes um tantinho relaxado demais no passado... não me levai a mal!... É o que acontece no mais das vezes quando a carne é jovem... Mas ao final tudo pode ainda ficar bem!

140. No original "Jemini! Jemini!" composição aglutinativa das palavras latinas *Jesu* e *domini*. (N.T.)

Moor *(caindo ao seu pescoço, feliz)* – Sim, Daniel! Não quero mais continuar escondendo tudo! Eu sou o teu Karl, teu Karl que estava perdido! Mas onde está minha Amália?

Daniel *(principiando a chorar)* – Que a mim, velho pecador, ainda seja dada a alegria de... E saber que o saudoso senhor chorou em vão!... Mas agora tudo está bem! Fora, crânio embranquecido pelo tempo! Teus ossos acabados irão à tumba com alegria! Meu senhor e mestre ainda vive, meus olhos o viram!

Moor – E ele quer cumprir o que prometeu... Toma isso, velho grisalho e honrado, isso é pelo alazão tostado... *(Entrega-lhe uma bolsa pesada, obrigando-o a pegá-la.)* Eu não esqueci o velho homem.

Daniel – Como assim, que estais fazendo? É demais! Vós vos enganastes.

Moor – Não, não me enganei, Daniel! *(Daniel quer cair a seus pés.)* Levanta, dize-me onde está Amália?

Daniel – Isso é um presente de Deus! É um presente de Deus! Ai, senhor Jesus!... Vossa Amália, oh ela não sobreviverá, ela morrerá de tanta alegria!

Moor *(impetuosamente)* – Ela não me esqueceu?

Daniel – Esquecer? Que bobagens estais a falar de novo? Esquecer-vos?... Teríeis de estar junto, teríeis de ver com vossos próprios olhos como ela se portou ao receber a notícia de que vós havíeis morrido, que o magnânimo senhor mandou espalhar...

Moor – O que estás dizendo? Meu irmão mandou...

Daniel – Sim, vosso irmão, o magnânimo senhor, vosso irmão... outra hora conto mais a respeito disso, quando houver tempo para isso... E como ela lhe cortava a palavra quando ele se aproveitava de todos os dias que Deus concedeu a ela para pressioná-la com um contrato através

do qual queria obrigá-la a ser sua esposa... Oh, eu tenho de ir, tenho de ir, tenho de dizer a ela... levar-lhe a notícia. *(Quer sair.)*

Moor – Calma, calma! Ela não pode ficar sabendo de nada, ninguém pode ficar sabendo de nada, meu irmão também não...

Daniel – Vosso irmão? Não, claro que não, ele não pode saber de nada! De nada mesmo!... Se é que já não sabe mais do que deveria saber... Oh, eu vos garanto, há neste mundo pessoas hostis, irmãos hostis, senhores hostis... Mas nem por todo o ouro da terra eu queria ser um servo hostil ao meu senhor... O magnânimo senhor vos quer morto.

Moor – Hum! Que estás resmungando aí?

Daniel *(baixinho)* – Sim, quando a gente se anuncia assim, livremente, sem ser convidado, é bem isso que acontece... Vosso irmão foi e quer ser o único herdeiro dos bens de vosso saudoso pai...

Moor – Velho! Que murmuras aí, entre dentes, como se algum monstro de segredos estivesse pairando sobre a tua língua, sem querer sair quando deveria sair! Fale claro!

Daniel – Mas eu prefiro roer meus próprios ossos de tanta fome, prefiro beber a minha própria água de tanta sede a cometer um assassinato para viver bem. *(Sai rapidamente.)*

Moor *(exaltando-se depois de uma pausa assustada)* – Enganado, eu fui enganado! E isso perpassa a minha alma como a descarga de um raio... *Artes gatunas!* Céus e infernos! Tu não, meu pai! Artes gatunas! *Assassinos e bandoleiros* através de artes gatunas! E inventadas por ele! Falsificou, escondeu as minhas cartas... seu coração cheio de amor... E eu parecendo monstro quando era apenas estúpido... E um coração de pai cheio de amor... Oh,

patifaria, patifaria! E me custaria um tropeço apenas, tão somente uma lágrima... Oh, como fui bobo, bobo, bobo e estúpido! *(Jogando-se contra a parede.)* Eu poderia ter sido feliz... Oh, pilantragem, pilantragem! A felicidade de minha vida enganada por uma pilantragem! *(Corre de cima abaixo, tomado pela fúria.)* Assassinos, bandoleiros... E através das artes gatunas dele!... Ele não mostrou rancor sequer uma vez! Nem sequer um pensamento de maldição em seu peito... Oh, perverso! Perverso inconcebível, rastejante, abominável!

Chega Kosinski.

Kosinski – E então, capitão, onde estavas enfiado? Que está se passando? Percebo que queres ficar aqui por mais algum tempo.

Moor – Vamos! Arreia os cavalos! Temos de atravessar a fronteira ainda antes de o sol se pôr!

Kosinski – Estás brincando.

Moor *(ordenando)* – Pra já, depressa! Não fique aí, hesitando, deixa tudo como está e vai-te! E que ninguém veja o que estás fazendo. *(Kosinski sai.)*

Moor *(só)* – Eu fugirei destes muros. A mínima demora poderia me enfurecer e ele é o filho de meu pai... irmão, irmão! Tu me tornaste o mais miserável dos humanos sobre a terra e eu jamais te ofendi... Não agiste como irmão... Colhe os frutos de teu crime em paz, minha presença não deve estragar teu gozo por mais tempo... Mas fique certo disso, não agiste como irmão... Que a escuridão apague o teu crime para sempre e a morte não volte a revolvê-lo!

Kosinski, de volta.

Kosinski – Os cavalos estão arreados e vós podereis partir se quiserdes.[141]

Moor – Calma! Calma! Por que tanta pressa? Não posso vê-la ainda uma vez?

Kosinski – Posso desarriá-los se vós quiserdes... Mas havíeis me mandado pôr sebo nas canelas...

Moor – Só mais uma vez! Só um adeus! Tenho de beber o veneno desta ventura até o fim e aí... Espera, Kosinski! Dez minutos apenas... e aí nos encontramos aos fundos do pátio do castelo... e aí nos vamos daqui!

Quarta cena

No jardim.
Amália.

Amália – *Tu choras Amália?...* E ele o falou com uma voz! Com uma voz... Para mim foi como se a natureza se rejuvenescesse de repente... A primavera gozoza do amor pareceu brotar de novo em sua voz! O rouxinol cantou como no passado... as flores perfumaram como outrora... e eu estava deitada, cheia de langor e delícia ao seu pescoço... Ah, coração falso e infiel! Como queres enfeitar o teu perjúrio! Não, não, fora da minha alma, quadro injurioso... Eu não quebrei o meu juramento, tu foste o Único! Fora da minha alma, desejos traidores e infames! No coração onde Karl domina nenhum filho da terra pode fazer seu ninho... Mas por que a minha alma, contra a minha vontade, volta

141. As mudanças de tratamento são constantes na peça. Aqui, por exemplo (da segunda do singular anterior para a segunda do plural). No caso ela pode ser creditada ao temor respeitoso de Kosinski ao ver seu capitão tão desesperado. (N.T.)

sempre a se inclinar para esse estranho? Por que ele lembra tanto a figura do meu Único? Não é ele o acompanhante eterno do meu Único! *Tu choras, Amália?...* Ah, jamais quero voltar a vê-lo, jamais... Ele não deve aparecer diante de meus olhos nunca mais!

Moor, o bandoleiro, abre a porta do jardim.

Amália *(tomando tento)* – Silêncio! Silêncio! Não ouvi a porta do jardim rangendo? *(Ela se dá conta da presença de Karl e levanta de um salto.)* É ele? Para onde... O que... Eu estou grudada ao chão, como se tivesse criado raízes... Não consigo fugir... Não me abandoneis, Deus do céu!... Não, tu não arrancarás Karl de dentro de mim! Minha alma não tem espaço para duas divindades e eu sou uma pobre moça mortal! *(Ela tira do seio o retrato de Karl.)* Tu, meu Karl, serás meu gênio protetor contra esse estranho, esse intruso! Ver-te, ver-te assim fixamente... e não lançar nenhum olhar pagão ao outro. *(Ela senta, emudece, com os olhos cravados no retrato.)*

Moor – Vós aqui, magnânima senhorita?... E triste?... E uma lágrima sobre este retrato? *(Amália não lhe dá resposta.)*... E quem é o felizardo por quem os olhos de um anjo se marejam? Posso também eu conhecer este... *(Quer contemplar o retrato.)*

Amália – Não, sim, não!

Moor *(voltando atrás)* – Ahá!... E ele merece essa deificação? Ele merece?

Amália – Se vós o tivésseis conhecido!

Moor – Eu haveria de tê-lo invejado.

Amália – Adorado, quereis dizer.

Moor – Ahá!

AMÁLIA – Oh, vós haveríeis de gostar tanto dele... Havia tanta mas tanta coisa em seu rosto... em seus olhos... no tom de sua voz... que parece tanto com a vossa... que eu amava tanto...

(Moor fica em silêncio, fitando o chão.)

AMÁLIA – Aí, onde estais parado, ele parou mais de mil vezes... e ao lado dele aquela que ao lado dele esquecia do céu e da terra... Então o olhar dele cortava a imensidão distante, avaliando os arredores... E ela parecia sentir o olhar grandioso, gratificante e se enfeitava ao gosto de seu mestre... Aí ele mantinha preso os ouvintes dos ares com sua música celestial... Ali, naquela ramagem, ele colhia flores, e colhia as rosas para mim... Aí, bem aí, ele deitava ao meu colo queimando sua boca junto à minha enquanto as flores feneciam felizes sobre as nossas pisadas...

MOOR – E onde ele está agora?

AMÁLIA – Ele navega por mares impetuosos... e o amor de Amália navega com ele... Ele vagueia por desertos virgens, arenosos... e o amor de Amália torna verde a areia quente sob seus pés, fazendo florescer as ramagens secas e selvagens... A tarde quente chamusca sua cabeça desnuda, a neve do norte rebenta a sola de seus pés, o granizo violento cai em suas têmporas e o amor de Amália o embala no temporal... Há horizontes, mares e montanhas entre os amantes... mas suas almas escapam ao cárcere poeirento do corpo e se encontram no paraíso do amor... Pareceis estar triste, senhor conde?

MOOR – As palavras de amor ressuscitam também o meu amor.

AMÁLIA *(pálida)* – O quê? Vós amais outra?... Por mim, o que tenho a ver com isso... O que foi que eu disse?

MOOR – Ela me acredita morto e ficou fiel àquele que acredita morto... Depois ouviu que eu vivo e me sacrificou

sua coroa de santa...[142] Ela sabe que erro por desertos afora, que ando por todos os lados em desgraça e seu amor voa atravessando desertos e misérias ao meu encontro. Ela se chama Amália como vós, magnânima senhorita.

AMÁLIA – Como invejo vossa Amália.

MOOR – Oh, ela é uma moça infeliz! Seu amor é dedicado a alguém que está perdido, e jamais... jamais será recompensado.

AMÁLIA – Não, ela será recompensada no céu. Não se diz por acaso que existe um mundo melhor onde os tristes serão felizes e os amantes voltarão a se encontrar?

MOOR – Sim, um mundo onde os véus cairão e o amor voltará a se encontrar, assustando-se... *Eternidade,* é esse o seu nome... Minha Amália é uma moça infeliz.

AMÁLIA – Infeliz e vós a amais?

MOOR – Infeliz porque me ama! E como seria se eu fosse um assassino? Como seria, minha senhorita? E se o seu amado, para cada beijo que ela lhe deu, pudesse enumerar um crime? Ai, minha pobre Amália! Ela é uma moça infeliz.

AMÁLIA *(saltitando alegre)* – Ah, como eu sou uma moça feliz! Meu Único é um reflexo da divindade e a divindade é benevolência e piedade! Nem uma mosca ele podia ver sofrendo... Sua alma está tão longe de uma ideia sangrenta quanto está distante o meio-dia da meia-noite.

142. Refere-se, de maneira poética, ao véu de freira que Amália estava pronta a usar. Quando Franz ameaça Amália com o claustro – bem anteriormente – cria-se a expectativa de que a moça venha a se tornar freira, mas ela é frustrada quando Amália aparece vivendo normalmente no castelo do agora senhor Franz von Moor. Numa primeira versão da peça Schiller planejava levar de fato Amália ao claustro e a cena protagonizada por Spiegelberg na noite das freiras teria sido, em parte, desempenhada por Karl na libertação de Amália. (N.T.)

(Moor volta-se rapidamente, escondendo-se atrás de uma moita e mira os arredores, olhando fixamente.)

AMÁLIA *(canta e toca o alaúde.)*

Queres, Heitor, fugir para sempre de mim
Para o lugar onde o ferro de Aquiles
Homenageia Pátroclo com sacrifícios horríveis?
E no futuro quem irá a teus filhos ensinar
O manejo da lança e aos deuses honrar
Se o Xanto te engole às suas entranhas terríveis?

(Moor toma o alaúde calado e acompanha a música cantando.)

Cara mulher, vai, busca a lança mortal,
Deixa-me ir à dança da guerra fatal...
(Ele joga o alaúde para o lado e foge dali.)

QUINTA CENA

Numa floresta, ali perto. Noite.
No meio da cena, um velho castelo destruído.
Os bandoleiros estão acampados no chão.

OS BANDOLEIROS *(cantando.)*

Roubar, matar, putear, brigar
Para nós é tudo um passatempo.
Amanhã estamos pendurados à forca,
E nos divertimos enquanto é tempo.

Nós vivemos uma vida livre,
Uma vida cheia de delícia.
A floresta é o nosso quarto quando a noite vem,
A lua é o nosso sol,

Mercúrio[143] é nosso deus no arrebol
E ele nos ajuda muito bem.

Hoje nos convidamos a comer com frades,
Amanhã com gordos arrendatários.
O que vem depois, ah isso deixamos
Que o bom Deus do céu proveja,
Nem nos preocupamos.

E quando molhamos a garganta
No suco da uva suave e terno,
Tomamos coragem, nossa força se alevanta,
E nos amigamos com o irmão negro
Que queima lá embaixo, no inferno.

A dor do pai caído,
E da mãe o choro dolorido,
O gemido da noiva abandonada,
É banquete ao nosso ouvido!

Ahá! E quando eles estertoram sob nosso machado,
Gemendo feito vitelos, caindo como moscas,
Isso apenas faz cócegas ao nosso olho inchado,
E acarinha nosso ouvido atordoado.

E quando chegar a minha horinha
Que o carrasco me leve ao tablado,
Pois por aqui fui bem-recompensado.
Do filho quente da vinha
Um golinho ainda antes de ali chegar
E hurra, é como se eu fugisse dali, tri, lá, lá.

SCHWEIZER – Já é quase noite e nada do capitão!

143. Deus romano dos ladrões. (N.T.)

Razmann – E isso que prometeu estar conosco antes de soarem oito horas.

Schweizer – Se lhe aconteceu alguma coisa de ruim... Camaradas! Nós queimaremos e mataremos a criança.

Spiegelberg *(levando Razmann para o lado)* – Só uma palavrinha, Razmann.

Schwarz *(a Grimm)* – Não seria melhor mandar alguns espiões até lá?

Grimm – Espera, deixa-o! Ele haverá de fazer uma presa tão grande que sentiremos vergonha.

Schweizer – Aí é que te enganas, cáspite! Ele não saiu daqui como se estivesse disposto a aprontar alguma ou pregar alguma peça a alguém. Esqueceste do que ele disse, quando nos conduziu através da charneca?... "Quem roubar um só nabo destas terras e eu ficar sabendo, vai deixar sua cabeça por aqui e pode ter certeza disso tanto quanto meu nome é Moor." Não devemos roubar nada.

Razmann *(baixinho para Spiegelberg)* – E no que vai dar isso... Fale mais claro!

Spiegelberg – Pst! Pst!... Não sei quais são os teus ou os meus conceitos de liberdade para seguirmos puxando esta carroça como se fôssemos bois, e mesmo assim proclamar por todos os lados nossa independência... Isso não me agrada.

Schweizer *(a Grimm)* – O que será que esse cabeça de vento está matutando?

Razmann *(baixinho a Spiegelberg)* – Estás falando do capitão?

Spiegelberg – Pst, silêncio, eu já disse! Ele tem seus ouvidos abertos correndo por aqui... *Capitão*, tu disseste? Quem foi que o elegeu nosso capitão? Ele por acaso não usurpou esse título que, de direito, pertenceria a mim?...

Como? E é por isso que apostamos nossa vida... e desafiamos toda a boa vontade da sorte? Para ao fim poder dizer com orgulho que somos os servos de um escravo?... Sim, os servos de um escravo quando poderíamos ser príncipes... Por Deus, Razmann... Essa situação jamais me agradou.

Schweizer *(aos outros)* – Sim... Tu és para mim o herói certo, matar moscas a tiro, que bonito... Até mesmo o som de seu nariz quando ele se assoa te faria escapulir pelo buraco de uma agulha...

Spiegelberg *(a Razmann)* – Sim... E há anos que penso nisso... A coisa tem de mudar. Razmann... se tu de fato fores quem eu sempre pensei que és... Razmann... Eles já deram pela falta dele... consideram-no até praticamente perdido... Razmann... Tenho a impressão de que chegou a hora dele... Como? Tu sequer te enrubesces quando o sino da liberdade soa ao teu ouvido? Não tens nem coragem suficiente para entender um sinal ousado?

Razmann – Ahá, Satã! Onde é que tentas sufocar a minha alma?

Spiegelberg – Captaste a mensagem, pois?... Bom! Então eu sigo adiante. Eu cuidei para ver onde ele se metia... Vem! Raras são as vezes em que faltam duas pistolas, e aí... Sim, nós seremos os primeiros a estrangular a criança. *(Quer levá-lo junto, à força.)*

Schweizer *(puxa sua faca, em fúria)* – Ahá, besta! É bem a tempo que me fazes lembrar das florestas da Boêmia! Não foste tu o primeiro galinhão que tremeu a canela quando eles gritaram: O inimigo está aqui! Naquele dia jurei pela minha alma que... toma, assassino traiçoeiro e covarde! *(Ele crava-lhe a faca no peito, matando-o.)*

Os Bandoleiros *(em movimento)* – É morte! É morte! Schweizer... Spiegelberg... Separem-nos...

SCHWEIZER *(jogando a faca sobre o morto)* – Toma! É o teu fim... Calma, camaradas... Não ireis perder a vez na jogada por causa disso... Essa besta sempre disparou veneno contra o capitão e não tem sequer uma cicatriz no corpo todo... eu repito, ficai tranquilos... Ah, o covarde... Pelas costas quer difamar as pessoas, cuspindo veneno! Mas só pelas costas... Por acaso o suor transparente molhou as nossas faces, por termos de nos arrastar pelo mundo como se fôssemos canalhas infames? Sua besta! Por acaso nós rezamos sob o fogo e o fumo da batalha para morrer por último como os ratos?

GRIMM – Mas, com todos os diabos... camarada... o que vós tínheis um contra o outro?... O capitão haverá de ficar furioso.

SCHWEIZER – Deixa que eu me preocupe com isso... E tu, seu infame *(para Razmann)*, tu eras o ajudantezinho dele, não?... Põe-te longe de meus olhos, senão... O Schufterle fez a mesma coisa, mas agora ele está pendurado na Suíça por causa disso, exatamente como o meu capitão havia profetizado... *(Ouve-se um tiro.)*

SCHWARZ *(levantando de um salto)* – Silêncio! Um tiro de pistola! *(Ouve-se outro tiro.)* Mais um! Viva! É o capitão!

GRIMM – Tem paciência! Antes temos de ouvir o terceiro tiro! *(Ouve-se mais um tiro.)*

SCHWARZ – É ele... É ele! Não descarregue, Schweizer... Deixa que nós respondemos... *(Eles atiram.)*

Aparecem Moor e Kosinski.

SCHWEIZER *(correndo-lhes ao encontro)* – Sede bem-vindo, meu capitão... Eu fui um pouco indiscreto enquanto estiveste fora. *(Ele o dirige até o cadáver.)* Sê o juiz entre eu e ele... O sujeito queria te matar *pelas costas*.

OS BANDOLEIROS *(espantados)* – O quê? O capitão?

MOOR *(mergulhado na visão do morto, explode de repente)* – Oh, dedo incompreensível da vingativa Nêmesis![144] Não foi este o que trilou para mim a canção da sereia?[145] Oferece esta faca à despicadora sombria!... Não foste *tu* que o fizeste, não, Schweizer...

SCHWEIZER – Por Deus! Claro que fui eu que o fiz e, pelos diabos, isso não foi nem de longe a pior coisa que fiz em minha vida. *(Sai desgostoso.)*

MOOR *(reflexivo)* – Eu compreendo... Ordens divinas... Eu compreendo... As folhas caem das árvores... e meu outono está chegando...[146] Fazei com que este corpo suma daqui. *(O cadáver de Spiegelberg é levado embora.)*

GRIMM – Aguardamos vossas ordens, capitão... Que mais queres que nós façamos?

MOOR – Em pouco tempo... em pouco tempo estará tudo terminado... Deem-me o meu alaúde... Eu me sinto perdido, desde que estive lá... Eu disse, meu alaúde... Tenho de recobrar minhas forças... Deixem-me.

OS BANDOLEIROS – É meia-noite, capitão.

MOOR – Mas foram somente as lágrimas na casa teatral... Tenho de escutar a canção dos romanos, a fim de despertar de novo o meu gênio adormecido... Meu alaúde, tragam-no aqui... Dissestes meia-noite?

SCHWARZ – Acho até que já estamos bem perto da meia-noite. O sono pesa sobre nós como chumbo. Estamos há três dias sem pregar olho.

MOOR – Quer dizer então que o sono balsâmico também desce sobre os olhos dos patifes? Por que quereis fugir

144. Deusa grega da vingança. (N.T.)

145. As sereias da mitologia grega. Com seu canto maravilhoso e encantador atraíam os navegadores até que o navio se rebentasse junto aos rochedos. (N.T.)

146. Outra referência à leitura de Ossian no *Werther* de Goethe. (N.T.)

de mim? Eu nunca fui um covarde, ou um sujeito mau... ide dormir... Amanhã quando romper o dia seguiremos adiante.

Os Bandoleiros – Boa noite, capitão. *(Eles deitam-se ao chão e adormecem.)*

Silêncio profundo.

Moor *(pegando o alaúde e tocando.)*

Brutus[147]

Seja bem-vinda, campina pacífica![148]
O último dos romanos contigo leva!
Em Filipus,[149] na batalha terrífica,
Principiou furtiva a minha fuga cega.
Cassius, onde estás? Roma está perdida!
O exército fraterno jaz destroçado,
Minha morte é próxima e decidida!
Para Brutus não há mais mundo deste lado!

César

Quem, com o passo do invencível no escolho,
Vaga lá longe, junto ao rochedo?

147. Um dos assassinos de Júlio César. Júlio César tombou, vítima de uma conspiração organizada por Brutus e Cassius no ano 44. a. C. Ambos eram republicanos decididos e inimigos ferrenhos das ideias monárquicas de César. César tombou com 23 golpes de punhal e quando viu Brutus, seu predileto, entre os assassinos, pronunciou a célebre frase: Quosque tu, Brutus? (Até tu, Brutus?) As esperanças dos conspiradores não vieram a se concretizar, no entanto. Octaviano e Antônio declaram guerra a Brutus e Cassius e em Filipus aconteceu a batalha decisiva em que os republicanos foram derrotados. Cassius (que conduzia o "exército fraterno") mandou que um escravo o matasse e Brutus se suicidou pouco tempo depois com um golpe de espada no peito. (N.T.)

148. Refere-se ao Elísio. (N.T.)

149. Na batalha de Filipus (42 a. C.), conforme já foi dito, Brutus e Cassius foram vencidos por Otaviano e Antônio. O espírito de César teria aparecido no campo de batalha. (N.T.)

Ahá! Será que não mente o meu olho?
Aquele é o passo de um romano com medo.
Filho de Tibério, donde a tua viagem?
A cidade das sete colinas ainda existe?
Chorei tanto ao vê-la órfã[150] na paragem
Saber que ela jamais terá um César me deixou triste.

Brutus

Ah, tu com as vinte e três feridas!
Quem te chama, morto, à luz?
Para trás, volta à garganta de Orkus[151]
Orgulhoso chorão!... Não triunfarás!
Sobre o altar de ferro de Filipus
Corre o sangue da última vítima da liberdade,
Roma agoniza sobre o esquife de Brutus
Brutus parte a Minos...[152] Se atira na torrente, à vontade!

César

Oh, um golpe da espada de Brutus!
Até tu... Brutus... até tu?
Filho... ele foi teu pai... Filho... a terra
Teria caído em tuas mãos por herança eterna.
Vai... tu te tornaste o maior dos romanos,
Quando teu ferro adentrou o peito de teu pai;
Vai... e grita-o até aquelas portas, vai:
Brutus se tornou o maior dos romanos,
Quando seu ferro adentrou o peito de seu pai.
Vai... sabes bem o que as praias do Leta
Ainda me desterra...
Navegador negro[153] abandone a terra!

150. Com a morte de César, Roma ficou órfã e desamparada, ele quer dizer. (N.T.)

151. Em português, orco. Palavra latina e poética para a região dos ínferos. (N.T.)

152. Juiz e carrasco dos ínferos. (N.T.)

153. Caronte, o barqueiro dos ínferos. (N.T.)

Brutus

Espera, pai! Em todo o vasto mundo
Vim a conhecer apenas um guerreiro,
Semelhante ao grande César até o fundo,
E a este tu chamaste de filho primeiro.
Mas um César quis fazer Roma fenecer.
E Brutus cuidou, tramou, ficou à espreita.
Onde vive um Brutus, César tem de morrer,
Vai-te à esquerda e deixa que eu vá pela direita.

(Moor deita o alaúde ao chão e caminha para cima e para baixo, pensativo.)

Moor – E quem com fiador seria?... Está tudo tão sombrio... labirintos confusos... sem saída... sem um cérebro condutor... Se este último raio de alento significasse o fim... O fim como num teatro oco de marionetes... Mas e por que essa fome quente de bem-aventurança? Por que o ideal de alcançar uma completude inalcançada? O adiamento de planos incompletos?... Se o apertar inocente desta coisa inocente *(e segura a pistola ante o rosto)* iguala os sábios aos tolos... os covardes aos corajosos... e de miseráveis faz patifes?... Existe uma harmonia tão divina na natureza sem alma, por que este ruído maldito haveria de ser razoável?... Não! Não! É algo mais do que eu sinto falta, pois ainda não fui feliz.

Vós acreditais que eu irei tremer? Pelos espíritos daqueles que degolei! Eu não haverei de tremer! *(Tremendo violentamente.)* Vossos gemidos de morte carregados de medo... Vosso rosto negro de enforcado... Vossas feridas abertas e horríveis são apenas elos de uma corrente inquebrável do destino, e ao final das contas pendem da minha folga ao anoitecer, do humor de minhas amas e mordomos, do temperamento de meu pai, do sangue de minha mãe...

(Sacudido por um tremor.) Por que o meu Perilo fez de mim um boi, de modo que a humanidade é reduzida a cinzas no meu ventre em brasas?[154]

(Ele encosta a pistola ao crânio.) Tempo e eternidade... acorrentados um ao outro através de um só momento! Chave terrível, que fecha a prisão da vida assim que eu passo e antes de eu chegar destramela a morada da noite eterna... Dize-me... oh, dize-me... para onde... para onde queres me levar?... Terra estranha, jamais percorrida!... Vede, a humanidade estarrece ante este quadro, a energia do Enfim cede e a fantasia, o macaco teimoso dos sentidos, faz joguetes entretendo nossa confiabilidade com sombras singulares... Não! Não! Um homem não tem de tropeçar... Que seja como queres, *Além* sem-nome... E só permanece fiel a mim, este *mim mesmo*... Que seja como queres, contanto que eu possa pelo menos levar a *mim mesmo* junto para lá... Coisas exteriores são apenas a demão do homem... *Eu* sou meu céu e meu inferno.

E se Tu me deixares *sozinho* num círculo mundano qualquer e reduzido a cinzas, que tu expulsaste para longe de teus olhos, onde a noite solitária e o deserto eterno serão minha única vista?... Então eu haveria de povoar o calado vazio com minhas fantasias e teria a eternidade por limite até conseguir dilacerar o quadro confuso da miséria geral... Ou queres, através de nascimentos sempre renovados e através de lugares sempre novos para contemplar a miséria... me conduzir... passo a passo... à aniquilação? Não poderei rebentar os fios da vida que me atarão do outro lado com a mesma facilidade que rebento este?... Tu podes me reduzir a nada... Mas esta liberdade Tu não podes me

154. No século VI antes de Cristo o fundidor-mor Perilo (Perilaos) fabricou para o tirano Phalaris do Agrigento um touro de bronze, no estômago do qual eram sacrificados os condenados ao pôr-se fogo sob o animal. O mesmo Perilo é referido na poesia de Schiller entitulada *Rousseau*, escrita em homenagem ao filósofo e romancista francês. (N.T.)

tomar. *(Ele carrega a pistola, mas de repente para.)* Será que devo morrer por medo a uma vida cheia de tormentos?... Será que devo conceder à desgraça a vitória sobre mim?... Não! Eu quero suportar! *(Atira a pistola longe.)* Os tormentos afrouxam ante o meu orgulho! Eu quero completar o meu trabalho.[155]

Tudo fica paulatinamente mais escuro.
Herrmann chega caminhando pela floresta.

Herrmann – Silêncio! Silêncio! É horroroso o uivo da coruja... E tocam doze horas lá longe, na aldeia... Bem, bem... A rapaziada já dorme... Ninguém escutando por perto. *(Chega ao castelo e bate à porta.)* Vem cá, para fora, homem lamentoso, morador da torre!... Tua comida está pronta.

Moor *(voltando atrás, devagar)* – O que significa isso?

Uma voz *(falando de dentro do castelo)* – Quem bate aí? Hein? És tu, Herrmann, meu corvo?[156]

Herrmann – Sim, é Herrmann, teu corvo. Sobe até aqui, junto à grade, e come! *(Ouve-se o pio das corujas.)* Tuas camaradas de sono trinam terrivelmente, velho... Gostaste?

A voz – Matou minha fome. Eu te agradeço corvo emissário do maná no deserto!...[157] E como está minha querida criança, Herrmann?

Herrmann – Silêncio... Escuta... São ruídos como se tivesse alguém roncando por aqui! Não estás escutando nada?

155. Este monólogo já foi comparado, por várias vezes, ao célebre monólogo de Hamlet. Ao contrário de Hamlet, no entanto, Karl Moor reforça o livre-arbítrio, a força condutora da vontade. Esta acaba escolhendo a vida por ter a consciência da liberdade. Tudo claro na frase: "Os tormentos afrouxam ante meu orgulho!" (N.T.)

156. Referência bíblica ao corvo que levava comida ao profeta Elias, no deserto. (N.T.)

157. Comparar com Reis I, Cap. 17, Vers. 4 e seguintes. (N.T.)

A voz – Como? Tu estás escutando alguma coisa?

Herrmann – Deve ser o ruído suspiroso do vento através das frestas da torre... Uma música noturna que faz a gente bater os dentes e nos deixa brancos de susto... Escuta, mais uma vez... Continua parecendo um ronco... Tu tens companhia, velho... Ai, ai, ai!

A voz – Estás vendo alguma coisa?

Herrmann – Adeus... Adeus... Horrorosa é esta mansarda... Volta ao teu buraco... Aquele que te ajuda, teu vingador está lá... Filho amaldiçoado! *(Quer fugir.)*

Moor *(aproximando-se horrorizado)* – Parado!

Herrmann *(gritando, assustado)* – Oh, meu Deus!

Moor – Parado, eu disse!

Herrmann – Ai, ai, ai, pobre de mim! Agora está tudo descoberto!

Moor – Pare com isso! Fale! Quem és tu? Que estás fazendo aqui? Fale!

Herrmann – Misericórdia, misericórdia, oh, rigoroso senhor... Deixai que que eu diga só uma coisa antes de vos decidirdes a matar-me.

Moor *(enquanto arranca a espada)* – E o que tens a me dizer?

Herrmann – Vós fizeste bem em me proibir enquanto fosse vivo... Mas eu não pude agir de outro modo... não me deixaram... por Deus do céu... Vosso amado pai, lá... eu lamento tanto... Eis o meu peito, atravessai-me com a espada!

Moor – Há um mistério nisso tudo... Fora com ele! Fale! Eu quero saber de tudo!

A voz *(de dentro do castelo)* – Ai, dor! Dor! És tu, Herrmann, que estás falando aí? Com quem estás falando, Herrmann?

Moor – E lá embaixo há mais alguém... O que está se passando? *(Corre em direção à torre.)* É um prisioneiro, expulso do mundo dos homens... Eu quero rebentar suas correntes... Voz! Grite mais uma vez! Onde está a porta?

Herrmann – Oh, tende misericórdia, senhor... Não segui adiante, senhor... Ide embora daqui, por misericórdia. *(Para à sua frente, impedindo sua passagem.)*

Moor – Trancado a quatro ferrolhos! Saia daqui... Ele tem de sair... Agora, *pela primeira vez*, vem em minha ajuda, artimanha da *ladroagem*! *(Ele toma alguns instrumentos pesados nas mãos e abre a porta da cela. Do chão, levanta-se um velho, encarquilhado como um esqueleto.)*

O velho – Misericórdia por um desgraçado! Misericórdia!

Moor *(voltando num salto, assustado)* – Mas esta é a voz de *meu pai!*

O Velho Moor – Eu vos agradeço, Deus dos céus. A hora da salvação chegou.

Moor – Espírito do velho Moor! O que foi que perturbou teu sono na cova?[158] Arrastaste um pecado para o mundo de lá que veio a te trancar as portas do paraíso? Eu mandarei rezar missas para que teu espírito errante possa ser mandado ao lugar de seu destino. Enterraste o ouro dos órfãos e das viúvas e agora estás em busca dele, capengando uivante pela noite a essa hora tardia? Eu posso arrancar este tesouro ínfero das garras do dragão encantado, mesmo que ele jogar sobre mim cem chamas de fogo e atracar seus dentes afiados à minha espada... Ou vens para revelar-me os mistérios da eternidade? Fala, fala! Eu não sou homem de sentir medo.

O Velho Moor – Não sou um espírito. Podes me tocar, eu vivo... oh, uma vida miserável e digna de pena!

158. Outra ressonância hamletiana e dessa vez direta. O velho pai do príncipe também "volta" para revelar o crime de um parente. (N.T.)

Moor – O quê? Tu não foste enterrado?

O Velho Moor – Sim, eu fui enterrado... Ou seja, um cão morto jaz na tumba de meus antepassados. E eu... por três luas cheias estou jogado nesta cela escura e subterrânea, sem que sequer um raio de luz me alcance, sem que um arzinho quente me alivie, sem que um amigo me visite, onde corvos selvagens crocitam e os uhus das corujas rebentam a noite...

Moor – Céus e terra! Quem foi que fez isso?

O Velho Moor – Não o amaldiçoe!... Isso foi meu filho Franz quem fez.

Moor – Franz! Franz! Oh, caos eterno!

O Velho Moor – Se és homem, se tens um coração humano, meu salvador, a quem eu não conheço, oh, então escuta o lamento de um pai, que sofre por causa de seus filhos... Por três luas eu sussurrei tudo às paredes de pedra surdas, mas o eco apenas fez macaquear meus lamentos com sua voz cava. Por isso, se fores homem e tiveres um coração humano...

Moor – Esta intimação vai acabar chamando as bestas selvagens de seus buracos!

O Velho Moor – Eu estava deitado em minha cama de enfermo e mal começara a recuperar minhas forças depois de uma doença grave quando conduziram até mim um homem que anunciava a morte de meu primogênito na batalha. Trazia consigo uma espada, tingida com seu sangue e seu último adeus, dizendo que minha danação o havia levado à batalha, à morte e ao desespero.

Moor *(desviando-se dele impetuosamente)* – Agora está tudo claro!

O Velho Moor – Escutai adiante! Eu estava impotente ante a mensagem. Devem ter me tomado por morto, pois quando voltei a mim, já estava deitado no esquife,

envolto no manto mortuário como um falecido. Arranhei na tampa do esquife. Ela estava aberta. Era noite escura e vi meu filho Franz parado diante de mim... O quê? Ele gritou com voz horrorizada, queres viver eternamente?... E logo a tampa do esquife foi fechada com força sobre mim. O trovão destas palavras roubou meus sentidos e quando voltei a despertar senti que era levado junto com o esquife sobre um carro, durante cerca de meia hora. Quando finalmente o abriram... eu estava à entrada desta cela, meu filho ante mim, e junto com ele o homem que havia me trazido a espada ensanguentada de Karl... Dez vezes abracei seus joelhos, pedindo, implorando, enquando voltava a abraçá-lo, jurando... O clamor de seu pai não alcançou seu coração de filho... Abaixo com o despojo! ele gritou, trovejando. Ele já viveu o suficiente... E eu fui jogado abaixo, sem misericórdia, e meu filho Franz trancou a porta atrás de mim.

Moor – Não é possível, não é possível! Deveis estar enganado! Não pode ser verdade!

O Velho Moor – Não, não posso ter me enganado. Escutai adiante, mas não vos zangueis por causa disso!... E assim fiquei deitado durante vinte horas, sem que alguém pensasse em minhas necessidades. Também é preciso dizer que jamais um homem pisou neste vazio enquanto aqui estive e, segundo reza a lenda, o fantasma de meus pais arrastam suas correntes nestas ruínas, cantando sua canção de morte à hora da meia-noite. Mas enfim ouvi a porta ser aberta novamente, e este homem me trouxe pão e água revelando-me que eu havia sido condenado à morte de fome e dizendo que punha sua vida em perigo ao sair para fora a fim de me trazer a comida. E assim fui sustentado através de suas preocupações durante este longo tempo, mas o frio incessante... o ar podre à minha volta... a aflição

ilimitada... Minhas forças sucumbiram, meu corpo se entregou, mil vezes pedi a Deus, entre lágrimas, que me desse a benção da morte, mas o seu castigo ainda não deve estar completo... Ou talvez alguma alegria remota espere por mim depois de ter me mantido vivo milagrosamente por tanto tempo. Mas eu sofro com justiça... Meu Karl! Meu Karl!... E ele ainda nem tinha grisalhos os cabelos.[159]

Moor – Chega, basta! Levantem! Suas toras de madeiras! Suas barras de gelo! Seus dorminhocos irremediáveis e insensíveis! Vamos, levantem! Ninguém quer acordar? *(Dispara um tiro de pistola sobre os bandoleiros, que dormem profundamente.)*

Os Bandoleiros *(levantando-se às pressas)* – Ei, hurra! Hurra! O que está acontecendo!

Moor – A história não conseguiu vos arrancar da soneca? O sono eterno teve de ser interrompido! Vinde cá ver! Vinde cá ver! As leis do mundo viraram um jogo de dados e o cordão da natureza foi dividido ao meio. A velha discórdia voltou a devastar, o filho derribou seu pai.

Os Bandoleiros – O que foi que o capitão disse?

Moor – Não, não derribou! Está palavra é muito amena!... O filho martirizou, espetou, torturou, refugou seu pai mil vezes! Estes verbos me parecem demasiado humanos... e os pecados enrubescem à frente deles, os canibais tremem ao seu contato e sobre eles os diabos não pousam há eras... Oh, o filho fez seu próprio pai... Vinde ver! Vinde ver! Ele caiu desmaiado... Nesta cela o filho jogou seu pai... Gelo...

159. Com esta cena, Schiller firma o ponto culminante imediatamente anterior ao desenlace trágico. Já desde a primeira encenação da peça, no ano de 1782, segundo a notícia testemunhal de um espectador, o teatro, nessa cena, assemelhava-se a uma "casa de loucos" e o público se mostrava de "olhos arregalados" e "punhos cerrados", gritando com "voz rouca". "Pessoas estranhas caíam umas aos braços das outras soluçando" e "mulheres desmaiavam". Tudo em testemunho da força titânica de Schiller, que estica a atrocidade até que ela rebente. (N.T.)

nudez... fome... sede... oh, vede, vede o que restou!... É o meu próprio pai, eu só quero dizer, é o meu próprio pai.

Os Bandoleiros *(correm até ali cercando o velho, desmaiado)* – Teu pai? Teu pai?

Schweizer *(aproxima-se cheio de respeito, caindo a seus pés)* – O pai do meu capitão! Beijo-te os pés! Tu tens comando sobre o meu punhal!

Moor – Vingança, vingança, quero vingança! Pobre velho, injuriado e maculado sem dó nem piedade! Assim rebento para sempre o cordão fraternal! *(Ele rasga sua vestimenta de cima abaixo.)* Assim amaldiçoo toda a gota de sangue fraterno rosto a rosto com o céu aberto! Escutai-me, astros e lua! Escuta-me, céu da meia-noite! Tu que olhas para baixo e vês as injúrias que aqui se cometem! Escuta-me Deus três vezes terrível, que imperas lá em cima, sobre a lua, e vingas e condenas sobre as estrelas, chamejando na noite! Aqui me ajoelho... aqui estico à frente os três dedos furando o tremor da escuridão... Aqui juro, e que a natureza me vomite para fora de seus limites como uma besta malvada se eu ferir este juramento... aqui juro não cumprimentar mais a luz do dia até que o sangue do parricida se derrame sobre estas pedras, evaporando ao sol. *(Ele levanta-se.)*

Os Bandoleiros – Isso é uma peça digna de Belial![160] E são capazes de dizer que nós somos canalhas! Não, com todos os dragões! Nossas pálidas ações jamais chegaram perto de ser tão gritantes e coloridas!

Moor – Sim! E por todos os gemidos terríveis daqueles que outrora morreram através de vossos punhais, aqueles que a minha chama engoliu e a minha torre explodida aniquilou... Nenhum pensamento de morte ou de roubo

160. Um deus dos Fenícios, daí, por extensão e devido aos sacrifícios humanos que aquele povo praticava, um dos nomes do Diabo, no Novo Testamento. (N.T.)

deve achar lugar em vosso peito antes de vossas roupas todas estarem marcadas de escarlate pelo seu sangue desprezível... E isso vós jamais sonhastes... jamais sonhastes ser o braço de altas majestades, não? O novelo confuso de nosso destino desenrolou-se! Hoje, hoje um poder invisível enobreceu nossa atividade! Rezai ante aquele que vos deu este destino sublime, aquele que vos conduziu até aqui, aquele que vos honrou a ser os anjos terríveis de sua justiça sombria! Desnudai vossas cabeças! Ajoelhai ao pó e levantai-vos redimidos! *(Eles ajoelham.)*

Schweizer – Ajoelhados, capitão! O que nós devemos fazer?

Moor – Levanta, Schweizer! E toca estes anéis sagrados. *(Ele o dirige até seu pai, pondo-lhe um dos anéis de seus cabelos na mão.)* Ainda te lembras como outrora partiste ao meio a cabeça daquele cavalariano boêmio quando ele acabava de menear o sabre por cima de minha cabeça, enquanto eu caía sobre os joelhos esgotado e sem respiração por causa do combate? Naquele dia te prometi uma recompensa, uma recompensa real, e até hoje não havia conseguido pagar minha dívida...

Schweizer – Sim, tu me juraste, é verdade, mas prefiro te chamar eternamente de meu devedor!

Moor – Não, agora eu quero pagar. Schweizer, nenhum mortal jamais foi honrado como tu serás honrado agora!... Vinga meu pai! *(Schweizer levanta-se.)*

Schweizer – Grande capitão! Hoje, pela primeira vez, fizeste com que eu me sinta orgulhoso!... Onde, como, quando devo matá-lo?

Moor – Os minutos estão contados, tu tens de agir rápido... Escolhe os mais nobres dentre o bando e leva-os contigo direto ao castelo do senhorio! Tira-o da cama se ele estiver dormindo ou jogado aos braços da volúpia, arrasta-o do

banquete se ele estiver bêbado, arranca-o do crucifixo se ele se atirar rezando a teus pés! Mas quero arrancar, aos pedaços, a carne daquele que tão só lhe furar a pele ou tocar um de seus cabelos e dá-la de comer a urubus famintos! Quero tê-lo inteiro e se o trouxeres vivo e inteiro receberás um milhão de recompensa, nem que eu tiver de pôr minha vida em perigo para roubá-lo a um rei, e também poderás sair livre daqui, como o ar longínguo... Se me entendeste, apressa-te e vai!

Schweizer – Basta, capitão... Aqui tens a minha mão em promessa: ou verás dois voltando ou não verás nenhum. Anjos exterminadores de Schweizer, vinde! *(Sai com uma esquadra de bandoleiros.)*

Moor – Vós, os restantes, espalhai-vos pela floresta... Eu fico aqui.

QUINTO ATO

Primeira cena

Uma vista apresentando vários quartos. Noite escura. Daniel aparece com uma lanterna e trouxa de viagem.

Daniel – Adeus, caríssima casa materna... Gozei tanta coisa boa e agradável dentro de ti quando o saudoso senhor ainda era vivo... Lágrimas por teus ossos, tu, que apodreceste há tanto! Isto é o que te deve um velho criado... Esta casa era o telhado dos órfãos, o portão dos abandonados e aquele filho a transformou numa gruta assassina... Adeus, solo bondoso! Quantas vezes o velho Daniel te varreu e te limpou... Adeus, lareira querida, o velho Daniel se despede de ti... Tudo era tão confiável perto de ti... Isso haverá de te doer, velho Eliézer![161] Mas Deus me preservará em benção ante a traição e a esperteza dos maus... Vim para cá vazio... e vazio saio daqui... mas minha alma está salva.

Quando ele quer sair, Franz aparece correndo em vestimentas noturnas.

Daniel – Deus esteja comigo! Meu senhor! *(Apaga a lanterna.)*

Franz – Traição! Traição! Espíritos espiando de suas covas... O reino dos mortos se aproxima em solavancos e do sono eterno ouço gritarem contra mim: Assassino! Assassino!... Quem se move aí?

161. Velho criado de Abraão. Moisés, Cap. 15, Vers. 2. (N.T.)

Daniel *(com medo)* – Ajudai-me, Mãe Santíssima que estais nos céus!... Sois vós, rigoroso senhor, que atravessais a abóbada gritando a ponto de acordar todos os que dormem?

Franz – Que dormem? O que significa dormir para vós? Vamos, acenda a luz! *(Daniel sai e chega um outro criado.)* Ninguém deve dormir nesta hora. Estás escutando? Tudo deve acordar... em armas... todas as espingardas devem ser carregadas... Viste-os se aproximarem lá longe, na curva do caminho?

Criado – Quem, magnânimo senhor?

Franz – Quem, seu imbecil, quem? E perguntas de maneira tão fria, tão despreocupada, quem? Aquilo me tocou como uma vertigem! Quem, cabeça de asno! Quem? Espíritos e demônios! A que horas da noite estamos?

Criado – O guarda noturno acabou de anunciar duas horas.

Franz – O quê? Haverá de durar esta noite até o Juízo Final? Não escutaste nenhum tumulto nas proximidades? Nenhum grito de triunfo? Nenhum ruído de cavalos a galope? Onde está Ka... o conde, se é que eu posso saber?

Criado – Eu não sei, meu senhor.

Franz – Tu não sabes? Tu também estás entre a turba? Eu quero arrancar teu coração do meio das costelas e pisoteá-lo aos pés! Esse teu amaldiçoado eu não sei! Vamos, busca o pastor!

Criado – Magnânimo senhor!

Franz – Estás resmungando? Estás titubeando? *(Os primeiros criados aparecem correndo.)* O quê? Também os mendigos estão conjurados contra mim? Céus e inferno! Tudo está conjurado contra mim?

Daniel *(aparece com a luz)* – Meu senhor...

Franz – Não! Não estou tremendo! Foi só um sonho. Os mortos não voltam a levantar-se... Quem disse que estou tremendo, que estou pálido? E, no mais, eu me sinto tão leve, tão bem...

Daniel – Vós estais mortalmente pálido, vossa voz parece receosa e gaguejante.

Franz – Eu tenho febre. E peço que fales, quando o pastor chegar, que estou com febre. Fala também que amanhã vou deixar sangrar uma veia para ver se melhoro.

Daniel – Quereis que eu deixe pingar bálsamo-tranquilo em vosso açúcar?

Franz – Sim, pingue bálsamo em meu açúcar! O pastor não chegará por aqui tão cedo. Minha voz está receosa e gaguejante, sim, pingue bálsamo no açúcar!

Daniel – Primeiro tendes de me dar a chave, pois tenho de pegá-lo lá embaixo, no armário...

Franz – Não, não, não! Fica! Ou eu vou contigo. Não vês que não posso ficar sozinho! Quão facilmente eu poderia, tu vês que eu poderia... desmaiar... se ficasse aqui sozinho. Deixa pra lá! Deixa pra lá! Isso haverá de passar, fica aqui comigo!

Daniel – Oh, vós estais *seriamente* doente!

Franz – Sim, é verdade, é verdade! E isso é tudo... E a doença perturba o cérebro e incuba sonhos tolos e mágicos... Sonhos não significam nada...[162] não é verdade, Daniel? Os sonhos, sabe-se, vem do estômago e não significam nada... E eu acabei de ter um sonho bem engraçado. *(Ele deixa-se cair ao chão, desmaiando.)*

162. Antecipação magnífica, fulgurante e passageira das teses de Freud. Ao dizer que o sonho não significa, Franz sabe que ele significa e foge a ele, intimidado, paranoico, perseguido, adotando uma posição defensiva que também viria a ser esclarecida por Freud. (N.T.)

Daniel – Jesus Cristo! O que é isto? Georg! Konrad! Bastian! Martin! Deem sinal de vida! Onde estais? *(Sacundindo-o.)* Maria, Madalena e José! Volte à razão, por favor, volte! Vão dizer que fui eu que o matei... Deus tenha piedade de mim!

Franz *(confuso)* – Saia daqui... saia! Por que me sacodes desse jeito, esqueleto terrível?... Os mortos ainda não se levantaram...

Daniel – Oh, suprema bondade! Ele perdeu o juízo.

Franz *(endireitando-se, completamente pálido)* – Onde estou?... És tu, Daniel? O que foi que eu disse? Não dá atenção ao que eu disse!... Foi apenas um ataque de vertigem... porque eu... porque eu... não dormi o suficiente.

Daniel – Se pelo menos Johann estivesse aqui! Preciso buscar ajuda, tenho de chamar os médicos.

Franz – Fica! Senta-te ao meu lado, sobre este sofá... Assim... Tu és um homem direito, um homem bom. Conta-me o que eu disse!

Daniel – Agora não, em outra ocasião! Vou levar-vos para a cama, o descanso é melhor para vós.

Franz – Não, eu te peço, conte-me tudo e podes te matar rindo de mim!... Sabe, eu tive a impressão de estar dando um banquete real, que meu coração estava tomado de bondade e eu me encontrava deitado sobre a grama do jardim... De repente... era à hora do meio-dia... de repente... e eu vou dizer-te tudo, podes te matar rindo de mim!...

Daniel – De repente?

Franz – De repente um trovão monstruoso alcançou meu ouvido a dormitar, eu levantei-me cambaleando e vejo, sim foi o que eu vi... vejo o horizonte inteiro em chamas, montanhas e cidades e florestas... tudo queimava e derretia como cera ao fogo e um vento uivante e terrível arrastava o fogo ao mar, ao céu, por toda a terra... Aí escutei um

troar que parecia o de uma trombeta de bronze: Terra, me dá teus mortos, me dá teus mortos, mar! E a campina nua parecia sentir as dores do parto ao lançar para fora crânios e costelas e queixadas e fêmures, que se juntavam em corpos humanos e corriam por aí imensos, ilimitados, semelhantes a um furacão vivo... Naquele momento eu olho para a frente e vejo que estava aos pés do trovejante Sinai,[163] ouvindo o bulício sobre e abaixo de mim, enquanto lá em cima, no cúmulo do monte, estavam sentados três homens sobre cadeiras de fumaça, à visão dos quais fugia a criatura...

Daniel – Mas isto é o retrato mais vívido do Juízo Final.

Franz – Não é verdade? Isto é uma peça falta de sentido?... Aí então apareceu o Primeiro, semelhante à estrela da noite. Trazia nas mãos um anel de ferro e o segurava entre o princípio e o fim falando: eterno, santo, justo, infalsificável! Só existe *uma* verdade, só existe *uma* virtude! Ai do verme que duvidar! Pobre dele!... Depois disso apareceu um Segundo, que tinha nas mãos um espelho a soltar raios. Ele o segurou entre o princípio e o fim dizendo: este espelho é a verdade; hipocrisia e máscara não perdurarão... Aí eu me assustei e todo o povo... nós víamos gente com rosto de cobra, gente com rosto de tigre e gente com rosto de leopardo... foi jogado fora do espelho horroroso... Aí então apareceu um Terceiro que tinha nas mãos uma balança de bronze. Ele a segurou entre o princípio e o fim e disse: vinde cá, filhos de Adão... eu peso os pensamentos no invólucro de meu ódio! E as obras com o peso da minha ira!...

Daniel – Deus tenha piedade de mim!

Franz – Todos estavam parados ali, brancos como a neve, a espera batia angustiada em cada peito... De repente

163. O monte onde estava Moisés quando Deus lhe falou (os dez mandamentos). (N.T.)

senti que gritavam meu nome por primeiro, lá longe, do temporal das montanhas, e o tutano se congelou dentro de meus ossos e meus dentes bateram alto. Logo a balança começou a tilintar, as pedras a trovejar, enquanto as horas passavam, uma após outra, marcadas no prato pendurado à esquerda... e cada uma das horas jogava sobre o prato um pecado mortal...

Daniel – Oh, Deus tende piedade de vós!

Franz – Mas ele não teve!... O prato se encheu, crescendo a ponto de se tornar uma montanha, mas o outro, cheio do sangue da reconciliação e do perdão ainda o mantinha alto, seguro nos ares... Por último apareceu um velho homem, profundamente encurvado pela idade, mordendo o próprio braço, assaltado pela fome... Todos os olhos se desviaram do homem, tímidos; e eu conhecia o homem, ele cortou um anel de seus cabelos prateados jogando-o abaixo, ao prato dos pecados, e eu vi o prato afundar, afundar de repente ao abismo enquanto o prato da reconciliação voava pelos ares!... Então ouvi uma voz soar em meio à fumaça das rochas: Piedade, piedade a todo pecador da terra e do abismo! Tu estás condenado sozinho!... *(Pausa profunda.)* Então, pois, por que não ris?

Daniel – Como eu poderia rir se minha pele se eriça? Os sonhos vêm de Deus.

Franz – Eca, arre! Que coisa! Não dize isso! É melhor que me chames de insensato, de insensato desvairado e falto de gosto! Faze isso, querido Daniel, eu te peço! Sê capaz! Faze troça de mim, eu peço!

Daniel – Os sonhos vêm de Deus. Vou rezar por vós.

Franz – Tu te enganas, eu disse... Vai-te agora mesmo, neste instante, corre, voa, procura o pastor. Dize-lhe que se apresse, que venha logo, mas eu te asseguro, tu estás enganado.

Daniel *(ao sair)* – Que Deus seja magnânimo convosco!

Franz – É a sabedoria do populacho, o medo do populacho!... Ainda não está certo, claro... se o passado não é passado ou se um olho o encontra sobre as estrelas... Hum, hum! Quem foi que me sussurrou isso ao ouvido? Por acaso há alguém que vinga, lá longe, sobre as estrelas?... Não, não!.... Sim, sim! Há zumbidos terríveis à minha volta... Será que alguém julga, lá longe, sobre as estrelas? Ainda esta noite irás ao encontro daquele que vinga e está sobre as estrelas! Não, eu já disse... Esconderijo miserável este atrás do qual tua covardia quer dissimular-se... lá longe, sobre as estrelas é deserto, solitário, surdo... mas e se, em todo caso, existisse alguma coisa mais? Não, não, não existe nada! Eu ordeno, não existe nada! Mas e se existisse mesmo assim? Ai de ti se fosse verificado bem! Ai de ti se fosses contado ainda esta noite!... Por que me sinto tremer assim, até os ossos? Prestar contas ao vingador lá longe, sobre as estrelas... e se ele for justo, órfãos e viúvas, oprimidos e espoliados gemem para ele... e se ele for justo?... Por que eles sofreram, por que tu triunfaste sobre eles?...

Pastor Moser[164] *aparece.*

Moser – Vós mandaste me chamar, magnânimo senhor. Estou surpreso. A primeira vez em minha vida toda! Por acaso pretendeis fazer troça da religião ou começais a tremer ante ela?

Franz – Troçar ou tremer, depende de qual for tua resposta... Escuta, Moser, quero te mostrar que és um tolo ou que pensas que o mundo é tolo, e tu terás de me responder. Escutaste? Deves me responder jurando por tua vida.

164. O nome do pastor é uma referência a Philipp Ulrich Moser (1720-1792), professor de Schiller e pastor em Lorch. Moser era uma personalidade sábia e sensível, além de sermonista arrebatador. Deixou profundas impressões no jovem Schiller. Segundo Reinhard Buchwald, biógrafo de Schiller, foi o pastor quem deu ao ideal de vida do autor o primeiro exemplo. (N.T.)

Moser – Estais desafiando alguém bem alto de vossa cadeira de juiz. E ele haverá de vos responder qualquer hora dessas.

Franz – Quero sabê-lo agora, agora, neste instante, a fim de não cometer a loucura perniciosa e, no ímpeto da necessidade, chamar os ídolos do populacho... E eu já te disse com ironia várias vezes ao sentir o borgonha[165] me aquecer: Deus não existe!... Agora estou falando sério contigo e volto a dizer: Não existe Deus nenhum! Tu deves me replicar usando de todas as armas que tiveres em teu poder, mas eu as soprarei para longe com um simples hausto de minha boca.

Moser – Se tu pudesses, da mesma forma, soprar com tanta facilidade o trovão que cairá sobre a tua alma orgulhosa, pesando dez mil vezes o peso de um quintal![166] Ah, esse Deus que tu, em tua loucura e maldade, reduzes a nada em meio a sua criação, não precisa tomar justiça através da boca daquele que vai virar pó. Ele é igualmente tão grande em tuas tiranias, quanto em qualquer sorriso da virtude triunfante.

Franz – Incomumente bom, frade! Assim é que eu gosto.

Moser – Eu estou aqui defendendo a posição de um senhor mais alto, maior, e falo com outro que é tão verme quanto eu, ao qual não penso em agradar. Na verdade eu teria de ser capaz de fazer milagres se eu pretendesse mudar algo em tua maldade teimosa e dura como carne de pescoço... Mas se tua convicção é tão firme, por que mandas me chamar? Dize-me, por que me mandaste chamar no meio da noite?

Franz – Por que me sinto aborrecido e nem no tabuleiro de xadrez acho gosto. Quero fazer uma brincadeira e me

165. Vinho da Borgonha, região da França. (N.T.)

166. *Zentner,* em alemão. Antiga unidade de medida de peso, equivalente a quatro arrobas, ou seja, 58,758kg. (N.T.)

digladiar com fradecos por aí. Com sustos vazios não haverás de advertir minha coragem. Eu sei bem que aquele que acabou de chegar aqui tem esperanças em relação à vida eterna, mas ele será enganado miseravelmente. Eu li que o nosso ser não é nada mais do que o pulsar do sangue, e com a última gota de sangue vão-se também espírito e pensamento. Esse mesmo sangue participa de todas as fraquezas do corpo, será que também não cessará quando ele for destruído? Que não evaporará quando ele estiver deteriorado? Deixa uma simples gota de água errar por teu cérebro e tua vida fará uma pausa repentina, que está bem próxima das fronteiras do não ser e cuja continuidade é a morte. A sensação é apenas o toque de algumas cordas e o piano destruído já não entoa mais. Se eu mandar demolir meus sete castelos, se eu abater essa Vênus, então *era uma vez* a simetria e a beleza. Vê, ali! É isto o que chamais de alma imortal.

Moser – Esta é a filosofia do vosso desespero. No entanto, até mesmo o vosso coração, no entanto, que durante estas provas bate angustiado contra as vossas costelas, mesmo ele castiga vossas mentiras... Estas teias de sistemas são destruídas por uma única palavra: Tu tens de morrer!... Eu desafio-vos, e esse desafio será a prova... Se mesmo à hora da morte ainda estiverdes firmes em vossas concepções, se mesmo aí não deixardes de lado vossas convicções, vós tereis vencido; mas se à hora da morte manifestardes o mais mínimo dos tremores, ai de vós! Vós tereis vos enganado redondamente!

Franz *(confuso)* – Se eu manifestar um tremor à hora da morte?

Moser – Eu já vi de perto muito mais misérias desse tipo que até aquela hora ofereciam à verdade um obstáculo gigantesco, mas à hora da morte até mesmo a ilusão bate suas asas em busca da verdade. Quero estar à beira de

vossa cama quando morrerdes... E gostaria, inclusive, de ver como um tirano parte desta para melhor... Sim, eu quero estar bem perto de vós e fixar meus olhos direto nos vossos quando o médico segurar vossa mão fria e molhada em busca de uma pulsação desmaiada, que ele mal conseguirá perceber, e vê-lo dizer depois disso, olhando-vos com aquele encolher de ombros terrível: Qualquer ajuda humana é vã! Oh, cuidai, sim, cuidai mesmo para que neste momento não vos mostreis semelhante a Ricardo e Nero![167]

Franz – Não! Não!

Moser – Também o não que acabaste de pronunciar tornar-se-á um sim tremebundo... Um tribunal interior, ao qual vós jamais conseguireis corromper através de cismas céticas, haverá de despertar nesse momento e fazer justiça sobre vós mesmos. Mas esse despertar será como o enterrar de um vivo no ventre do cemitério; será uma indignação similar à do suicida quando já deu o golpe mortal e de repente se arrepende; será como um raio que num golpe põe a meia-noite de vossa vida em chamas; será um olhar apenas, e se neste momento ainda estiverdes firmes, ah, então podereis considerar que vencestes!

Franz *(caminhando impaciente pelo quarto, para cá e para lá)* – Palrices de frade! Palrices de frade!

Moser – Pela primeira vez em vossa vida as espadas de uma eternidade atravessarão a vossa alma e pela primeira vez demasiado tarde... O pensamento chamado *Deus* desperta um vizinho temível cujo nome é *Juiz*. Vede, Moor, tendes a vida de mil na ponta de vossos dedos, e desses mil tornastes novecentos e noventa e nove desgraçados.

167. Ricardo III, da Inglaterra, conhecido por ser personagem da tragédia homônima de Shakespeare. Nero (37-68 d. C.), imperador romano. Temia a morte, pelo temor de que "ela" viesse a castigar as atrocidades que em vida cometeu. (N.T.)

Para ser um Nero falta-vos apenas o império romano, para ser Pizarro apenas o Peru.[168] Pois bem, acreditais que Deus irá perdoar que um único homem se assente em seu mundo como um tirano, fazendo daquilo que é alto e nobre a baixeza mais ignominiosa? Acreditais, por acaso, que esses novecentos e noventa e nove existem apenas para ser destruídos, para fazerem papel de bonecos em vossa peça satânica? Oh, não! Não acrediteis nisso! Ele haverá de cobrar de vós cada um dos minutos que vós roubastes deles, cada uma das alegrias que vós lhes envenenastes, cada realização que vós lhes impedistes. E se vós responderdes a isso, mantendo-vos firmes, então tereis vencido.

Franz – Não quero ouvir mais nada, nenhuma palavra! Queres que eu tome por oferta teus caprichos biliosos?

Moser – Vede bem, o destino dos homens paira a vossa frente mostrando um equilíbrio terrivelmente belo. Para aquele que o prato da balança afunda nesta vida, haverá de levantar na outra; para aquele que ele permanece alto aqui, haverá de afundar ao chão além. Tudo aquilo que foi sofrimento passageiro na terra será triunfo eterno no céu, o que foi triunfo finito por aqui, será desespero eterno e infinito no além.

Franz *(quer partir para cima dele)* – Que o trovão te torne mudo, espírito mentiroso que és! Quero te arrancar essa língua amaldiçoada da boca com minhas próprias mãos!

Moser – Sentis o peso da verdade tão cedo? E eu ainda nem falei nada a respeito de provas. Deixai que eu chegue primeiro às provas...

Franz – Cala-te, vá para o inferno com tuas provas! Aniquilada será a alma, eu te garanto, e não te atrevas a me responder acerca disso!

168. Conquistador do Peru, afamado pela sua crueldade. (N.T.)

Moser – Por causa disso gemem também os espíritos do abismo enquanto que aquele que está no céu apenas balança a cabeça. Pensais que podereis escapar ao braço do víndice no deserto Reino do Nada? Se fordes ao céu ele estará lá! Se vos revolverdes na cama do inferno, novamente ele estará lá! E se falardes à noite: esconda-me!, e à escuridão: oculta-me!, as sombras se farão luz a vossa volta e clarearão a meia-noite dos condenados... Mas vosso espírito imortal se opõe e se arrepia sob a palavra e triunfa sobre o pensamento cego.

Franz – Mas eu não quero ser imortal... que o seja quem quiser, eu não haverei de impedi-lo. Eu quero obrigá-lo a me aniquilar, eu quero provocá-lo à fúria a ponto de fazê-lo me aniquilar em sua fúria. Dize-me qual é o maior dos pecados, aquele que o leva à mais irada das iras?

Moser – Eu só conheço dois. Mas eles não são cometidos por *pessoas humanas*... Pessoas humanas sequer têm noção a respeito deles.

Franz – Os dois, quero os dois!...

Moser *(em tom grave)* – *Parricídio* é o nome do primeiro, *fratricídio* o nome do segundo... O que faz com que fiqueis tão pálido de repente?

Franz – O que, velho? Estás pactuado com o céu ou com o inferno? Quem foi que te disse isso?

Moser – Ai daquele que carregar esses dois crimes no coração! Para ele seria melhor não ter nascido jamais! Mas ficai calmo, vós não tendes mais nem pai nem irmão!

Franz – *Há!*... Nenhum pecado mais? Pensa um pouco... Morte, céu, eternidade, condenação, tudo paira no som que brota de tua boca... Com certeza, nenhum único a mais?

Moser – Nenhum único a mais!

Franz *(caindo sobre uma cadeira)* – Aniquilado! Aniquilado!

Moser – Alegrai-vos, ora, alegrai-vos! Tende-vos por felizes!... Com todas as vossas crueldades ainda sois um santo perante um parricida. A condenação que vos espera é, se comparada à condenação de um criminoso desses, uma canção de amor... a desforra...

Franz *(levantando de um salto)* – Que mil grutas te levem, coruja! Quem foi que te chamou para cá? Saia daqui ou, eu garanto, te atravesso com minha espada!

Moser – As palrices de um frade podem exasperar a tal ponto um filósofo desse calibre? Simplesmente soprai-o para longe com o hausto de vossa boca! *(Sai.)*

Franz *(joga-se de um lado para outro sobre a sua poltrona em movimentos assustadores. Pausa profunda.)*

Um criado chega, às pressas.

Criado – Amália fugiu, o conde sumiu de repente.

Daniel chega angustiado.

Daniel – Magnânimo senhor, uma tropa de cavalarianos fogosos desce a estrada que leva até aqui. Gritam: Morte! Morte!... Toda a aldeia está alarmada.

Franz – Vai, manda tocarem todos os sinos a um só tempo. Todos devem ir à igreja... todos devem se ajoelhar... rezar por mim... todos os presos devem ser soltos, quero dar aos pobres em dobro, em triplo tudo aquilo que lhes tomei, quero... assim quero partir... chame o confessor, a fim de que afaste de mim os meus pecados, abençoando-me... Ainda não foste? *(O barulho torna-se cada vez mais audível.)*

Daniel – Que Deus perdoe os meus pecados! Como é que vou providenciar tudo isso de novo? Vós sempre fizestes questão de jogar para fora, sobre as casas, os queridos

livros de reza, me mandastes a cabeça algum sermonário e não poucas bíblias ao me surpreender em oração...

Franz – Nada disso acontecerá mais... *Morrer!* Escutas? Morrer?... Será demasiado tarde. *(Ouve-se o alarido de Schweizer.)* Reza, vamos! Reza!

Daniel – Eu sempre vos disse... Vós desprezais Deus de tal forma... mas ficai atento, ficai atento! Quando a necessidade atacar o homem, quando a água tomar conta de vós alagando vossa alma, havereis de dar todos os tesouros do mundo por um simples suspirozinho cristão... Vede, agora! Vociferastes contra mim! Agora vedes o que acontece! Vedes, enfim?

Franz *(abraçando-o impetuosamente)* – Perdoa, perdoa, meu Danielzinho de ouro e pérolas... Quero vos vestir dos pés a cabeça em... mas agora reza... eu juro-vos que... juro-vos de joelhos... Em nome de Deus! Mas agora reza! *(Tumulto nas ruas, gritos, barulho.)*

Schweizer *(numa ruela, perto)* – Derrubai! Matai! Quebrai tudo! Eu vejo luz! Ele deve estar lá...

Franz *(de joelhos)* – Escutai minha oração, Deus do céu!... É a primeira vez... e com certeza a última... Escutai-me, Deus do céu!

Daniel – Meu favor! Que estais fazendo! Rezais como pagãos.

O povo amotinado.

Povo – Ladrões! Assassinos! Quem é responsável por um barulho tão medonho no meio da noite?

Schweizer *(ainda na ruela, perto)* – Mandai-os de volta a golpes, camarada... Aqui é o diabo, e ele quer levar vosso senhor... Onde está o Schwarz com o seu grupo?... Faze a volta por trás do castelo, Grimm... Toma o muro que o cerca!

Grimm – Pegai vossas tochas... Ou nós subimos ou ele desce... Eu quero pôr fogo em suas salas.

Franz *(rezando)* – Eu não fui um assassino comum, senhor meu Deus... nunca me dediquei a pequenezas, senhor meu Deus...

Daniel – Deus tenha piedade de nós! Até suas orações se tornam pecados. *(São arremessadas pedras e tochas. As vidraças quebram. O castelo queima.)*

Franz – Eu não sei rezar...[169] Aqui, aqui! *(Batendo ao peito e à testa.)* Tudo está tão deserto... tão seco. *(Levanta-se.)* Não, também não quero rezar... Este triunfo o céu não haverá de ter, o inferno não me fará esta troça...

Daniel – Jesus, Maria! Ajudai... salvai... o castelo inteiro está em chamas!

Franz – Aqui, toma esta espada. Depressa. Atravessa-me o ventre pelas costas com ela, a fim de que estes maganões não me levem prisioneiro e façam troça de mim.[170] *(O fogo aumenta sensivelmente.)*

Daniel – Deus me livre! Deus me livre! Não me agrada mandar ninguém ao céu demasiado cedo, sim, demasiado cedo... *(Ele some.)*

Franz *(olhando atrás dele fixamente)* – Ao inferno, querias dizer? Com certeza! Eu farejo alguma coisa nesse sentido... *(Enlouquecido.)* São estes os teus claros trinados? Escuto-vos sibilar, serpentes do abismo?... Eles estão subindo... se aproximam da porta... por que titubeio ante esta ponta afiada?... A porta rebenta... cai... é impossível escapar!... Ahá! Já que é assim, tende piedade de mim! *(Ele arranca o barbicacho dourado de seu chapéu e enforca-se.)*

Schweizer chega com seus homens

169. É a mesma a declaração de Claudius no *Hamlet* 3, 3. (N.T.)

170. Semelhante ao pedido do Rei Saul em Samuel I, Cap. 31, Vers. 4. (N.T.)

Schweizer – Canalha assassino, onde estás?... Vós os vistes fugindo?... Será que ele tem tão poucos amigos?... Onde foi que essa besta se escondeu?

Grimm *(tropeçando no cadáver)* – Um momento, o que é que está deitado aí, no caminho? Iluminai aqui...

Schwarz – Ele adotou a prevenção. Guardai vossas espadas, aqui está ele, mortinho como um rato.

Schweizer – Morto! O quê? Morto sem que eu pusesse a mão?... Disfarça, eu garanto! Fiquem atentos, daqui a pouco ele se põe rapidinho sobre as pernas!... *(Sacode-o.)* Ei, tu aí! Ainda existe um pai para matar.

Grimm – Não te dá ao trabalho. Ele está mortinho da silva.

Schweizer *(afastando-se dele)* – Sim! Ele não se alegra... Está mortinho da silva... Voltai e dizei-o a meu capitão: Ele está mortinho da silva... A mim, o capitão não verá mais. *(Rebenta-se o crânio com um tiro.)*

Segunda cena

O mesmo lugar da última cena do ato anterior.
O Velho Moor sentado sobre uma pedra.
À frente dele Moor, o bandoleiro.
Bandoleiros aqui e acolá, pela floresta.

Bandoleiro Moor – E ele ainda não vem? *(Bate com o punhal sobre uma pedra, lançando faíscas ao ar.)*

O Velho Moor – Que o perdão seja seu castigo... e minha vingança amor redobrado.

Bandoleiro Moor – Não, pela minha alma irada, não! Isso não acontecerá, não quero que isso aconteça. Ele

deve arrastar consigo para a eternidade o grande crime que cometeu!... Caso contrário eu o mataria em vão!

O Velho Moor *(rebentando em lágrimas)* – Oh, meu filho!

Bandoleiro Moor – O quê?... Tu choras por ele... nesta torre?

O Velho Moor – Misericórdia! Oh, misericórdia! *(Entrelaçando as mãos com violência.)* Agora... agora meu filho será condenado!

Bandoleiro Moor *(assustando-se)* – Qual deles?

O Velho Moor – Há! Que pergunta é essa?

Bandoleiro Moor – Nada! Nada!

O Velho Moor – Vieste para lançar risadas irônicas sobre os meus lamentos?

Bandoleiro Moor – Consciência traidora!... Não dai bola a minhas palavras.

O Velho Moor – Sim, eu atormentei um filho e um filho tinha de voltar para me atormentar... Isso é o dedo de Deus... Oh, meu Karl! Oh, meu Karl! Se tu pairasses à minha volta vestindo paz! Perdoa-me. Oh, perdoa-me!

Bandoleiro Moor *(rápido)* – Ele vos perdoa... *(Tocado.)* Se é que ele é digno de ser vosso filho... Ele tem de vos perdoar.

O Velho Moor – Há! Ele foi demasiado senhoril para comigo... Mas quero ir ao seu encontro com minhas lágrimas, minhas noites insones, meus sonhos torturantes... Quero abraçar seus joelhos... gritar... gritar bem alto: eu pequei contra os céus e contra ti. Não sou digno de que me chames de pai.[171]

171. Outra ressonância bíblica. Semelhante à parábola do *Filho pródigo*, Lucas, 15. (N.T.)

Bandoleiro Moor *(profundamente tocado)* – Era querido para vós, vosso outro filho?

O Velho Moor – Tu o sabes, ó céu. Por que fui me deixar seduzir pelas intrigas de um filho? Como um pai adorado eu andei pelo mundo entre os outros pais da humanidade. Meus filhos floresciam cheios de esperança e belos à minha volta. Mas... oh, a hora fatal!... O espírito maldoso adentrou o coração do segundo deles e eu confiei na serpente... Perdidos, meus dois filhos... *(Esconde o rosto.)*

Bandoleiro Moor *(afastando-se para longe dele)* – Perdidos para sempre!

O Velho Moor – Oh, eu senti bem no fundo o que Amália me disse, o espírito da vingança falou por sua boca: Em vão estenderás tuas mãos moribundas em busca de um filho, em vão desejarás envolver a mão calorosa de teu Karl, que jamais voltará a estar parado ao lado de tua cama...

Bandoleiro Moor *(estende-lhe a mão com o rosto virado para o lado.)*

O Velho Moor – Oh, se fosse esta a mão de meu Karl!... Mas ela está longe, na morada estreita,[172] já dorme o sono eterno e não ouve mais a voz do meu lamento... Ai de mim! Morrer nos braços de um estranho... Sem filho... Sem filho nenhum... para fechar-me os olhos...

Bandoleiro Moor *(com movimentos cheios de ímpeto)* – Agora tem de ser... agora... *(Aos bandoleiros.)* Deixai-me! E, todavia... posso lhe trazer de volta o seu filho?... Não, já não posso lhe trazer de volta o seu filho... Não! Não quero fazê-lo.

172. Refere-se ao túmulo. É a mesma expressão de Ossian, constante no *Werther* de Goethe e repetida por várias vezes. Há ressonância de várias das obras de Goethe na peça como já vimos anteriormente. Há uma semelhança geral de "tom" com o *Werther* e vários dos rasgos da peça *Götz von Berlichingen*, obra do também jovem Goethe e um tanto aparentada tematicamente. (N.T.)

O Velho Moor – Como, amigo? Que foi que murmuraste?

Bandoleiro Moor – Teu filho... Sim, velho homem... *(Balbuciante.)* Teu filho... teu filho está... para sempre perdido.

O Velho Moor – Para sempre?

Bandoleiro Moor *(no mais terrível dos impasses, olhando em direção ao céu.)* – Oh, só desta vez... Não deixai que a minha alma empalideça e desista... Só desta vez deveis manter-me direito.

O Velho Moor – Para sempre, disseste?

Bandóleiro Moor – Não perguntai mais nada. Para sempre, eu disse.

O Velho Moor – Estranho! Estranho! Por que foi que me tiraste da torre?

Bandoleiro Moor – E como?... *(Baixo, para si mesmo.)* Se agora eu surripiar sua benção, se eu surripiá-la como um ladrão e me afastar sorrateiramente daí com o botim divino, ah, aí... A benção paterna, é o que se diz, jamais é perdida.

O Velho Moor – Também o meu Franz está perdido?...

Bandoleiro Moor *(cai a frente dele)* – Eu rebentei a tramela de tua torre... Dá-me a tua benção!

O Velho Moor *(com dor)* – Oh, tinhas de exterminar o filho, salvador do pai!... Vê, a divindade não cansa em sua misericórdia e nós, vermes miseráveis, vamos dormir com nosso ódio. *(Deita sua mão sobre a cabeça do bandoleiro.)* Sê tão feliz quanto for grande tua misericórdia!

Bandoleiro Moor *(desencorajado, levantando-se)* – Oh... onde está minha hombridade? Minhas inclinações se atordoam, o punhal cai-me das mãos.

O Velho Moor – Que agradável é ver dois irmãos em concórdia, morando juntos, como o orvalho que cai do Hermon[173] nas montanhas de Sião...[174] Aprendei a merecer esta volúpia, jovem homem, e os anjos do céu haverão de buscar o sol de tua glória. Que tua sabedoria seja a sabedoria dos cabelos brancos, mas que teu coração... que teu coração seja o coração da criança inocente.

Bandoleiro Moor – Oh, um antegozo dessa volúpia... Beija-me, velho divinal!

O Velho Moor *(beija-o)* – Pensa que este é o beijo de teu pai que eu pensarei estar beijando o meu filho... Tu também sabes chorar?

Bandoleiro Moor – Pensei, sim, que era o beijo de meu pai!... Ai de mim, se eles agora o trouxessem!

A tropa de Schweizer aparece em silêncio fúnebre. Todos estão de cabeças baixas e rostos cobertos.

Bandoleiro Moor – Céus! *(Volta timidamente para trás e procura esconder-se. Eles passam diante dele. O capitão não olha para eles. Pausa profunda. Eles param.)*

Grimm *(em tom grave)* – Meu capitão. *(O bandoleiro Moor não responde e volta-se mais ainda para trás.)*

Schwarz – Caro capitão. *(O bandoleiro Moor afasta-se ainda mais.)*

Grimm – Nós somos inocentes, meu capitão.

Bandoleiro Moor *(sem olhar para eles)* – Quem sois vós?

Grimm – Tu não queres olhar para nós, teus fiéis camaradas.

173. A mais alta das montanhas do Antelíbano. (N.T.)

174. Comparar com Salmo 133, 1-3. (N.T.)

Bandoleiro Moor – Ai de vós, se fostes fiéis a mim!

Grimm – O último adeus de teu servo Schweizer... Ele não voltará jamais... o teu servo Schweizer.

Bandoleiro Moor *(levantando de um salto)* – De modo que não o achastes?

Schwarz – Achamo-lo morto.

Bandoleiro Moor *(alegre, saltando a frente)* – Agradeço-vos, condutor das coisas... Abraçai-me, meus filhos... A misericórdia será, a partir de hoje, a solução... Assim também isso seria deixado para trás... Tudo seria deixado para trás...

Chegam novos bandoleiros. E Amália.

Bandoleiros – Eia, viva, eia! Foi uma caça e tanto!

Amália *(de cabelos esvoaçantes e desalinhados)* – Os mortos, eles disseram, levantaram-se à sua voz... Meu tio está vivo... aqui, nessa floresta... Onde está ele? Karl! Tio!... Ahá! *(Dando de cara com o velho e correndo para ele.)*

O Velho Moor – Amália! Minha filha! Amália! *(Segura-a fortemente em seus braços.)*

Bandoleiro Moor *(dando um salto para trás)* – Quem é que põe este quadro ante meus olhos?

Amália *(escapa ao velho e corre em direção ao bandoleiro, envolvendo-o encantada.)* – Eu voltei a tê-lo, oh, estrelas do céu! Eu voltei a tê-lo!...

Bandoleiro Moor *(libertando-se dos braços dela e dirigindo-se aos bandidos)* – Calai-vos, basta! O inimigo mortal traiu-me!

Amália – Meu noivo, meu noivo, tu estás louco! Louco de encantamento! E por que eu também me sinto tão insensível, tão fria em meio ao torvelinho?

O Velho Moor *(tentando conter-se)* – Noivo? Filha! Filha! Tens um noivo?

Amália – Para sempre! Para sempre, eternamente meu!... Oh, poderes dos céus! Livrai-me dessa volúpia mortal a fim de que eu não desmanche sob a carga!

Bandoleiro Moor – Arrancai-a de meu pescoço! Matai-a! Matai a ele! A mim! A vós! Todos! Tudo! O mundo inteiro deve cair por terra! *(Quer fugir dali.)*

Amália – Para onde? O quê? Eternidade amável! Infinidade deliciosa, e tu foges?

Bandoleiro Moor – Fora! Fora!... Noiva desventurada!... Vê tu mesma, pergunta tu mesma! Escuta!... Pai desventurado! Deixai que eu fuja daqui para sempre!

Amália – Segurai-me! Pelo amor de Deus, segurai-me!... A noite está descendo sobre meus olhos, vou cair... Ele foge!

Bandoleiro Moor – Tarde demais! Em vão! Tua maldição, pai... Não me pergunte mais nada!... Eu sou... eu tenho... tua maldição... a maldição que pensaste!... Quem foi que me atraiu para cá? *(Correndo sobe os bandidos de espada em punho.)* Quem de vós foi que me atraiu para cá, criaturas do abismo?... Desmanche, então, Amália!... Morre, pai! Morre por causa de mim pela terceira vez!... Estes salvadores são ladrões e assassinos! Teu Karl é o capitão deles!

O velho Moor cai, perdendo os sentidos. Amália fica parada, muda e ereta como uma estátua. O bando inteiro permanece em silêncio apavorante.

Bandoleiro Moor *(correndo de encontro a um carvalho)* – A alma daqueles que eu estrangulei na vertigem

do amor... daqueles que eu esmaguei no sono santo... daqueles... Rá, rá, rá! Escutais a torre de pólvora explodir sobre as camas das parturientes? Vedes as chamas batendo nos berços das crianças de peito? Isso é uma tocha de noivado, música de casamento... Oh, ele não esquece de nada, ele sabe atar bem as coisas... Por isso, longe de mim as delícias do amor! Por isso o amor como forma de me torturar! Isso é desforra!

Amália – É verdade! Senhor dos céus e da terra! É verdade... O que foi que eu fiz, eu, ovelha inocente? Eu amei esse daí!

Bandoleiro Moor – Isso é mais do que um homem pode suportar. Eu, que já ouvi a morte assobiar para mim de mais de mil canos fumegantes sem me desviar dela sequer um pé de distância, tenho de aprender recém agora a tremer como uma mulher? Tremer por causa de uma mulher?... Não, uma mulher não é capaz de balançar a minha masculinidade... Sangue, sangue! Isso é apenas a influência da mulher... Eu tenho de beber sangue e isso haverá de passar. *(Ele quer fugir dali.)*

Amália *(caindo em seus braços)* – Assassino! Demônio! Eu não posso te deixar, anjo!

Bandoleiro Moor *(arrancando-se dos braços dela)* – Fora, cobra falsa, queres zombar de mim, mas eu me oponho à tirania da fatalidade... O quê? Tu choras? Oh, estrelas malvadas e perdidas! Ela finge chorar, ela simula o choro de uma alma à minha volta! *(Amália cai ao seu pescoço.)* Ahá, o que é isso? Ela não cospe em mim, ela não me afasta de si... Amália? Esqueceste de tudo? Sabes de fato a quem estás abraçando, Amália?

Amália – Único, inseparável!

Bandoleiro Moor *(desabrochando, em delícia estática)*[175] – Ela me perdoa! Ela me ama! Eu sou puro como o éter dos céus, ela me ama!... Agradeço-te chorando, misericordioso que habitas o céu! *(Ele cai sobre os joelhos chorando impetuosamente.)* A paz de minha alma voltou, os tormentos deram tudo que tinham a dar, o inferno já não é mais... Vê, vê, os filhos da luz choram ao pescoço do demônio choroso...[176] *(Levantando-se e dirigindo-se aos bandidos.)* Chorai vós também! Chorai, chorai, vós sois tão felizes... Oh, Amália! Amália! Amália! *(Ele pendura-se à sua boca e eles permanecem abraçados, mudos.)*

Um Bandoleiro *(dando um passo à frente, irado)* – Para, traidor!... Deixa este braço cair ou... ou eu haverei de te dizer uma palavra que zumbirá em teus ouvidos, basta eu abrir a boca e teus dentes baterão sentindo o horror! *(Estende a espada entre os dois.)*

Um velho Bandoleiro – Pensa nas florestas da Boêmia! Estás ouvindo? Titubeias?... Tens de pensar nas florestas da Boêmia... Infiel, onde estão teus juramentos? Esqueces-te das nossas feridas em tão pouco tempo? Quando arriscamos felicidade, honra e vida por tua causa? Quando paramos à tua volta como muros, quando apanhamos os golpes que abatiam tua vida como se fôssemos barreiras... Não levantaste naquele momento a tua mão num juramento férreo, prometendo *jamais nos abandonar* assim como nós jamais havíamos te abandonado?... Desonrado! Infiel! Agora queres dar o fora só por que uma mocinha leviana choraminga?

175. Note o leitor que esta é uma das pouquíssimas vezes – se não a única – em que os gestos de Karl von Moor – que ademais é imitado por todos os outros personagens, pois este é o tom da peça – não são rompantes, não saltam, não rebentam. Se tudo era ímpeto na peça, até agora, agora o ímpeto se quebra na ilusão da paz e da ventura. (N.T.)

176. Expressão bíblica e klopstockiana. Ver por exemplo, Apocalipse, Cap. 12, Vers. 7. (N.T.)

Um Terceiro Bandoleiro – Arre para o perjúrio! O espírito do sacrificado Roller, que tu obrigaste a testemunhar do reino dos mortos, haverá de corar ante a tua covardia, e levantar armado de sua tumba a fim de te açoitar.

Os Bandoleiros *(misturados, em confusão, arrancando-se as roupas)* – Olha aqui, olha! Conheces esta cicatriz? Tu és nosso! Com o sangue do nosso coração te compramos como servo, tu nos pertences, mesmo que o arcanjo Miguel aparecesse com o Moloch na peleja!... Marcha conosco, vítima por vítima, *sacrifício por sacrifício!* Amália pelo bando!

Bandoleiro Moor *(deixa suas mãos caírem)* – É o fim!... Eu queria dar a volta e ir ao encontro de meu pai, mas aquele que está no céu falou que não deveria ser assim. *(Frio.)* Pobre estúpido, eu! Mas também, por que foi que o quis assim? Desde quando um grande pecador pode voltar? Um grande pecador não pode voltar jamais, isso eu já deveria saber há tempo... Fique calada, eu te peço, fique calada! Assim é que está direito... Eu não quis quando ele me procurou, e agora, quando eu o procuro, é *ele* que não quer. O que pode ser mais justo?... Não revira assim teus olhos... ele já não precisa mais de mim. Não tem ele criaturas suficientes? Ele pode dispensar uma delas com a maior facilidade, e essa uma sou eu, agora... Vinde, camaradas!

Amália *(puxando-o de volta)* – Para! Pare um momento! Um golpe! Só um golpe fatal! Me abandonar novamente não! Puxa tua espada e tem piedade!

Bandoleiro Moor – A minha piedade fugiu em direção às montanhas... eu não te matarei!

Amália *(abraçando os joelhos dele)* – Oh, pelo amor de Deus, tem piedade! Eu já não quero mais amor, fique sabendo. Que lá longe nossas estrelas fujam uma a outra, inimigas... Eu peço apenas a morte... Abandonada!

Abandonada! Entenda isso em toda sua completude terrível: Abandonada! Eu não posso suportá-lo. Tu sabes bem que nenhuma mulher é capaz de suportá-lo. Eu peço apenas a morte, apenas a morte! Vê, minha mão treme! Não tenho o coração forte o suficiente para dar o golpe. Tenho medo do corte abrindo... e para ti isso é tão fácil, tão fácil... És um mestre em matar, puxa tua espada e eu serei feliz!

Bandoleiro Moor – Queres ser feliz sozinha? Fora! Eu não mato mulheres!

Amália – Ahá, exterminador! Tu só consegues matar os felizes. Por aqueles que estão cansados da vida tu passas fazendo pouco caso. *(Arrasta-se em direção aos outros bandoleiros.)* Então tende vós piedade de mim, vós que sois os aprendizes do carrasco!... Há tanta compaixão sedenta de sangue em vossos olhos e essa compaixão é um consolo à desgraçada... Vosso mestre é um fanfarrão vaidoso e covarde.

Bandoleiro Moor – Mulher, o que dizes? *(Os bandoleiros viram-se de costas.)*

Amália – Nenhum amigo entre vós?... Nem entre esses um amigo? *(Ela levanta-se.)* Pois bem, que então Dido me ensine a morrer![177] *(Ela quer ir, um dos bandoleiros faz pontaria.)*[178]

Bandoleiro Moor – Pare! Não ouse... A amada de Moor só pode morrer pelo braço de Moor! *(Ele mata-a.)*

177. Filha do rei da Síria, que cometeu suicídio ao ser abandonada por Eneias. (N.T.)

178. Perceba o leitor como Schiller sabe trabalhar com a tensão. Ele se restringe apenas a dizer: "um dos bandoleiros faz pontaria" sem mencionar o que acontece no mesmo intervalo. Ele não pensa a peça apenas para ser montada, mas também para ser lida, caso contrário diria o que está para acontecer deixando a tensão ao trabalho do palco. O desenlace, a seguir, é seco. (N.T.)

Os Bandoleiros – Capitão! Capitão! Que fazes? Ficaste louco?

Moor *(olhando fixamente para o cadáver)* – Ela foi atingida! É só mais um estertor e aí estará tudo acabado... Pois então, vede! Tendes mais alguma coisa a cobrar? Vós me sacrificais uma vida, uma vida que já nem era mais vossa, uma vida cheia de atrocidades e desonras... Eu vos abati um anjo. Olhai, olhai direto para cá! Estais satisfeitos agora, por acaso?

Grimm – Tu pagaste tuas dívidas com juros. Fizeste o que nenhum homem seria capaz de fazer pela sua honra. Vamos embora, agora!

Moor – Sim, é como dizes... Não é verdade que é uma barganha desigual trocar a vida de uma santa pela vida de um punhado de canalhas?... Oh, eu vos garanto, se cada um de vós fosseis ao cadafalso e vos arrancásseis, cada um de vós, um ao outro, um pedaço de carne com uma tenaz ardente, de modo que o martírio durasse onze dias de verão, tudo isso não acalentaria essas lágrimas. *(Com uma gargalhada amarga.)* As cicatrizes, as florestas da Boêmia! Sim, sim! Isso teria de ser pago livremente...

Schwarz – Basta, capitão! Vem conosco, essa vista não é para teus olhos. Conduza-nos adiante.

Bandoleiro Moor – Espere... Só mais uma palavra, antes de partirmos... Percebei bem, beleguins maliciosos, sempre prontos a seguir meu sinal bárbaro... Deste momento em diante eu deixo de ser vosso capitão. Com vergonha e horror deponho aqui este bastão sanguinário, sob o qual vós vos sentistes autorizados a violar e destruir e sujar com o sangue de obras sombrias esta luz celestial... Ide para a direita e para a esquerda... Nós não haveremos jamais de encaminhar qualquer coisa juntos.

Bandoleiros – Ahá, covarde! Onde estão teus planos altaneiros? Eram apenas bolhas de sabão que estouram ao sopro de uma mlher?

Bandoleiro Moor – Oh, pobre estúpido que eu fui ao acreditar que poderia embelezar o mundo através da atrocidade, ao pensar que poderia regular a lei e a falta dela... Eu dei ao ato o nome de vingança e de justiça... Eu tomei medidas, oh, precaução, eu tomei medidas para remendar as falhas de tua espada, revidando teu partidarismo com minha bondade... no entanto... Oh, criancice vaidosa... aqui estou eu à beira de uma vida horrorosa, e agora experimento através de gemidos e ranger de dentes que *duas pessoas como eu*[179] *haveriam de botar por terra todo o edifício do mundo moral.* Piedade... Piedade ao moço que quis antecipar-se a *Ti*... a vingança é propriedade só *Tua. Tu* não necessitas de mãos humanas. Mas lamentavelmente já não tenho em mãos o poder de voltar atrás e recuperar o passado... O que já está deteriorado permanecerá deteriorado... O que eu derribei jamais voltará a levantar-se... Mas ainda me resta algo com o que posso pagar minha dívida com a lei ofendida, voltando a restaurar a ordem maltratada. Ela necessita de um sacrifício... um sacrifício que ostente sua majestosidade invulnerável ante os olhos da humanidade inteira... Este sacrifício sou eu mesmo. Eu mesmo tenho de morrer a morte por causa dela.

Bandoleiros – Tirai a espada de suas mãos... Ele quer matar-se!

Bandoleiro Moor – Estúpidos que sois! Estais condenados à cegueira eterna! Pensais por acaso que um pecado mortal seria o equivalente bastante contra vários pecados mortais? Pensais por acaso que a harmonia do mundo voltaria a ser ganha através de uma dissonância pagã?

179. Fala de si e de seu irmão, Franz, a quem torna seu igual no momento terrível. (N.T.)

(Joga suas armas aos pés deles com desprezo.) Ela me terá vivo! Eu vou... Vou me entregar voluntariamente às mãos da justiça.

Bandoleiros – Acorrentai-o, rápido! Ele enlouqueceu.

Bandoleiro Moor – Não que eu acredite que a justiça não me acharia a tempo, se as forças superiores assim o quisessem. Mas ela quer me surpreender no sono, me alcançar na fuga ou me abraçar com violência e espadas, e aí estaria perdido também o meu único mérito, ou seja, o de me entregar voluntariamente à morte por ela. Por que deveria eu, semelhante a um ladrão, me esconder durante uma vida inteira, que há tempo já me foi tomada segundo o conselho dos guardas celestiais?

Bandoleiros – Deixai que ele vá! É o vício da grandeza. Ele quer entregar sua vida à admiração vaidosa.

Bandoleiro Moor – É, eu poderia ser admirado por isso. *(Depois de refletir um pouco.)* Eu me recordo de haver falado, quando vim para cá, com um pobre miserável que trabalhava arrendando seus dias e tinha onze filhos vivos... Ofereceram mil louisdores a quem trouxer o grande bandoleiro vivo... Esse homem pode ser ajudado. *(Ele sai.)*

FIM